

ANITA VERA BLISKA

**CAPITAL SOCIAL EM COMUNIDADES VIRTUAIS DE
APRENDIZAGEM**

**São Paulo
2007**

ANITA VERA BLISKA

CAPITAL SOCIAL EM COMUNIDADES VIRTUAIS DE
APRENDIZAGEM

Dissertação apresentada à Escola de
Comunicações e Artes da Universidade de
São Paulo, como exigência parcial para
obtenção do título de Mestre em Ciências
da Comunicação

Área de Concentração: Interfaces Sociais
da Comunicação, Linha de Pesquisa
Educomunicação

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Brasilina Passarelli

São Paulo
2007

ANITA VERA BLISKA

CAPITAL SOCIAL EM COMUNIDADES VIRTUAIS DE
APRENDIZAGEM

Dissertação apresentada à Escola de
Comunicações e Artes da Universidade de
São Paulo, como exigência parcial para
obtenção do título de Mestre em Ciências
da Comunicação

Área de Concentração: Interfaces Sociais
da Comunicação, Linha de Pesquisa
Educomunicação

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Brasilina Passarelli

São Paulo
2007

A meus filhos
Fernanda Bliska de Salles e
João Paulo Bliska de Salles (*in memoriam*)

AGRADECIMENTOS

A meus pais, vozes fundadoras do que penso, faço ou escrevo; aos meus filhos pelo amor, carinho, compreensão nesta jornada; aos meus irmãos que sem o amparo e presença não teria completado esta tarefa; à minha orientadora Prof^a. Dr^a. Brasilina Passarelli, pela dedicação, apoio, auxílio e presença no direcionamento e re-direcionamento desta dissertação. Se fosse nomear a todos, seguramente esqueceria alguém. Não quero correr esse risco. Saibam, meus amigos e professores, da ECA, funcionários dos departamentos, colegas do curso de Gestão em Processos Comunicacionais, Escola do Futuro/USP, da UFSC, os próximos e distantes, de São Paulo e de Brasília, que sou devedora eterna por todo suporte, especialmente nesta etapa final.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é propor um instrumento de medição de desempenho em Comunidades Virtuais de Aprendizagem (CVA). Para isso foram utilizadas as variáveis da teoria do capital social. Todo o trabalho está direcionado à construção de uma matriz composta pelas variáveis: (a) capital social estrutural, sob o enfoque econômico, aqui relacionado aos fatores de infra-estrutura tecnológica e utilização de ambientes virtuais, bem como às políticas de incentivo ao uso de recursos de Tecnologia da Informação; (b) capital social cognitivo, gerado por meio da criação da cultura virtual e (c) coesão social sob o enfoque ações coletivas, analisadas a partir da interação e colaboração entre seus participantes no tocante à promoção de tais ações. A pesquisa parte do pressuposto de que a geração de conhecimento em ambientes virtuais de aprendizagem está relacionada à alfabetização digital e à conseqüente utilização dos ambientes virtuais pelos participantes da comunidade em estudo. A metodologia está fundamentada na análise etnográfica do ambiente estudado, nas técnicas de coleta por meio de questionário, bem como na análise da construção de um discurso do sujeito coletivo. Uma visão estruturada dessas questões relativas ao desempenho de uma CVA está representada na Matriz do Capital Social resultante. Esta visão converge para os requisitos almejados nas análises de desempenho, ou seja para o estabelecimento de metas de gestão e a avaliação de seus resultados.

Palavras-chave: Comunidades Virtuais de Aprendizagem (CVA). Capital Social. Capital Social Estrutural. Capital Social Cognitivo. Coesão Social. Ações Coletivas. Matriz do Capital Social.

ABSTRACT

This paper has the objective of proposing a measuring tool for performances in Virtual Learning Communities (VLC). For this purpose, variables of the theory of social capital have been used. The whole work heads for the building of a matrix with the following variables: a) structural social capital under economic focus, here related to factors such as technological infra-structure and the use of virtual environments, as well as policies to encourage the use of resources of Information Technology (IT); b) cognitive social capital, generated through the creation of virtual culture, and c) social cohesion under the focus of social actions, analyzed from the point of view of the interaction and cooperation of their participants in respect to the promotion of such actions. The research starts from the presupposition that knowledge generation in virtual learning environments is related to digital literacy, and the use of virtual environments by the participants of the studied community is a consequence. The methodology is based on the ethnographic analysis of the environment under study, on the techniques of collecting data through questionnaires, as well as on the analysis of the construction of a discourse of a collective subject. A structured view of these questions related to the performance of a VLC is represented in the resulting Social Capital Matrix. This view converges to the requisites desired in the different performance analyses or, in other words, to the establishment of management goals and the assessment of their results.

Keywords: Virtual Learning Communities (VLC). Structural Social Capital. Cognitive Social Capital. Social Cohesion. Social Actions. Social Capital Matrix.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Faixa Etária da Amostra da Pesquisa.....	80
Gráfico 2 – Utilização de AVA por grupos.....	81
Gráfico 3 – Frequência na utilização de ferramentas de TI por grupo.....	82
Gráfico 4 – Aprendizagem cooperativa em cva	83
Gráfico 5 - Frequência de uso de ferramentas de TI para pesquisas acadêmicas.....	84
Gráfico 6 – Percentual de participantes com domínio/site próprios.....	85
Gráfico 7 - Interesse em participaÇÃO em cursos associados à AVA	86
Gráfico 8 – Interesse em participação em cursos associados à AVA por grupos.	87
Gráfico 9 – Percepção da interação ocorrida em decorrência da associação à AVA	88
Gráfico 10 –Frequência na participação em fóruns de discussão por grupo	90
Gráfico 11- Fatores para variável capital social estrutural.....	93
Gráfico 12 - Fatores para variável capital social estrutural.....	94
Gráfico 13 - Fatores para variável capital social cognitivo	95
Gráfico 14 - Fatores para variável capital social cognitivo	96
Gráfico 15 - Fatores para variável coesão social.....	98
Gráfico 16 - Fatores para variável coesão social.....	99

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Matriz do Capital Social	12
Quadro 2 - Macro Estrutura Da Dissertação	15
Quadro 3 - Metodologia – Fases da Pesquisa.....	59
Quadro 4 - Matriz do Capital Social	77
Quadro 5 - Configuração da Variável Capital Social Estrutural	91
Quadro 6 - Configuração da Variável Capital Social Cognitivo.....	92
Quadro 7 - Configuração da Variável Coesão Social.....	92
Quadro 8 - Formatação da Variável Capital Social Estrutural	100
Quadro 9 - Formatação da Variável Capital Social Cognitivo	100
Quadro 10 - Formatação da Variável Coesão Social	101
Quadro 11 - Roteiro Base para os Relatos do Sujeito Coletivo	116
Quadro 12 - Ech e Ic para Variável Capital Social Estrutural	118
Quadro 13 - Fatores Identificados para Variável Capital Social Estrutural	119
Quadro 14 - Ech e Ic para Variável Capital Social Estrutural	122
Quadro 15 - Fatores Identificados para Variável Capital Social Estrutural	122
Quadro 16 - Ech e Ic para Variável Capital Social Cognitivo.....	125
Quadro 17 - Fatores Identificados para Variável Capital Social Cognitivo.....	126
Quadro 18 - Ech e Ic para Variável Capital Social Cognitivo.....	129
Quadro 19 - Fatores Identificados para Variável Capital Social Cognitivo.....	129
Quadro 20 - Ech e Ic para Variável Coesão Social.....	132
Quadro 21 - Fatores Identificados para Variável Coesão Social.....	132
Quadro 22 - Ech e Ic para Variável Coesão Social.....	134
Quadro 23 - Fatores Identificados para Variável Coesão Social.....	135

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 PROCESSOS COMUNICACIONAIS E TI.....	17
1.1 INOVAÇÕES E USOS SOCIAIS DAS REDES DE TI	17
1.2 PROCESSOS GLOBALIZANTES	19
1.3 IMPACTOS DAS TI NA COMUNICAÇÃO	22
2 DELIMITAÇÃO DE FRONTEIRAS.....	26
2.1 DA LOUSA AOS AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM.....	27
2.2 COMUNIDADES DE APRENDIZAGEM E CVA	30
2.3 COMUNIDADES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM E DE PRÁTICA.....	38
3 DEMARCAÇÃO DO TERRITÓRIO PARA O CAPITAL SOCIAL EM CVA	44
3.1 A CONDIÇÃO DE CONTOURNO DO CAPITAL SOCIAL EM CVA.....	44
3.2 CAPITAL SOCIAL COMO QUINTO FATOR DE PRODUÇÃO	48
3.3 CAPITAL SOCIAL APLICADO À CVA.....	56
4 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	58
4.1 PESQUISA ETNOGRÁFICA.....	59
4.2 A METODOLOGIA DO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO	68
4.3 ESTRUTURAÇÃO DA MATRIZ DO CAPITAL SOCIAL PARA A CVA	73
5 COMPONENTES DA MATRIZ DO CAPITAL SOCIAL	78
5.1 COMPOSIÇÃO DA AMOSTRA.....	78
5.2 APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO	79
5.3 DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO OBSERVADO NAS ENTREVISTAS.....	91
6 COMPLETANDO O CÍRCULO: RETORNO PARA FUTUROS APERFEIÇOAMENTOS	102
7 REFERÊNCIAS.....	105
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO DA PESQUISA	112
APÊNDICE B – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS	116
APÊNDICE C – PAINÉIS DO DSC	117
APÊNDICE D – REPRODUÇÃO DO BLOG DA DISCIPLINA CCVAEP	136

INTRODUÇÃO

A informação adquiriu posição de destaque como recurso fundamental para o desenvolvimento da sociedade, quando na década de 70 um novo paradigma tecnológico, organizado com base na tecnologia da informação, veio a ser constituído. Inserida em uma estrutura capaz de criar conhecimento, que por sua vez produz mais informação, torna-se geradora de um fluxo perene de informação que possibilita, em função das transformações tecnológicas, promover alterações profundas nos mais variados segmentos da sociedade. A tecnologia da informação é essencial para o mundo moderno. O perigo está em que sua instantaneidade defina as metas (MARTÍN-BARBERO, 2004).

Historicamente, as grandes mudanças estão atreladas ao desenvolvimento do conhecimento e à aplicação desse saber em diferentes áreas das ciências. Dito de outra forma, as ciências representam as várias formas do conhecimento humano que geram produtos, rendimento e riqueza. Esses atributos estão presentes neste estudo interdisciplinar que mescla comunicação e tecnologia, como aspectos da infra-estrutura necessária ao ambiente virtual de aprendizagem (AVA). A produção de conhecimento decorrente de tais ambientes constitui geração de riqueza, motivo pelo qual introduziu-se o conceito econômico de *capital social*.

O objetivo deste trabalho é propor um instrumento de medição de desempenho na produção de conhecimento em Comunidades Virtuais de Aprendizagem (CVA). Para isso foram utilizadas as variáveis da teoria do *capital social*. Todo o trabalho está direcionado à construção de uma matriz composta pelas

variáveis: (a) *capital social estrutural*, sob o enfoque econômico, aqui relacionado aos fatores de infra-estrutura tecnológica e utilização de ambientes virtuais, bem como políticas de incentivo ao uso de recursos de Tecnologia da Informação (TI); (b) *capital social cognitivo*, gerado por meio da criação da cultura virtual e (c) *coesão social*, sob o enfoque de ações coletivas, analisadas a partir da interação e colaboração entre seus participantes no tocante à promoção de tais ações, produção do conhecimento etc., conforme Quadro 1.

MATRIZ DO CAPITAL SOCIAL	
capital social estrutural	<ul style="list-style-type: none"> utilização de ambientes virtuais infra-estrutura tecnológica disponível políticas de incentivo ao uso de recursos de TI
capital social cognitivo	<ul style="list-style-type: none"> aprendizagem cooperativa em CVA aderência à cultura virtual criação da cultura virtual
coesão social (ações coletivas)	<ul style="list-style-type: none"> produção do conhecimento promoção das ações coletivas pela instituição adesão ao uso de TI para ações coletivas

QUADRO 1 – MATRIZ DO CAPITAL SOCIAL

A pesquisa parte do pressuposto de que a geração de conhecimento em ambientes virtuais de aprendizagem está relacionada à alfabetização digital e à conseqüente utilização dos ambientes virtuais pelos participantes da comunidade em estudo. O conhecimento assim gerado pode ser avaliado pelo interesse,

motivação e aderência ao uso dos recursos disponibilizados em CVA, e pela *coesão social*, aqui sob o viés das ações coletivas, no conceito de *capital social*, desenvolvido por Putnam (2005).

Quanto ao ambiente da pesquisa, a disciplina *Criando Comunidades Virtuais de Aprendizagem e Prática - CCVAeP*, possibilitou o acompanhamento das vivências em um ambiente virtual e, por meio da utilização de técnicas etnográficas, foi realizado o registro passo a passo da criação e desenvolvimento de uma CVA. Esta disciplina, ministrada pela Prof^a. Dr^a. Brasilina Passarelli, no 2º semestre de 2005, é parte do Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, área de concentração, Interfaces Sociais da Comunicação, linha de pesquisa Educomunicação.

O estudo etnográfico parte da noção de cultura considerada como conhecimento já adquirido; este conhecimento será usado para interpretar experiências e condutas, abrangendo o que dizem, sabem, constroem e usam os estudantes das CVA. É uma forma de compreensão detalhada dos significados, comportamentos, ações e situações vivenciadas pelos participantes em seu cotidiano. A configuração etnográfica permite olhar e indagar sobre o objeto investigado - estudantes de uma CVA - para narrar, descrever, interpretar e compreender sua materialidade discursiva, mantido como procedimento metodológico o princípio da interação constante entre o pesquisador e o objeto pesquisado.

A metodologia está fundamentada na análise etnográfica do ambiente, nas técnicas de coleta por meio de questionário, bem como na análise da construção de um *discurso do sujeito coletivo (DSC)*. (LEFÈVRE, F; LEFÈVRE, A M. C., 2003)

A justificativa da pesquisa baseou-se na necessidade de um instrumento sistematizado para compreender o desempenho das CVA no tocante à geração de conhecimento. Tal necessidade converge para requisitos almejados nas análises de desempenho, sejam eles o estabelecimento de metas de gestão, ou a avaliação de seu cumprimento. Esses requisitos demandam parâmetros quantificáveis como o instrumento aqui proposto. Outras aplicações para o mesmo podem ser vislumbradas em ações tais como o estabelecimento de padrões de qualidade para as CVA, o controle de seu desempenho como norteador de procedimentos futuros, direcionamento racional dos recursos governamentais concernentes. Note-se também o caráter estratégico de um tal instrumento, que permitiria a longo prazo a geração de série histórica de dados para análise estatística e tomada de decisão, simulações e previsões.

A pergunta recorrente seria: o fortalecimento das relações nas CVA formadas promoveria a apropriação do conhecimento ali produzido?

Tendo esta questão em mente, procedeu-se ao levantamento dos dados necessários. O registro das atividades dos participantes contou com apoio de um *blog* desenvolvido para esse fim e vinculado ao ambiente da disciplina mencionada anteriormente. Este ambiente possibilitou a coleta de um material rico em depoimentos dos participantes do curso, além das respostas a um questionário publicado no respectivo espaço de interação. Foram também registrados em vídeo entrevistas e depoimentos que se encontram aqui anexados em mídia digital.

Esses dados foram então tratados a partir da já citada metodologia que combina a análise dos relatos com o conceito de *capital social*.

O Quadro 2 apresenta a macro estrutura da presente dissertação, que se divide em 4 módulos:

O CAPITAL SOCIAL EM COMUNIDADES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM			
Introdução e Contextualização	Comunidades Virtuais de Aprendizagem	Capital Social	Análise da Proposição
Objetivo; Metodologia; Justificativa; Processos Comunicacionais & TI; Impactos das TI na comunicação.	Delimitação de fronteiras; CVA; Produção do conhecimento nas CVA.	Capital social em CVA; Pesquisa qualitativa; Entrevistas, depoimentos e questionários; Estratégia metodológica – DSC e observação etnográfica.	Componentes da matriz do capital social na criação do instrumento de avaliação; Identificação das variáveis e fatores do capital social. Classificação e sistematização.

QUADRO 2 - MACRO ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

No primeiro módulo, é feita uma contextualização das inovações tecnológicas, usos de redes de informação e comunicação, bem como seus impactos, aspectos da globalização e concepções da comunicação em educação. São ainda definidos nesta Introdução: objetivo, metodologia adotada e justificativa do trabalho.

No segundo módulo, apresenta-se a delimitação do escopo do trabalho, onde os descompassos da educação conduziram à busca por uma nova fórmula e o conseqüente surgimento das comunidades virtuais de aprendizagem.

No terceiro módulo, é levantada a fundamentação teórica do capital social, de forma a ancorar a pesquisa, com vistas à construção da *Matriz do Capital Social*, proposta como instrumento nesta dissertação.

No quarto módulo, descreve-se a estratégia metodológica na construção da *Matriz do Capital Social* com a utilização dos seguintes recursos: observação etnográfica no ambiente estudado, técnicas de coleta por meio de questionário e uso do *DSC* para análise das entrevistas e depoimentos.

Ao final apresentam-se os fatos observados, agrupados, classificados e sistematizados, bem como as análises dos discursos mencionados, que conduziram à construção da *Matriz do Capital Social* para avaliar atuação e desempenho na CVA estudada.

1 PROCESSOS COMUNICACIONAIS E TI

1.1 INOVAÇÕES E USOS SOCIAIS DAS REDES DE TI

As transformações mediadas pelas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) envolvem economia, política, cultura, educação, organização do tecido social e das relações e mudança na utilização desses recursos, temas recorrentes de estudiosos e pesquisadores do assunto. As tecnologias permitem fazer mais coisas com menos esforço, o que é positivo. Mas, com as tecnologias e sem a educação, conhecimentos e aplicação adequados, será apenas possível fazer mais rápido e em maior escala os mesmos erros. Até há bem pouco tempo, era suficiente para o desenvolvimento econômico de uma nação a criação de fábricas e bancos.

Hoje, sem o conhecimento e a organização social correspondente, constrói-se uma modernidade frágil, um luxo de fachada que já não engana mais ninguém (DOWBOR et al., 2001). É preciso, pois, organizar a assimilação produtiva de um conjunto de instrumentos, que só poderão funcionar efetivamente ao se promover a mudança cultural, no sentido mais amplo. Tudo indica que não se está enfrentando apenas uma revolução tecnológica. O conjunto de transformações parece estar levando a uma sinergia da comunicação, informação e formação, criando uma realidade nova na economia, na sociedade e na cultura em desenvolvimento.

Passarelli (2007, p. 40-41) enfatiza que:

[...] o mundo globalizado, caracterizado por intensos fluxos de capitais, produtos e informações, passa a exigir de seus cidadãos novas competências. De acordo com o pensamento do ex-Ministro do Trabalho do governo Clinton em seu primeiro mandato, o Prof. Robert Reich (1993, p.3), um novo contorno político econômico será delineado no séc. XXI: “Não haverá produtos ou tecnologias nacionais, nem corporações nacionais e nem tampouco indústrias nacionais, pelo menos da forma como costumávamos entender tal conceito. O que continuará enraizado dentro das fronteiras nacionais serão apenas as pessoas que constituem a população do país. O patrimônio fundamental de um país serão as aptidões e os conhecimentos de seus cidadãos”. Nesse novo cenário, o autor identifica três categorias de trabalho: os serviços rotineiros de produção, serviços feitos pessoais e serviços analítico-simbólicos. [...] os serviços analítico-simbólicos demandam habilidades na manipulação de símbolos – dados, palavras, representações orais e visuais. Esses profissionais devem ter três tipos de habilidades: identificação de problemas, solução de problemas e agenciamento estratégico. Dessa forma, a educação formal do analista simbólico se constituirá de quatro capacidades básicas: abstração, pensamento sistêmico, experimentação e colaboração.

Neil Postman (1994), ao escrever sobre os propósitos da educação, lembra que os grandes pensadores do passado acreditavam haver uma idéia social, política ou espiritual transcendente, que tinha de ser alcançada por meio da educação. O currículo das escolas no mundo atual é o ideal do tecnocrata, planejado para preparar a pessoa que tem apenas habilidades, moldando um ser sem compromisso, sem ponto de vista, sem uma postura moral, social ou intelectual, mas com muitas habilidades. Isto, alega o autor, não é um programa de estudos, mas meramente uma coletânea de materiais.

Uma educação para o futuro, defende Postman (1994), é a que enfatiza o modo científico do pensamento, o uso disciplinado da linguagem, a história (a continuidade do empreendimento humano), e o amplo conhecimento das artes e da religião, e com isso compara povos diferentes, em épocas diferentes e procura alcançar um sentido de transcendência. Nesse sentido Passarelli, (2001, p. 2-3) defende que:

O conhecimento é como uma teia de idéias interconectadas que atravessa vários domínios, ao passo que a escola tradicional mantém sua visão paroquial, localizada. A escola, às vésperas do século XXI, não mais pode se dar ao luxo de ignorar as profundas alterações que os meios/ tecnologias

de comunicação introduziram na sociedade contemporânea e, principalmente, perceber que os mesmos criam novas maneiras de "apreender" e "aprender" o mundo. Essa multiplicidade de pontos de vista, essa riqueza de leituras precisa ser digerida e incorporada pela escola, se ela tiver a pretensão de sobreviver como instituição geradora, mantenedora e delegadora do saber humano. [...] Os novos paradigmas para a educação consideram que os alunos devem ser preparados para conviver numa sociedade em constantes mudanças, assim como devem ser os construtores do seu conhecimento e, portanto, serem sujeitos ativos deste processo onde a "intuição" e a "descoberta" são elementos privilegiados desta construção. Neste novo modelo educacional os professores deixam de ser os entregadores principais da informação passando a atuar como facilitadores do processo de aprendizagem, onde o aprender a aprender é privilegiado em detrimento da memorização de fatos. O aluno deve ser visto como um ser "total" e, como tal, possuidor de inteligências outras que não somente a linguística e a lógico-matemática. Outras inteligências devem ser desenvolvidas como a espacial, a corporal, a musical, a interpessoal e a intra-pessoal, como argumenta Howard Gardner em seu livro *Frames of Mind*.

A mudança é tão ampla que gera uma *Sociedade do Conhecimento*, da mesma forma que tivemos uma sociedade agrária e uma industrial. As sociedades agrárias eram estruturadas politicamente em termos de relações de produção em torno do controle da terra. A sociedade industrial se organizou politicamente em termos de relações de produção em torno do controle dos meios de produção, da máquina. Qual será a estrutura política e que relações de produção estarão implícitas nas sociedades em que o fator-chave passa a ser o conhecimento? Se o século XX foi o século da produção industrial, dos bens de consumo durável, o século XXI é o século da informação e da globalização (DOWBOR et al., 2001).

1.2 PROCESSOS GLOBALIZANTES

A globalização do mundo expressa um novo ciclo de expansão do capitalismo como modo de produção e processo civilizatório de alcance mundial. Tal processo tem amplas proporções e envolve nações e nacionalidades, regimes políticos e

projetos nacionais, grupos e classes sociais, economias e sociedades, culturas e civilizações. (IANNI, 1999).

De maneira lenta e imperceptível, desaparecem as fronteiras entre os três mundos, modifica-se o significado de nação, de países centrais e periféricos, do norte e do sul, industrializados e agrários, modernos e arcaicos, ocidentais e orientais. O mapa do mundo é embaralhado. A história entra em movimento e põe em pauta cartografias geopolíticas, blocos e alianças, polarizações ideológicas e interpretações científicas.

A universalização do capitalismo como modo de produção e processo civilizatório adquire impulso com base em novas tecnologias, criação de novos produtos, recriação da divisão internacional do trabalho e mundialização dos mercados. As forças produtivas básicas, compreendendo o capital, a tecnologia a força de trabalho e a divisão transnacional do trabalho ultrapassam fronteiras geográficas, históricas e culturais. A sociedade global está sendo tecida por relações, processos e estruturas de dominação e apropriação, integração e antagonismo, soberania e hegemonia. As mesmas relações e forças que promovem a integração suscitam o antagonismo. A mesma globalização alimenta a diversidade de perspectivas, a multiplicidade dos modos de ser, a convergência e a divergência, a integração e a diferenciação levadas ao contraponto das relações, dos processos e das estruturas que configuram a sociedade informacional. (IANNI, 1999).

Os debates acerca da sociedade informacional ganharam importância nos últimos anos ao identificar uma relação de complementaridade entre comunicação e tecnologia. A conformação da comunicação em um fenômeno de alcance mundial só foi possível graças à mediação tecnológica e vem realçar uma infinidade de

aspectos sociais, culturais, políticos, e econômicos. Como sugere Castells (2000, p. 25), “a tecnologia é a sociedade, e a sociedade não pode ser entendida ou representada sem suas ferramentas tecnológicas”. Na visão de Breton e Proulx (2002, p. 245):

[...] assim, as técnicas de comunicação vão definir um novo momento na história das sociedades: as técnicas de comunicação conheceram, desde o fim da guerra, um período de desenvolvimento sem precedentes na história. Os três grandes territórios da comunicação — a mídia, as telecomunicações e a informática — viram seu campo de atuação se desenvolver além do que os próprios especialistas previam.

Esse acelerado processo de informatização das sociedades, acentuado a partir da década de 1950, vai estabelecer novas categorias econômicas, políticas e culturais, uma vez que a economia informacional supera o quesito *produção* que caracterizava a sociedade industrial. Se a era pós-industrial articula uma transformação na ordem científica — o que implica uma concepção de ciência enquanto *tecnologia intelectual* — não menos influenciada será a comunicação na sociedade contemporânea, onde o tratamento e a veiculação das informações passam a receber especial atenção (LYOTARD, 1986). A relação entre comunicação, cultura e tecnologia possui um vetor de referência dado pela informática e pelas telecomunicações, que se destacam das demais num processo simbiótico e único. Castells (2000, p. 354) afirma que

[...] como a cultura é mediada e determinada pela comunicação, as próprias culturas, isto é, nossos sistemas de crenças e códigos historicamente produzidos, são transformados de maneira fundamental pelo novo sistema tecnológico e o serão ainda mais com o passar do tempo.

A apropriação social da tecnologia, na forma pela qual as sociedades desenvolvem, utilizam e dão novos significados aos dispositivos técnicos, no âmbito da área de TI, produz uma das mais importantes fontes de riqueza em termos mundiais. As redes de comunicação mediadas por computadores personificam a

idéia de *aldeia global* (MCLUHAN, 1977) e do *tempo real*, mas a celeridade e o excesso dos avanços tecnológicos nem sempre são assimilados pelos indivíduos na mesma velocidade. Tampouco estas inovações técnicas estão disponíveis para todos ou, são compreendidas na sua totalidade. Flichy (1995, p. 233,234) afirma que:

Os mundos sociais que dizem respeito à inovação são múltiplos. Muito freqüentemente, os criadores são pouco ou mal-informados de suas características, quando eles não ignoram, pura e simplesmente, a existência de tal mundo social no qual o objeto técnico se encontrará inevitavelmente. [...] Seu estudo também implica dificuldades pelo fato de que a inovação sempre se situa numa tensão entre continuidade e descontinuidade.

Entretanto, a tecnologia, ainda que imbricada no nosso cotidiano, demonstra um vigor inesgotável. A reorganização dos artefatos técnicos, a combinação com novos objetos e a apropriação da tecnologia pela sociedade vão definindo novos horizontes para o ambiente social, onde a tríade comunicação-cultura-tecnologia responde por um contexto complexo, devoto de uma dinâmica predominante nos dias atuais: a *Cibercultura*.

1.3 IMPACTOS DAS TI NA COMUNICAÇÃO

A forma de comunicação por meio de ambientes virtuais pode ser identificada como o *ciberespaço*, conforme sugeria William Gibson (1991, p.56) na obra *Neuromancer*, lançada ainda em 1984. A *alucinação consensual* vivida por milhões de pessoas diz respeito à imersão nas redes para a troca de informações, o envio de mensagens, o ensino a distância, o comércio eletrônico etc. A comunicação em rede esboçada pelo modelo da Internet pressupõe uma relação orgânica entre seus

usuários. Trata-se de um sistema aberto, interconectado e, ao mesmo tempo, autônomo e dependente dos demais nós, conexões e *sinapses* construídas. Cada ponto pode pertencer a várias redes simultaneamente, assim como o sujeito possui inúmeras possibilidades de pertencer a diversas comunidades sociais. Esses elementos podem ser delimitados como novos espaços para a circulação do pensamento humano a partir de sua relação com o fenômeno da *cibercultura*.

Para De Kerckhove (2001), a arquitetura da inteligência é a arquitetura que reúne os três principais ambientes do espaço nos quais vivemos e com os quais lidamos hoje: a mente, o mundo e as redes. Ele vai discorrer sobre a *cybertecture* enquanto uma *arquitetura conectada*, voltada para a construção de ambientes virtuais no *ciberespaço* por meio de programas e simulações. Assim, o *ciberespaço* é entendido como uma extensão dos processos de cognição e, para tanto, esse novo ambiente vai requisitar modos diferenciados de atuação nas fronteiras e conexões entre os espaços reais e virtuais. A conectividade é, portanto, um pressuposto para as relações globais da cultura e do conhecimento; provoca aceleração do ritmo da vida, compressão espaço e tempo.

Com a intensificação do ritmo da integração global, Harvey (2003, p. 257) vai se referir à compressão espaço-tempo que repercute de forma desorientada sobre as práticas político-econômicas, o equilíbrio do poder de classe e a vida social e cultural. Sua análise do cenário pós-moderno acaba por associar a crise da super-acumulação à efemeridade e à fragmentação características do nosso tempo:

À medida que o espaço se encolhe para se tornar uma aldeia 'global' de telecomunicações e uma 'espaçonave planetária' de interdependências econômicas e ecológicas – para usar apenas duas imagens familiares e cotidianas – e à medida em que os horizontes temporais se encurtam até ao ponto em que o presente é tudo que existe, temos que aprender a lidar com

um sentimento avassalador de compressão de nossos mundos espaciais e temporais.

Martín-Barbero (2004, p. 266) ressalta que as relações espaço-tempo têm servido de arena a uma antiga disputa entre as ciências sociais que privilegiam o tempo sobre o espaço, como âmbito da mudança social, da modernização e da estética – escrita, artes plásticas, cinema e mídias digitais.

A compressão espaço-tempo, que acelera o ritmo da vida ao mesmo tempo em que tende a apagar limites e barreiras espaciais, está já presente na experiência: o impulso racionalizador, enquanto capaz da produção de espaço (para a indústria, os transportes, as comunicações), isto é, como âmbito específico de criação de riqueza e de entrelaçamento entre racionalização e inovação estética, que é explicitamente o espaço da arquitetura.

A tecnologia aparece como inovação que engendra incessantemente o novo, inédito, a ser aperfeiçoado em relação ao já existente, que está em desenvolvimento.

Morin (2004), ressalta que quanto mais os problemas se tornam multidimensionais, maior a incapacidade de pensar sua multidimensionalidade, assim como o princípio da redução leva naturalmente o complexo ao simples; da mesma forma, todo conhecimento comporta o risco do erro e da ilusão. Aqui o autor defende a necessidade de se ter uma visão de conjunto. É necessário *contextualizar* e o contexto tem necessidade do seu próprio contexto. Vivemos num mundo sistêmico onde ações locais repercutem sobre o conjunto e vice-versa. A educação precisa desenvolver o saber das relações mútuas e das influências entre as partes e o todo sem abandonar, no entanto, o conhecimento das partes pelo conhecimento das totalidades, sem abdicar da análise em nome da síntese, mas sim conjugá-los.

Para Harasim (2005), qualquer tipo de educação – presencial, a distância, *online* – exige que se entenda a natureza do meio, a fim de conceituá-lo e projetá-lo

como ambiente educacional. Os meios virtuais proporcionam ao ensino e à aprendizagem oportunidades e obstáculos sem precedentes. São cinco as características ressaltadas pela autora que distinguem a comunicação que ocorre nos formatos atuais e que oferecem uma estrutura conceitual para orientar o projeto e a implementação da aprendizagem virtual:

- relação de muitos-para-muitos (comunicação de grupos)
- ocorrência em qualquer lugar (independe do local)
- ocorrência a qualquer momento (independe do horário)
- linguagem textual (cada vez mais multimídia)
- troca de mensagens mediadas (por um facilitador ou por um sistema de informações).

Para os ambientes virtuais, a comunicação deve ser pensada com seus pressupostos próprios. Vale dizer que a comunicação pode ocorrer 24 horas por dia, 7 dias por semana. Ela também não depende de um lugar. Essas características aumentam o acesso e as oportunidades de discussão, interação e reflexão. Graças à menor quantidade de obstáculos geográficos e temporais e à motivação de trabalhar em grupo, os alunos são estimulados a participar ativamente. (HARASIM, 2005).

2 DELIMITAÇÃO DE FRONTEIRAS

Na Educação, a concepção espaço-tempo, no sentido de dimensão física onde se realiza o processo de ensino-aprendizagem, exige nova perspectiva. É a sala de aula ampliada, que disponibiliza o saber para lugares distantes ou ambientes residenciais e de trabalho. A sincronização, requerida como condição essencial para consecução dos processos na educação, é redimensionada quando os mesmos são desenvolvidos em ambientes não-presenciais, sobretudo após a introdução da Internet como meio pedagógico.

As mudanças observadas na sociedade apontam para uma irreversibilidade com repercussões na educação. Tais acontecimentos exigem uma reflexão de seu significado e o assumir de uma nova postura referente às novas metodologias de ensino, da linguagem, da organização e dos recursos utilizados para a socialização da informação e do conhecimento em outros ambientes, como os virtuais. Segundo Alava et al. (2002, p.15):

Se considerarmos a aprendizagem como uma atividade autônoma e, às vezes solitária, é negável que o ciberespaço como espaço de informação propõe novas ferramentas para o autodidata. Mas, essas ofertas de informações são suficientes para referenciar práticas de formação? Informar-se é aprender? Como diferenciar cultura de saberes?

Enfim, como garantir que novas propostas de formação não estão a serviço de uma reprodução social, que se oculta nas diferenças de usos tecnológicos?

A escola, lugar de igualdade de acesso aos saberes, é questionada então por um ciberespaço individual autodidata para infóricos. Do mesmo modo, quando se concebem espaços sociais para proporcionar uma oferta igualitária de ferramentas, o que dizer das resistências dos infopobres em aproveitar essas oportunidades de se autoformar? Centros de documentação, espaços de livre serviço e práticas de ciber-autoformadoras.

Os novos modelos de educação são concebidos a partir das diversas formas de comunicação e construção de conhecimentos existentes. Em vez de transmitir *um saber acumulado*, disponibilizam-se meios para a construção do saber por meio

das comunidades virtuais. É sabido que o processo de maturação para a utilização dos recursos tecnológicos, como as comunidades virtuais para ambientes de aprendizagem, somente terá lugar na medida em que o modelo convencional de educação se apropriar dessa inovação. Do contrário, a simples adoção da tecnologia não permitirá que a inversão espacial produza os resultados desejados, assim como foi visto com os laboratórios de multimeios e salas de vídeo-conferência.

É imprescindível analisar o processo evolutivo das mudanças no modelo educacional, descobrir e entender as novas regras do que fazer na educação mediada por novas tecnologias. Contrapondo soluções intermediárias, Passarelli (2003, p. 33) ressalta:

A dicotomia presencialidade/distanciamento está instalada e é parte do conflito que a educação, em qualquer de suas modalidades (presencial e a distância), precisa enfrentar. Deve-se buscar a miscigenação e integração de ambas as modalidades, de acordo com os objetivos da aprendizagem, do público-alvo a que se destina e do contexto onde a mesma deva acontecer.

2.1 DA LOUSA AOS AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM

A competência e sobrevivência econômica e cultural de uma nação vinculam-se à necessidade de ampliar e consolidar a educação com alvos focados no fortalecimento e capacitação para produção do conhecimento e desenvolvimento de tecnologias. O acelerado processo de retração do Estado nesta área abre espaços para a privatização da educação com características de massa e com conseqüente deterioração da qualidade, tanto para os alunos quanto para os professores.

A educação cada vez mais dirigida para a demanda parece ser uma das tendências inevitáveis do ambiente competitivo em que se insere. Esta revolução é resultado de necessidades cada vez mais diversificadas e globais, o que requer aumento da oferta e modificação das estruturas organizacionais em favor da modernidade e inovação.

Em termos de modelo de comunicação, a escola insiste em prolongar o regime do saber instituído por meio da comunicação do texto impresso que estabelece uma linearidade e correspondência entre o texto escrito e o desenvolvimento escolar. Martín-Barbero (2004, p. 336-337) afirma:

É a esse modelo mecânico e unidirecional que responde a leitura passiva que a escola fomenta, prolongando a relação do fiel com a sagrada escritura que a Igreja instaura. Assim como ao clero se atribuía o poder da única leitura autêntica da Bíblia, os professores detêm o saber de uma leitura unívoca, isto é, daquela em que a leitura do aluno é puro eco.

Como proceder frente à acentuada fragmentação e especialização do conhecimento? Que impacto terá sobre as culturas locais a conexão sem fronteiras a qual alunos e professores têm acesso? A globalização de fato força os países a adotarem políticas que subordinam os objetivos da educação à produtividade do trabalho e à competitividade das empresas? Estamos a caminho de uma segmentação ainda maior dos mercados de trabalho que se traduzirá em uma polarização mais acentuada dos salários entre os analistas simbólicos internacionalizados e os trabalhadores locais de baixa qualificação? Continuando, Martín-Barbero (2004, p. 338-339) que o sistema educativo precisa se perguntar como incorporar essas mudanças:

O que sabem nossas escolas, e inclusive nossas faculdades de Educação, sobre as profundas modificações na percepção do espaço e tempo que vivem os adolescentes, inseridos em processos vertiginosos de desterritorialização da experiência e da identidade, e capturados numa contemporaneidade que confunde os tempos, debilita o passado e exalta o

não-futuro fabricando um presente contínuo: feito por sua vez das descontinuidades de uma atualidade cada dia mais instantânea, e do fluxo incessante e embriagador de informações e imagens?

Morin (2004) alerta para um fato curioso de que a identidade humana seja completamente ignorada pelos programas de educação, e que apesar dos conhecimentos do homem biológico pela biologia, dos aspectos psicológicos em psicologia, a condição de humano ainda é indecifrável. O homem é um todo, ao mesmo tempo físico, biológico, psíquico, cultural, social, econômico e histórico, que forma uma unidade complexa da natureza onde a educação ignora o aprender sobre o que significa o ser humano.

No ensinar a identidade terrena, o pressuposto está em que o destino planetário do homem como realidade-chave para o seu crescimento, sendo o seu reconhecimento de ser terreno indispensável a todos, converte-se num dos principais objetos da educação. Ao enfatizar as incertezas, Morin (2004), citando Eurípedes (século V a.C.) direciona para que se deva estar preparado para o inesperado: “os deuses criaram-nos muitas surpresas: o esperado não se cumpre, e ao inesperado um Deus abre o caminho”.

As ciências desenvolveram muitas certezas, mas também muitas zonas de incertezas para as quais a educação deveria incluir o seu ensino: estratégia para imprevistos, modificações de ambiente, que permitem o aprender a navegar num grande oceano de incertezas e entre pequenas ilhas de certeza. (MORIN, 2004).

O conhecimento produzido em qualquer campo é a matéria-prima da aprendizagem e o tratamento dado a esse conhecimento pode ser feito por meio da localização no contexto, equacionamento do problema, identificação e reconhecimento ou reflexão sobre ele. As teorias de aprendizagem desenvolvidas

são utilizadas para dar conta dos vários sentidos em que é apresentada, *lato sensu*, ou *stricto sensu*, para que não se corra o risco de ambigüidades e contradições.

Para que se possa estudar as CVA, é necessário entender a transmutação que o conceito de comunidade sofreu a partir da interconexão entre as pessoas, o que tem chamado a atenção sobre seus efeitos no quadro das relações individuais e na forma como os coletivos se constituem na rede.

2.2 COMUNIDADES DE APRENDIZAGEM E CVA

Entre diversas formas de se estruturar os grupos de aprendizagem, uma delas, de extrema relevância e atualidade, é o de comunidades.

O conceito de comunidade tem ampla utilização em diferentes áreas de ciências humanas e sociais aplicadas, como a Antropologia, a Política, a Sociologia, a Administração. De modo geral, comunidades são formas organizativas constituídas a partir de algum tipo de identidade (pessoal, local, de atividades, interesses, valores, causas etc.). Como exemplos de comunidade temos: rurais, primitivas, tradicionais, científicas, tecnológicas, epistêmicas, de pesquisa, de prática, e nos últimos tempos, também em crescimento, as comunidades virtuais.

Hobsbawn (2002) postula que a palavra *comunidade* está sendo utilizada indiscriminadamente, justamente num tempo em que as comunidades no sentido sociológico tornaram-se difíceis de encontrar na vida real, uma vez que dão lugar aos indivíduos ligados em sociedades anônimas, isto no contexto da segunda

metade do século XX. Bauman (2001, p. 195), porém, contrapõe-se a esta posição ao afirmar que:

Em termos sociológicos, o comunitarismo é uma reação esperável à acelerada 'liquefação' da vida moderna, uma reação antes e acima de tudo ao aspecto da vida sentido como a mais aborrecida e incômoda entre suas numerosas conseqüências penosas – o crescente desequilíbrio entre a liberdade e as garantias individuais.

Pela posição do autor, estaria havendo uma oposição entre liberdade e comunidade. Considerando-se que o termo *comunidade* implica uma "obrigação fraterna de partilhar as vantagens entre seus membros, independente do talento ou importância deles", indivíduos que percebem o mundo pela ótica do mérito (os cosmopolitas), não teriam nada a "ganhar com a bem-tecida rede de obrigações comunitárias, e muito que perder se forem capturados por ela" (BAUMAN, 2001 p.195-196).

Na era da modernidade, a luta pela existência significa a luta pelo espaço. A dominação é medida entre o mais rápido e o mais lento. A base para as comunidades agora é a tecnologia. É inegável a potencialização das redes de conhecimento criadas, o rearranjo na produção do conhecimento e o emprego das TI na disseminação dessas redes. Assiste-se à disseminação não só do conhecimento mas também, do conceito de comunidade em diversas áreas.

Bauman (2001, p. 221), escreve sobre as condições da criação e existência das comunidades, tais como confiança, presença de uma liderança e apoio hierárquico de alguma forma estabelecido. No nascimento e manutenção de uma comunidade está presente, de forma clandestina, um

(..) impulso violento sempre em ebulição sob a calma superfície da cooperação pacífica e amigável; esse impulso precisa ser canalizado para fora dos limites da comunidade, onde a violência é proibida. A violência, que

caso contrário desmascararia o blefe da unidade comunal, é então reciclada como arma de defesa comunal.

A manutenção do interesse e da motivação individual para o trabalho em grupo gera dissensões, rivalidades, ciúme e querelas dentro da comunidade, uma vez que estes são processos inerentes ao ser social e, quando restaurada a harmonia, fortalece o tecido social.

Castells (2000) reforça essa posição ao afirmar que são construídas afinidades, parcerias e alianças intelectuais, sentimentos de amizade e inimizade que se desenvolvem nas comunidades, da mesma forma como acontece entre pessoas que se encontram fisicamente. Nas comunidades de aprendizagem, a personalidade de cada participante acaba sendo expressa por meio do estilo de escrita, competências, tomadas de posição evidenciadas nas relações humanas presentes nas interações. Também, dessa forma, as comunidades de aprendizagem não estão livres de manipulações e enganos, assim como em qualquer outro espaço de interação social.

Para que se possa falar em novos modelos de educação para uma *Sociedade do Conhecimento*, alguns parâmetros devem ser estabelecidos. Trata-se de estudar um processo coletivo de aprendizagem, que requer como condição que os participantes desta sociedade se comuniquem, o que implica uma linguagem, uma cultura e recursos comuns que possibilitem essa comunicação.

O conceito de *Sociedade do Conhecimento* se concretizou de formas diferentes em função da diversidade cultural de cada nação. Alguns setores da sociedade mundial baseiam suas relações econômicas na informação e fazem do

conhecimento um bem. Não se pode afirmar, porém, que as distintas nações dispensem a mesma importância a esse processo.

Dados os fatores da globalização, um modelo educacional que assimile sistemas virtuais deveria levar em conta, como elemento central, a noção de CVA. Ao refletir sobre a construção de comunidades de aprendizagem, como finalidade de um modelo educacional, destaca-se a importância de concretizar, na abstração da *Sociedade do Conhecimento*, uma entidade, ou seja: uma comunidade organizada com necessidades e fins comuns.

Caracterizam o modo de construção da *Sociedade do Conhecimento*, possibilidades de acesso ao mesmo, seus modos de produção e seu uso, bem como viabilidade da criação de comunidades que efetivamente sejam orientadas ao aproveitamento comum, tendo em vista que o valor econômico do conhecimento na atualidade é efetivamente um bem a ser distribuído.

As comunidades de aprendizagem podem ser constituídas por profissionais em formação, colegiado de docentes, participantes de cursos de reciclagem e capacitação, membros de programas de divulgação ligados a setores de instituições de ensino, membros de programas de extensão universitária, de programas de transferência tecnológica, redes de pesquisadores, associações de profissionais, ou seja, qualquer conjunto de pessoas organizadas e regidas por algum tipo de norma ou conduta em torno de saberes requeridos para sua prática social ou profissional.

As comunidades de aprendizagem podem compartilhar um mesmo território geográfico, porém, igualmente, as mesmas podem situar-se no espaço virtual, uma vez que o que lhes dá coesão é o vínculo do conhecimento e o sentido de rede,

este entendido como prática permanente de cooperação e colaboração para aprender.

Palloff e Pratt (2002) ressaltam que uma comunidade se estabelece na premissa de um grupo relativamente homogêneo de pessoas participantes de atividades, em contexto formal ou informal, onde se desenvolve um processo de aprendizagem individual ou em grupo. A comunidade de aprendizagem tem objetivos e interesses comuns que unem seus diferentes membros.

De Kerckhove (1997), por sua vez, observa que a CVA é mais que um conjunto de pessoas diretamente envolvidas em uma atividade com maior ou menor constância na participação. É um tempo real, imediato e com uma presença semelhante ao estado do trabalho mental. As comunicações *online* têm criado novas categorias de mentes: conectadas ou desconectadas, sem que isso afete a integridade de sua estrutura. Em essência, o interessante das comunidades estabelecidas na rede reside na habilidade em conectar mentes para o trabalho nas mais diversas formas de configuração.

A construção de comunidades virtuais faz parte, atualmente, de uma nova realidade de seres humanos sem fronteiras, que compartilham interesses comuns com o objetivo de auto-desenvolvimento. No passado, envolver-se com uma comunidade era determinado pela cidade ou bairro em que se vivia, pela família ou pelas convicções religiosas. Nos dias atuais, as comunidades constroem suas identidades e se organizam a partir de afinidades, interesses e valores comuns, sem depender de um lugar específico. Há uma necessidade intrínseca ao ser humano de sentir-se parte de um grupo, de ser semelhante ao outro e estar comprometido com

um propósito maior, condições que a estrutura das comunidades familiares, de bairros e das cidades já não satisfazem.

No Brasil a iniciativa das chamadas Cidades Digitais, programa do Ministério da Ciência e Tecnologia¹, tem por objetivo a informatização das escolas e dos postos de saúde e a oferta de terminais de computador de acesso público como estratégia para a universalização da Internet, com foco na promoção da inclusão digital. Cidades como São Paulo (SP), Sud Menucci (SP), Piraí (RJ) seguem os exemplos internacionais de cidades como São Francisco (EUA), Amsterdã (Holanda), Paris (França), Xangai (China) e Puerto Montt (Chile).

O termo *Comunidades Virtuais* foi descrito por Howard Rheingold (1993), que o definiu como “agregações virtuais que surgem na Internet quando pessoas promovem debates públicos para formar teias de relacionamento no ciberespaço”. Ele antecipou que

as mentes coletivas populares e seu impacto no mundo real podem tornar-se uma das questões tecnológicas mais surpreendentes no que diz respeito à mudanças sociais que as comunidades podem provocar na vida das pessoas. [...] Alguns aspectos da vida em uma pequena comunidade têm que ser abandonados quando se migra para uma metrópole online; porém, o fundamental da natureza humana permanece no ciberespaço. (Tradução nossa.)

O *ciberespaço* é o nome que as pessoas utilizam para conceituar o espaço onde as palavras, os relacionamentos humanos, os dados, a riqueza e o poder são manifestados por pessoas que usam a comunicação mediada por computadores. É o local onde se desenvolve, ainda segundo Rheingold (1993), um *capital social*, um *conhecimento capital* e uma disseminação das idéias promovidas por uma espécie

¹ MINISTÉRIO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA. Programa Cidades Digitais. Disponível em <http://www.mct.gov.br/index.php/content/view/43379.html> . Acesso em 23.jan.2007.

de *cola* que dá sustentação às comunidades virtuais criadas, o que faz delas um instrumento prático potencial.

Seguindo essa corrente de mudança de perspectiva do conceito de *comunidade*, vários autores das ciências sociais passaram a investigar, desde os anos de 1990, o conceito empírico de *capital social* (Coleman, 1990; Fukuyama, 1996; Portes, 1998; Grootaert, 1998; Narayan, 1999; Burt, 2005; Lin, 2005; Putnam, 2005)². Essa noção poderia ser entendida como a *capacidade de interação dos indivíduos*, seu potencial para interagir não só com os que estão à sua volta, seus parentes, amigos, colegas de trabalho, mas também com os que estão distantes e podem ser acessados remotamente. *Capital social* significaria aqui a capacidade de os indivíduos *produzirem* nas suas próprias redes, nas suas comunidades, tendo como resultado a produção do conhecimento por meio da utilização dos recursos, provenientes de suas relações, desse *capital social* – idéias, informações e apoio (BANCO MUNDIAL, 2004).

Na maioria dos casos, “o conceito é utilizado como variável explicativa em pesquisas de sociologia empírica, enquanto um número reduzido de trabalhos assume o capital social como uma variável dependente que precisa ser compreendida” (HIGGINS, 2005 p.51-52). Ainda segundo o autor, há uma escassez de estudos sociológicos sobre *capital social* no Brasil. Se existem, não circulam em publicações indexadas em nível internacional.

Quando se avalia o processo de crescimento econômico, vê-se que o mesmo é determinado pelo *capital natural* (recursos naturais), por aquilo que é produzido

² Pesquisadores do Grupo Temático sobre Capital Social do Banco Mundial.

(infra-estrutura e bens de consumo) e por fatores financeiros. Nesta análise, é preciso incluir o modo como os agentes econômicos interagem e se organizam, de forma a gerar conhecimento e desenvolvimento.

Sob essa ótica, os recursos de *capital* são *sociais* na medida em que são acessíveis somente dentro e por meio dessas relações nas comunidades estabelecidas, contrariamente ao capital físico – recursos naturais, ferramentas e tecnologia – disponível a todos indistintamente. A estrutura de uma determinada comunidade - *quem se relaciona com quem, com que freqüência, e em que termos* – tem assim um papel fundamental no fluxo de recursos por meio daquela *rede* ou daquela *comunidade*. “Estudos empíricos trabalham com a hipótese de que relações de confiança e reciprocidade melhoram a eficiência dos agentes econômicos. O ‘leitmotiv’ é que o capital social funciona como um redutor de custos de transação.” (HIGGINS, 2005 p.41).

Em conformidade com o até agora exposto, tem-se que os objetivos das CVA sintetizados por Passarelli, (2003), Palloff e Pratt (2002), Barreto, (2001) e Belloni, (1999) são:

- promover a construção coletiva do conhecimento;
- promover a socialização;
- proporcionar interação permanente;
- transformar professores em orientadores;
- promover trabalho colaborativo no ambiente remoto;
- centralizar conclusões e resultados;
- promover a pesquisa;
- divulgar informações, eventos, sites relacionados;

- propor discussões relacionadas ao tema e não necessariamente às disciplinas;
- integrar as disciplinas que compõem as CVA, com programação de encontros nos chats ou submissão de problemas nas listas de discussão, fóruns e blogs.

Os alunos também podem lançar suas dúvidas, às quais podem ser solucionadas pelos próprios alunos, por meio da interação entre eles.

2.3 COMUNIDADES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM E DE PRÁTICA³

As CVA são estruturadas por meio de um compromisso, com prazo determinado ou não, em função de decisões e normas negociadas, que se apoiam em uma necessidade identificada, razão primeira por que se formam as comunidades virtuais, conforme ressaltam Palloff e Pratt (2002). Questiona-se se é possível criar um sentimento de comunidade sem nunca ter havido contato prévio entre os participantes. Conseqüentemente, as normas seriam negociadas, no

³ Como experiência vivenciada em Comunidade Virtual de Aprendizagem, a pesquisa bibliográfica a seguir foi apresentada originalmente para a construção do Texto Coletivo, atividade proposta pela disciplina CCVAeP, que pode ser consultado no endereço <<http://bpassarelli.futuro.usp.br/pos/>>

Editoria: responsável pelas funções de editar e preparar os textos para a publicação - Izabel Leão, Sueli Pitta, Adriana Borges, Cristina Beskow e Anita Bliska. *Redação:* responsável pelas funções de selecionar os textos resenhados e redigir o texto coletivo- Sueli Pitta, Cristina Beskow, Adriana Borges, Davi Machado, Izabel Leão.

Pesquisa: responsável por preparar os instrumentos de coleta de dados, promover o levantamento, apresentar e analisar os dados coletados, elaborar as conclusões a partir dos dados encontrados, relacionando-os com o referencial teórico - Midiam Gomes, Nadia Moraes, Izabel Leão, Cristina Beskow, Davi Machado, Iara Castelani, Svea Moreira, Alfredo Lewin, Anita Bliska e Sueli Pitta.

Relatoria: responsável por organizar e relatar as discussões nos momentos presenciais, estruturando-as em making-of e disponibilizando-as no Blog especificamente criado para a disciplina - Anita Bliska

ambiente *online*, da mesma forma que em uma comunidade ou em um grupo social presencial.

Palloff e Pratt (2002) distinguem *ciberespaço* de comunidades virtuais. Segundo eles, pode-se definir o *ciberespaço* como um espaço conceitual em que palavras, relacionamentos humanos, dados, riqueza e poder são manifestados pelas pessoas que usam essa infra-estrutura tecnológica. Já as comunidades virtuais são agregações culturais que emergem quando um número suficiente de pessoas encontra-se no *ciberespaço*. Para eles, as comunidades são definidas e redefinidas a partir do modo como as pessoas têm interagido com o crescimento da Internet.

Com o desenvolvimento acelerado da comunicação eletrônica e da realidade virtual, fica cada vez mais difícil determinar o que realmente significa a palavra comunidade, pois elas se diversificam e têm, cada vez mais, atributos variados.

As CVA surgem não apenas como possibilidade de aprimorar ou completar a aprendizagem que se realiza nas instituições e comunidades escolares, como também, segundo alguns especialistas, para transformar as tradicionais formas de ensino e até mesmo as formas de pensar e de construir conhecimento.

Gómez (2004) afirma que a Internet está conseguindo desmontar certezas e modificar as formas de produção, de relacionamentos sociais e educativos e, com isso, a maneira de ser e estar no mundo. O espaço virtual parece existir só a partir da confluência produzida na interconexão dos computadores e pela imersão na rede. Por meio da Internet, criam-se outras narrativas em que a mediação é o suporte do processo educativo, artístico, tecnológico e científico nela gerado.

Uma das maneiras de se desenvolver a comunidade é por meio da negociação mútua das diretrizes referentes ao trabalho conjunto do grupo. Iniciar um curso pelo envio de apresentações e incentivar os participantes a buscar áreas de interesse comum são boas formas de começar uma comunidade virtual. Esta precisa ser capaz de abrir espaço para questões pessoais. Deve ser algo que se faz deliberadamente e que se estimula durante um curso. Caso não se abra esse espaço, é provável que os participantes busquem outras formas de interação pessoal, seja por e-mail, seja pela inserção de questões pessoais na discussão de conteúdos. “A coesão do grupo numa comunidade de aprendizagem virtual só sobrevive com o conflito como também com a ajuda na qualidade do resultado do processo de aprendizagem.” (Palloff e Pratt, 2002, p.52).

Assim, comunidades que conseguem dar vitalidade aos vínculos estabelecidos entre os participantes para que se mantenham em *aprendizagem* – e supram, de alguma forma, as necessidades individuais e coletivas das pessoas envolvidas – têm mais do que um foco ou temática aglutinadora. Para Kenski (2001), a comunidade virtual ativa desperta o desejo e a necessidade de colaboração entre seus membros, à medida que eles se sintam acolhidos e reconhecidos pelas suas contribuições e participações. O comportamento individual na comunidade virtual é resultado de diferentes motivações psíquicas e sociais. As CVA são, segundo a citada autora, flexíveis, abertas, dinâmicas e atuantes. Em suas práticas, é possível que se explicitem novas regras de atuação democrática e igualitária. Novas formas de participação, de relacionamento e interação entre as pessoas que ensinam e aprendem são criadas.

Gomez (2004) acredita que a comunicação pela linguagem escrita nos debates, nos bate-papos, nos fóruns, no design gráfico e nas páginas *web* constitui um ato político. É nesses atos que o homem, sendo um ser de relações e não de simples contatos, procura criar identidade na rede. Essa afirmação envolve ações concretas, de modo a abrir espaços para lazer, estudo, leitura, trabalho e relacionamento. Neste sentido, os espaços da Internet são espaços de cultura e objetivam os atos da fala, da leitura e da escrita na sua dimensão emancipadora.

As atividades realizadas pelos seres humanos em comunidade serão tanto mais satisfatórias quanto mais estiverem claramente dirigidas a esses objetivos, contemplados todos os integrantes da comunidade em questão. Palloff e Pratt (2002) afirmam que a eficácia deste vínculo será garantida na medida em que, no ambiente onde se estabelece a mediação nesta comunidade, prevaleçam os princípios da ética.

A construção de um vínculo em comunidades pode ser colocada como fator de sociabilidade humana. Isso se dá a partir da comunicação. Esta é uma ação natural e espontânea de qualquer indivíduo que, como ser social, não se dissocia em hipótese alguma do corpo social do qual faz parte, tendo em vista que sua própria consciência é formada na interação com este grupo.

A participação ativa do grupo propicia o estabelecimento de relações e vínculos afetivos entre os componentes da comunidade, para os quais devem ter liberdade completa para desdobramentos dessas relações grupais em subgrupos e pares. Os recursos comunicativos proporcionados pelo ambiente virtual podem estimular essas ações. A atuação na comunidade de aprendizagem, seguindo estes

princípios, tende a resultar num comprometimento maior de todos os integrantes da mesma.

No *ciberespaço*, a união de cidadãos conectados, segundo Kenski (2001) agrupados virtualmente em torno de interesses específicos, pode constituir uma comunidade a partir do momento em que estabelece regras, valores, limites, usos e costumes, a *netiqueta*, as restrições e os sentimentos de acolhimento e *pertencimento* ao grupo. A construção social passa pelo desejo coletivo de pertencer a um determinado grupo e sobreviver enquanto houver interesse de seus participantes em desfrutar desse espaço como membros, pessoas, cidadãos.

Segundo Palloff e Pratt (2002), os indicadores de que uma comunidade online está em formação são expressos pelos seguintes resultados desejados:

- Interação ativa, envolvendo tanto o conteúdo da disciplina quanto a comunicação pessoal;
- Aprendizagem colaborativa, evidenciada pelos comentários dirigidos mais de um estudante a outro do que de um estudante ao professor;
- Significado construído socialmente, evidenciado pelo acordo ou pelo questionamento;
- Compartilhamento de recursos entre os alunos;
- Expressões de apoio e de estímulo trocadas entre os alunos, além de vontade de avaliar criticamente o trabalho dos colegas⁴.

Para que as novas tecnologias sejam colocadas a serviço da educação é preciso investir em projetos pedagógicos bem definidos, ao contrário dos interesses de muitos fabricantes e fornecedores. Se, por um lado a multimídia, viabiliza a

⁴ Trabalho coletivo da turma da disciplina CCVAeP, 2005, publicado em <<http://bpassarelli.futuro.usp.br/pos/inter/textpub.htm>>

interligação dos conteúdos e promove a troca de idéias e experiências entre indivíduos, por outro há que se pensar que existe o perigo de que cada um pode gerar uma falta de comunicação em escala global, a ponto de cada indivíduo construir sua própria enciclopédia do saber. As ferramentas associadas aos recursos da multimídia podem se definir como instrumentos inovadores para a prática do ensino e da aprendizagem. No entanto, a escola ainda mantém sua visão paroquial, localizada, ao ignorar as profundas alterações que os meios e TI introduzem na sociedade contemporânea. Precisamos buscar formas para a construção de pontes que permitam fazer a transição do conhecimento disciplinar para o conhecimento transdisciplinar. O conhecimento disciplinar caracteriza-se por voltar-se para o mundo exterior; já o transdisciplinar preocupa-se com a correspondência que deve haver entre o mundo exterior e o interior. (PASSARELLI, 2002).

3 DEMARCAÇÃO DO TERRITÓRIO PARA O CAPITAL SOCIAL EM CVA

No últimos anos, a idéia do *capital social* tem crescido nas Ciências Sociais, e constitui objeto de estudo no Banco Mundial. Com experiências em mais de quinze países, a instituição vem aplicando o conceito, o que vem contribuir para o avanço da reflexão sobre o que medir e como, processo que acaba por construir um conjunto de pressupostos orientadores.

3.1 A CONDIÇÃO DE CONTORNO DO CAPITAL SOCIAL EM CVA

A produção do conhecimento pelos sujeitos participantes nas CVA, caracterizadas nesta pesquisa pela comunidade da disciplina CCVAeP, congrega várias vozes que se manifestam por intermédio dos vários papéis assumidos por seus participantes. Resgatando Bakhtin (2002), a fala é um ato social e funda-se na necessidade da comunicação, na qual a expressão do sujeito é um produto de várias vozes interligadas.

Para Bakhtin (2002), o ser humano é inconcebível fora das relações que o ligam ao outro. A palavra é plurivalente e o dialogismo⁵ passa a ser condição constitutiva do sentido. O autor da fala se investe de muitas *máscaras*, o que Bakhtin qualifica como sendo a produção de um *discurso polifônico*⁶, uma vez que essas

⁵ HOUAISS, A; VILLAR M. S.; FRANCO, F.M.M. (Ed.) *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Objetiva, 2001. Disponível em <http://biblioteca.uol.com.br/>. Acesso em 25 jan. 2006. Dialogismo: “arte de dialogar; figura que consiste em construir uma reflexão sob a forma de diálogo, com perguntas a que o próprio autor responde, ou em reproduzir em diálogo as idéias e os sentimentos dos personagens”

⁶ BRANDÃO, H. H. N. *Introdução à análise do discurso*. Campinas, Ed. Unicamp:1991, Polifonia: “conceito elaborado inicialmente por Bakhtin, que o aplicou à literatura; foi retomado posteriormente por

máscaras representam várias vozes a falarem simultaneamente sem que haja uma preponderante. Neste conceito, a expressão como interação de múltiplas perspectivas individuais e sociais representa uma estratificação e uma aleatoriedade da linguagem; mostra o quanto *não* se é autor das palavras proferidas. O filósofo russo diz que até mesmo a forma pela qual se expressam os sujeitos vem imbuída de contextos, estilos e intenções distintas, marcada pelo meio e tempo em que se vive, pela profissão, nível social, idade e tudo mais que nos cerca. O discurso se tece polifonicamente, num jogo de várias vozes cruzadas, complementares, concorrentes e contraditórias.

É neste contexto que os alunos, sujeitos produtores do discurso, interagem com outros discursos e se posicionam de maneira colaborativa na produção do conhecimento, em fóruns das CVA, sob a forma de contribuições individuais e coletivas.

3.1.1 Aprendizagem Cooperativa em CVA

Cooperar significa operar com o outro ou outros, remete a uma ação que precisa do comprometimento e ato de outras pessoas para que seja operada e realizada. Desta forma, ao cooperar, a interação social e a troca entre indivíduos funcionam como estímulo para o processo de construção de conhecimento individual e coletivo, conforme Macedo (2002, p. 144):

[...] a importância que Piaget dava ao trabalho em grupo ou em equipe está presente no modo como realizava suas investigações. Toda obra experimental de Piaget, que reúne mais de cinquenta livros, contendo, cada um deles, pelo menos uma dezena de pesquisas, foi realizada em um contexto de colaboração e interdisciplinaridade. [...] Piaget, em muitas

páginas descreve a necessidade de se fazer pesquisa em uma perspectiva de controle mútuo, que só um trabalho em equipe possibilita.

É por meio das formas de comunicação, da interação entre pessoas, que se pode verificar uma relação colaborativa ou cooperativa, que pressupõe alguns requisitos que vão além da mera interação. Para Palloff e Pratt (2002), a discussão permite que os sujeitos sejam responsáveis pela forma como se envolvem com o curso e cheguem a um acordo sobre a interação. É isso que estabelece o primeiro passo da busca de uma maior colaboração na aprendizagem.

Com relação a essa discussão, no trabalho coletivo da disciplina *CCVAeP* – turma de 2005⁷ está dito que:

Alguns autores definem ou referenciam a cooperação e colaboração como sinônimos, outros fazem distinção. Maçada e Tijiboy (1998) definem colaboração como trabalho em comum realizado por uma ou mais pessoas, cooperação, auxílio, contribuição. Colaborar (co-labore) significa trabalhar junto, implica o conceito de objetivos compartilhados e uma intenção explícita de somar algo – criar alguma coisa nova ou diferente por meio da colaboração, se contrapondo a uma simples troca de informação. E cooperação é definida como um trabalho de co-realização que atinge o significado de colaboração, envolve o trabalho coletivo visando alcançar um objetivo comum. O conceito de cooperação é mais complicado na medida em que a colaboração está incluída nele, mas o contrário não é verdadeiro. Ou seja, para existir cooperação é preciso que haja colaboração.

As autoras enfatizam que o conceito de cooperação é mais complexo, pois pressupõe a interação e a colaboração, além de relações de respeito mútuo não-hierárquicas entre os envolvidos, assumindo uma postura de tolerância e convivência com as diferenças dentro de um processo de negociação constante. Percebe-se que a diferença fundamental entre os conceitos reside no fato de que, para haver colaboração, um indivíduo deve interagir com o outro, existindo ajuda – mútua ou unilateral. Para existir cooperação, não só deve haver interação e colaboração, mas também objetivos comuns, atividades e ações conjuntas e coordenadas.

Existe ainda um fator importante que deve ser levado em consideração: a ajuda da percepção no processo interação-colaboração-cooperação. Tem a ver com a organização lógica na percepção individual do conteúdo. A percepção torna-se um fator fundamental na comunicação, coordenação e cooperação de um grupo de trabalho. (...) Perceber as atividades dos outros indivíduos é essencial para o fluxo e naturalidade do trabalho e para diminuir as sensações de impessoalidade e distância, comuns nos ambientes virtuais.

⁷ Publicado em: <<http://bpassarelli.futuro.usp.br/pos/inter/textpub.htm>>

A percepção dentro de um ambiente envolve vários aspectos cognitivos relativos à habilidade humana. Enquanto a interação entre pessoas e ambiente dentro de uma situação face-a-face parece natural - visto que sentidos como visão e audição estão disponíveis em sua plenitude -, a situação fica menos clara quando há a tentativa de fornecer suporte à percepção em ambientes virtuais. Estes ambientes tendem a esconder diversas informações que estão disponíveis num encontro face-a-face. Tendo como base essas informações, é possível afirmar que o ideal é que existam momentos presenciais antes da colaboração em ambientes virtuais de aprendizagem para que a percepção possa se manifestar por meio das mensagens trocadas em meios eletrônicos.

A atividade da construção do texto coletivo, como no contexto da disciplina, *CCVAeP*, pressupõe a utilização de dois níveis de relação no ambiente de aprendizagem: o intertextual e o hipertextual. No intertextual, tem-se um grande tecido construído pelas contribuições individuais em que cada participante, por meio de alinhamentos diversos, publica seus textos e também reproduz as vozes dos autores lidos. Em nível hipertextual, tem-se a possibilidade de selecionar e acessar a contribuição ou a seqüência que mais interessa e ainda a de ler na própria rede outros textos que vão sendo, ao longo do processo, mencionados, adicionados e trabalhados por todos os participantes. Este fato vem reforçar a idéia de que, convenientemente organizada, uma Comunidade Virtual de Aprendizagem representa uma importante riqueza em termos de produção e distribuição do conhecimento, de capacidade de ação e de potência cooperativa.

Paralelamente estão propostas na disciplina *CCVAeP*, outras atividades a serem desenvolvidas durante seu transcorrer, quais sejam: as discussões no fórum de temas relativos aos conteúdos em andamento que são explorados presencialmente, a publicação dos relatórios individuais, bem como a contribuição com *Dicas de Sites* interessantes.

As participações no fórum são realizadas de acordo com os temas abertos nas salas, como por exemplo: *Comunicação Aberta à Distância*, *Seminários*, *Texto*

Coletivo e, Resenhas. Neste espaço, a liberdade para criar novas salas com novos temas é total, e compatível com a proposta da disciplina, na qual o fórum é não-mediado.

De todo esse contexto novo, pode-se dizer que as CVA dão origem a um espaço de transformação social quando os sujeitos participantes criam códigos e elementos discursivos inovadores e produzem mudanças estruturais no comportamento e na forma de se relacionarem. É um mecanismo de reinvenção de lugares para interlocução.

Essas considerações e estudos estão na base da proposta deste trabalho, que apresenta, a demarcação do espaço, ou a condição de contorno para utilização do conceito de *capital social*.

3.2 CAPITAL SOCIAL COMO QUINTO FATOR DE PRODUÇÃO

A busca por caminhos mais eficazes, no âmbito da formação e do desenvolvimento sócio-cultural, passa por uma reavaliação do ponto de vista do progresso indefinido e vem sendo suplantada por visões que dão um papel mais importante às complexidades, contradições e incertezas. Devemos a sociólogos como Bourdieu e Coleman a teorização inicial sobre o *capital social* e suas possibilidades de contribuição para o desenvolvimento econômico-social. Cientistas políticos como Robert Putnam e Francis Fukuyama deram continuidade à essa teoria.

Higgins (2005), em sua pesquisa, enfoca a posição de Bourdieu onde este afirma que os problemas decorrentes da inserção de indivíduos em estruturas sociais específicas estão diretamente relacionados à distribuição assimétrica das diferentes formas de capital (econômico, simbólico e cultural) e aos campos de luta gerados. Para Bourdieu, o volume do *capital social* de um agente específico é função da extensão da rede social e do volume do capital econômico e cultural que possuem as pessoas com as quais esse agente se relaciona, ou, dito de outra forma, o *capital social* é um fator multiplicador das outras formas de capital.

O autor apropria-se da definição de *capital social* dada por Bourdieu como “agregado dos recursos atuais ou potenciais, vinculados à posse de uma rede duradoura de relações de familiaridade ou reconhecimento mais ou menos institucionalizadas” (HIGGINS, 2005, p.30). Distinguem-se, de um lado, as relações sociais que permitem ao indivíduo obter recursos, e de outra parte, a qualidade e quantidade desses recursos.

No novo debate, há uma revalorização de aspectos não incluídos no pensamento econômico, tais quais o reexame das relações entre cultura e desenvolvimento, e um repensar que se manifesta em propostas diferenciadas de acesso ao conhecimento como fator fundamental para inclusão e transformação social. O simples caminhar pelas ruas de uma cidade desvenda uma estrutura social baseada na formação e administração de redes de bens, serviços, conhecimentos e informações diversas, que precisam estar disponíveis para acesso e compartilhamento. Esta dinâmica social de uma rede coletiva facilita ao cidadão circular e viver numa cidade.

As novas TIC, favorecem a formação de uma rede de cidadania digital, e disponibilizam, nas cidades, serviços e ações de interesse público. Os programas de inclusão digital contribuem para o desenvolvimento social, cultural, intelectual e econômico, dada a disponibilização de espaços públicos com computadores para acesso à Internet, dotados de conteúdos digitais para: formação e capacitação, fomento a projetos comunitários com uso de TI, produção de pesquisas e facilitação para uso de serviços do governo eletrônico.⁸

Nessa virtualização da economia, observa-se a dependência criada entre dois bens primordiais e particulares: a informação e o conhecimento. Lévy (1999) considera-os primordiais por serem elementos importantes na produção de riquezas; e particulares, por se diferenciarem de outros bens pelas suas características - são partilháveis, uma vez que cedê-los não faz com que se percam e consumi-los não os destrói. Quando submetidos à virtualização, esses dois bens se *desterritorializam*, tornam-se não presentes, e colocam-se em um espaço comum a todos.

A consolidação progressiva dessa cidadania digital que se sobrepõe à rede física da cidade e, aos poucos, cria um sistema com múltiplas entradas e saídas – uma *infovia* compartilhada - permite o usufruto das oportunidades e benefícios da Sociedade da Informação local, ou a denominada *Cidade Digital*. Quanto ao digital, esta é a modalidade de inclusão, mas, como a sociedade em rede é um conjunto, é preciso abordar a questão como *infoinclusão social*, isto é a garantia de

⁸ O Programa ACESSA-SP de inclusão digital do Governo do Estado de São Paulo, desenvolvido em parceria com a Escola do Futuro da USP disponível em <http://www.acessasp.sp.gov.br/html/>, teve início em julho de 2000.

acessibilidade e conectividade à Sociedade da Informação, a partir das inovações midiáticas em TIC, com geração de melhores condições de vida e cidadania.

Os meios de comunicação de massa desempenham o papel de *costura* no campo de inter-relações e desenvolvem ecossistemas comunicativos mediados pelos processos de comunicação e suas tecnologias. (Soares, 2000). É nesse contexto que, segundo o autor descobre-se a relação entre comunicação e educação. Tal relação vai além do aperfeiçoamento tecnológico, mas que pertence ao campo das relações denominadas mediações culturais que facilitam a produção e difusão da informação, “[..] promovem a interatividade dos processos de ensino-aprendizagem e fornecem referenciais teóricos e metodológicos necessários à análise da produção cultural e do conhecimento [..]” (SOARES, 2000, p. 63).

Ao tomar-se o conceito utilizado por Soares (2001, p. 43) com relação ao “ecossistema comunicativo mediado por processos de comunicação e por tecnologias” encontra-se analogia em Martín-Barbero (2004, p. 288) quando trata o *paradigma da comunicação*, centrado no conceito de fluxo, entendido este como interconexão, tráfego não interrompido. Pode-se aqui estabelecer um paralelo com as Cidades Digitais e suas *infovias* compartilhadas. A instantaneidade da informação usada na cultura *pré-figurativa* de Margareth Mead, citada por Martín-Barbero (2004, p.334), é caracterizada por uma ruptura de gerações que aponta mudanças de antigos conteúdos em novas formas, além de uma mudança na natureza do processo, já que a comunidade mundial é um fato e promove o descentramento cultural.

A cultura cruza todas as dimensões do *capital social* de uma sociedade. Segundo a Declaração Universal sobre Cultura e Desenvolvimento da Unesco

(2001) “cultura deve ser considerada como o conjunto de linhas distintivas espirituais e materiais, intelectuais e afetivas que caracterizam uma sociedade ou um grupo social e que envolve, além das artes e das letras, a maneira de viver em grupo [...] ela molda nosso pensamento, nossa imagem e nosso comportamento (tradução nossa)”⁹. A cultura engloba valores, percepções, imagens, formas de expressão e de comunicação que definem a identidade das pessoas e das comunidades. Ela fica subjacente aos componentes do *capital social* como na proposição da ferramenta de medição qualitativa, proposta neste trabalho, e que se estrutura como:

- *capital social estrutural (econômico)* – manifesto na materialidade da infra-estrutura e recursos tecnológicos desenvolvidos e disponibilizados na sociedade ou comunidade estudada;
- *capital social cognitivo* – expresso pelas iniciativas à criação e aderência à cultura virtual, o que promove a aprendizagem coletiva;
- *coesão social* - representada pela confiança expressa nas ações coletivas das CVA voltadas à produção do conhecimento.

Com relação ao componente básico, *capital social estrutural* que representa a infra-estrutura tecnológica nos ambientes, Soares (2000, p.66) ressalta que a questão fundamental não é o número nem a qualidade dos recursos disponíveis, mas o seu gerenciamento.

Passa-se a verificar a ingerência direta de grandes empresas que, ao adquirirem complexos universitários ou criá-los, impõem ao mundo do ensino a lógica da produção e distribuição dos bens de consumo. Para estes, a universidade assemelha-se a um shopping-center ou a uma loja de varejo moderna, bem equipada, deslumbrante, mas destinada a um único objetivo: seduzir para o consumo de bens práticos, descartáveis ou de curta duração.

⁹ Unesco – United Nations Educational, Scientific And Cultural Organization, Declaração Universal da Unesco sobre a Diversidade Cultural, Paris, 2001, p. 19, disponível em <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160m.pdf>> Acesso em 28 ago 2006.

Martín-Barbero (2004) reforça essa posição ao afirmar que a massificação provocada pela privatização do ensino na América Latina vem ressaltar os descompassos da educação e aprofundar uma brecha antiga na produção de ciência e tecnologia. Dessa postura sobrevém a necessidade de ampliar, consolidar e fortalecer a capacidade dos países latino-americanos na produção do conhecimento e de TI. Trata-se “ [...] do campo no qual se produz hoje a dependência estratégica, aquela em que se joga não só a possibilidade de competir mas também a da sobrevivência econômica e cultural” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 335).

No terreno dos modelos e dispositivos de comunicação, a ruptura das gerações se converte em conflito entre culturas. Segundo Martín-Barbero (2004), o formato da atual educação tenta reduzir esse conflito a efeitos morais e traduzí-lo como efeito de manipulação dos meios sobre os estudantes. Essa redução provoca a *deslocalização* dos saberes como sugerido por Martín-Barbero (2004, p. 339-340):

Na relação entre educação e comunicação, a última fica quase sempre reduzida a sua dimensão instrumental, quer dizer, ao uso das mídias, e assim se deixa fora do debate justamente aquilo que seria estratégico pensar: a inserção da educação nos complexos processos de comunicação da sociedade atual [...] Desde os mosteiros medievais até as escolas de hoje o saber, que foi sempre fonte de poder, tem conservado esse duplo caráter de ser por sua vez, centralizado territorialmente e associado a determinados suportes e figuras sociais.

Sobre estas questões, Soares (2000, p.78) contribui com posturas embasadas em pesquisa realizada com agentes sociais norte-americanos, que caminham na direção de conceber “a inter-relação Comunicação/Tecnologias da Informação/Educação como espaço interdisciplinar multidiscursivo e que necessita ser articulado a partir de uma eficiente gestão”. Gestão eficiente na educação ocorre quando profundas mudanças nos objetivos, nos métodos de ensino e principalmente

quando advém a conscientização de que não há mais monopólio na transmissão do conhecimento e que não é só o professor quem detém o direito à palavra. Surgem pois, novos fatores para análise.

De acordo com Higgins (2005), o *capital social* foi incorporado como quinto fator de produção junto aos três fatores tradicionais - terra, trabalho e capital físico (ferramentas e tecnologia) - aliados ao capital humano (educação e saúde). Para os pesquisadores desse conceito, Coleman (1990) e Fukuyama (1996), Putman, (2005), os fatores econômicos não vão muito longe se as pessoas não forem capazes de compartilhar seus recursos e habilidades num espírito de cooperação e compromisso com objetivos comuns.

Nestes tempos de ousadia com o predomínio da informação e da tecnologia, quando o real se converte em virtual, as TI constituem um dos grupos mais dinâmicos da moderna economia; intervêm no cotidiano, impactam a organização do trabalho e promovem alterações nas articulações do poder. Desenha-se um contexto novo de interações em que se movimentam os agentes econômicos, que são os atores sociais. O ator social poderia ser pensado como um agente com metas e interesses que atuam dentro dos limites de seu entorno social. Em paralelo, pode-se dizer que o capital derivado das relações estabelecidas pelos atores e entre os atores é *social*.

A essa teia de referências faz-se obrigatório adicionar a contribuição do sociólogo norte-americano James Coleman, um dos autores que mais contribuiu para o desenvolvimento do conceito de *capital social*, onde inclui as perspectivas da ação social e do ator social. Higgins (2005, p. 33), entende o “capital social em termos funcionais, isto é, todos os elementos de uma estrutura social cumprem a

função de servir como recursos para que os atores individuais atinjam suas metas e satisfaçam seus interesses. [...] Os interesses são ações postas em prática”.

Ao considerar a posição de Higgins estabelece-se um paralelo como preconizado por Soares (2000, p.43), no sentido de que “as práticas da gestão comunicativa buscam convergências de ações, sincronizadas em torno de um grande objetivo: ampliar o coeficiente comunicativo das ações humanas”. Assim, as necessidades concretas tais como: existência de fontes alternativas de recursos, grau de afluência desses recursos, capacidade de gestão para obter ajuda, coesão e logística para contatos interpessoais, são fatores comuns que transitam nas fronteiras estudadas entre a comunicação e a educação, e entre o social e o econômico.

Fato é que se observa uma mudança nas formas de associação em comunidades, nas organizações produtivas, em ambientes de aprendizagem e todos trabalham com relações de confiança que são estabelecidas e que melhoram a eficiência entre os atores sociais, quer se estude sob o recorte educacional, econômico, social ou da comunicação exclusivamente.

A ação comunicativa de acordo com Higgins (2005), refere-se à interação de pelo menos dois sujeitos capazes de linguagem e de ação, que por meios verbais ou extra-verbais, estabelecem uma relação interpessoal. Os atores procuram estabelecer acordos sobre uma situação para coordenar seus planos de ação e suas ações. O ator social pode ser individual ou coletivo. Uma relação social é uma cooperação entre atores que geram um produto, em sentido amplo - bens, serviços, idéias, pesquisa, ou conhecimento, decorrentes de interações sociais.

Higgins (2005) sustenta que o *capital social* é uma função das relações sociais, fundamentada no modelo estratégico da ação social. O recurso ou capital é o poder de controle presente nas normas sociais. A cooperação entre os atores nada mais é do que uma forma de relação social de indivíduos ou grupos humanos com objetivos altamente coincidentes, que garante a reciprocidade de que precisam as relações de troca. A cooperação também passa, necessariamente, por complexos jogos de interpretação, negociação e comunicação com a finalidade de universalizar interesses.

3.3 CAPITAL SOCIAL APLICADO À CVA

O conceito de *capital social* é, para esta pesquisa, entendido como o potencial latente que tem as redes sociais de conhecimento (reais ou virtuais), potencial este que se materializa quando dotado de recursos para o seu funcionamento e desenvolvimento. As novas possibilidades de produção do conhecimento em espaços virtuais viabilizam um novo contrato social, uma vez que propõem uma *infoinclusão* que traz embutida a responsabilidade de decidir sobre seu destino e a própria vida. A base da participação é a escolha: clicar ou não, responder ao correio eletrônico ou não, participar ou não do fórum, votar ou não. Em outras palavras, o nível de desempenho social e econômico das sociedades será determinado, de forma crescente, pelo modo como os cidadãos, as forças econômicas e sociais poderão explorar as potencialidades das novas tecnologias, assegurar a sua total inserção na economia e fomentar o desenvolvimento de uma sociedade baseada no conhecimento. Nessa perspectiva, a intensificação dos esforços de educação e de formação para assegurar o sucesso da integração das tecnologias digitais é fundamental em qualquer circunstância.

Constata-se que uma mudança resultante da globalização e dos desafios de uma nova economia baseada no conhecimento é fato e que algumas propostas são urgentes, quais sejam:

- promover uma *Sociedade do Conhecimento* para todos, com reforço à coesão digital por meio de uma cultura virtual em ações coletivas;
- preparar novas capacidades, e promover a cultura virtual na habilitação das pessoas e o conhecimento aplicado à vida dos cidadãos;
- promover conteúdos, aplicações e serviços com valor para a sociedade, com a implantação de aprendizagem cooperativa em CVA;
- apoiar a consolidação da *Sociedade do Conhecimento*, por meio do uso de TI para ações coletivas de aprendizagem;
- fazer da formação em TIC um elemento de qualificação adicional na formação dos jovens, com políticas de incentivo ao uso de recursos de TI;
- apostar na Inovação Integrada em TIC como vetor central de aumento de competitividade para consolidar um capital social.

Paralelamente, há que se desenvolver uma metodologia eficiente que possa avaliar e balizar tanto a formação de pessoas com utilização de recursos de TIC, quanto a produção do conhecimento nessa *Sociedade do Conhecimento*, fortalecida com o uso de ferramentas de TI e voltada à ações coletivas em CVA.

4 METODOLOGIA DA PESQUISA

Putnam (2005, p. 27) advoga que “o cientista social prudente, assim como o investidor experiente, tem que recorrer à diversificação para aumentar o potencial de um único instrumento, compensando assim suas deficiências”. Seguindo essa máxima metodológica, este trabalho foi desenvolvido com os seguintes recursos:

- ambiente da disciplina *CCVAeP*,
- questionário publicado no site do *CCVAeP* (de 37 respondentes, 24 foram utilizados na pesquisa);
- entrevistas realizadas no Brasil e na Espanha (de 15 entrevistas, foram utilizadas 12);
- *Blog* criado para o acompanhamento do *CCVAeP*, e publicação dos trabalhos.

As entrevistas gravadas e transcritas, bem como os depoimentos coletados no *blog* foram analisados com base na metodologia do *DSC* (Lefèvre, F. Lefèvre, A.M. C, 2003) o que possibilitou a construção da *Matriz do Capital Social*, na busca de um instrumento baseado no conceito de *capital social* para CVA.

As fases do levantamento das informações para a pesquisa realizada estão ilustradas no Quadro 3 a seguir:

METODOLOGIA DE PESQUISA			
	Ambiente Virtual Estudado	Atividades Desenvolvidas	Compilação e Sistematização
Mai.05	Site do Curso CCVAeP		
Jun.05		• Publicação do questionário no site;	• Pesquisa bibliográfica.
Jul.05		• Entrevistas - Espanha.	• Compilação dos dados.
Ago.05		• Entrevistas - Brasil.	• Disciplina CCVAeP – estudo etnográfico.
Set.05			• Compilação dos dados.
Out.05		• Blog – depoimentos.	• Coleta de depoimentos no Blog.
Nov.05			• Compilação dos dados.
Dez.05			• Transcrição das entrevistas.
Jan.06			Compilação de dados.
Nov.06			• DSC na construção da <i>Matriz CS</i> ; • Sistematização dos dados coletados.
Mai.07			• Produção do relatório.

QUADRO 3 - METODOLOGIA – FASES DA PESQUISA

4.1 PESQUISA ETNOGRÁFICA

A pesquisa foi ambientada em um espaço virtual formado por profissionais das mais diversas áreas, com especialidades e habilidades distintas, o que propiciou o acompanhamento, registro, observação, interpretação do ver e ouvir, transformado na *construção de uma leitura* de uma CVA, com características e cultura próprias. “A cultura de uma sociedade consiste no que quer que seja que alguém tem que saber ou acreditar a fim de agir de uma forma aceita pelos seus membros, [...] a cultura é pública, porque o significado o é.” (GEERTZ, 1989, p. 21).

No *olhar* e no *ouvir* disciplinados realiza-se a percepção, mas é no *escrever* que o pensamento exercita-se como produtor de um discurso que seja criativo e construtivo. É assim que é descrito o trabalho do antropólogo por Oliveira (2000). Ao

transformar essas faculdades em atos cognitivos, realiza-se a percepção e ao registrar o pensamento decorrente da observação acontece a interpretação do fato observado.

Neste contexto, o estudo etnográfico, que parte da noção de cultura considerada como conhecimento já adquirido, será usado para interpretar experiências e condutas, com abrangência no que dizem, sabem, constroem e usam os sujeitos das CVA. É uma *descrição densa* sobre compreensão detalhada dos significados, comportamentos, ações e situações vivenciadas pelos participantes em seu cotidiano. A configuração etnográfica permite *olhar e perguntar* sobre o objeto investigado – sujeitos das CVA - para narrar, descrever, interpretar e compreender sua materialidade discursiva, mantido como procedimento metodológico o princípio da interação constante entre o pesquisador e o objeto pesquisado (GEERTZ, 1989, p. 20).

Fazer etnografia é como tentar ler (no sentido de 'construir uma leitura de') um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas, suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado.

As práticas levadas a efeito pelo etnógrafo e que lhe dão legitimidade são assim resumidas por Clifford (1998, p. 27-31):

- a persona do etnógrafo se utiliza de técnicas analíticas em campo;
- o etnógrafo deve dominar a comunicação para estabelecer contato com a cultura estudada;
- observador-participante é norma para a pesquisa;
- pesquisador seleciona os dados que lhe permitem construir um arcabouço central ou *estrutura* do todo cultural;
- por estar fundada na sinédoque, as partes são concebidas como microcosmos ou analogias do todo;

- excluir o diacrônico da pesquisa, ressaltando o presente etnográfico.

De forma a atender as práticas estabelecidas para o estudo etnográfico desta pesquisa, a *persona* do etnógrafo participou da disciplina com atendimento às normas acima citadas, e se transformou em *etnógrafo virtual*. Guardadas as devidas proporções, Pero Vaz de Caminha, para relatar a viagem de Cabral enviaria, nos dias de hoje um *e_mail* como *relator* de confiança da Coroa Portuguesa.

A autora, como relatora da disciplina *CVAeP – turma 2005*, registrou passo a passo os fatos presenciais da mesma, gravou entrevistas e depoimentos, disponibilizados em mídia digital e publicou fatos ocorridos nos ambientes virtuais ¹⁰.

4.1.1. O Ambiente da Disciplina - CCVAEP

O ambiente da disciplina *CCVAeP* constitui-se em um espaço para “[...] propiciar a produção e publicação de trabalhos de autoria individual e coletiva, bem como incentivar a reflexão crítica sobre os ambientes virtuais de aprendizagem através de estudos teóricos, avaliação de estudos de caso e a troca de informações através do fórum” (PASSARELLI, 2007, p.105).

Na definição da construção de uma comunidade virtual, Palloff e Pratt (2002) estabelecem alguns passos fundamentais, identificados, na prática, no ambiente idealizado por Passarelli (2003):

- a. Definir claramente a proposta do grupo

¹⁰ Ver cópia editada do blog Apêndice D.

A disciplina desenvolvido para o Programa de Pós-Graduação de Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da USP, área de concentração de *Interfaces Sociais da Comunicação*, linha de pesquisa de *Educomunicação*, envolve pesquisas no campo da utilização dos recursos das TI e da Comunicação e foi construído com uso, segundo Passarelli (2003, p. 90),

[...] mediação privilegiada do processo de ensino-aprendizagem, [...] cujo objetivo é proporcionar oportunidade de reflexão sobre a Educação a Distância bem como sobre o potencial educacional das tecnologias de comunicação e informação, sem as quais já não mais se concebe a educação na Pós-modernidade.

b. Criar um local diferenciado para o grupo

A fim de atuar como extensão virtual das aulas presenciais da disciplina, Passarelli (2003, p. 90-91) concebeu e criou

site Criando Comunidades Virtuais de Aprendizagem e de Prática, dedicado a alunos regulares e especiais do programa de pós-graduação. [...] O *site* constitui um ambiente virtual de aprendizagem, no qual o aluno de pós-graduação tem oportunidade de aprofundar seus conhecimentos sobre educação na sociedade digital e refletir sobre os impactos das TIC na educação virtualizada. A interface gráfica identifica cada seção com cores próprias a fim de facilitar a navegação e sinalizar ao usuário onde ele se encontra.

As mais variadas formas de acesso ao conteúdo têm como finalidade promover o debate, tanto presencial, quanto pelo fórum, uma das ferramentas disponibilizadas no *site* do curso.

c. Promover lideranças internas eficientes

A partir do momento em que é apresentada a forma de trabalho no CCVAeP, lideranças naturais despontam e, como o ambiente objetiva a CVA, a prática é desenvolvida por meio do fórum da disciplina.

d. Definir atividades, normas e um claro código de conduta

Para um perfeito acompanhamento do programa do curso, o *site* de acordo com Passarelli (2003, p. 91-95), está dividido em seções e, na subdivisão denominada Conteúdo, o aluno tem acesso aos

[...] tópicos do programa da disciplina explorando a convergência de mídias, incorporando textos, animações e vídeos, trabalhando simultaneamente com a convergência de mídias [...] na seção Inter-Ação que ancora as atividades de autoria individual e coletiva incluindo a publicação das mesmas. Encontram-se também reunidas nesta seção as Dicas de Sites interessantes que são enviadas pelos alunos no decorrer do curso, os Formulários para Auto-Avaliação e o Fórum de debates que se destina à troca de idéias entre os alunos, antes e após a publicação das atividades individuais e coletivas, bem como comentários gerais sobre o curso, as aulas ou sites interessantes por eles descobertos

e. Permitir que haja uma variedade de papéis para os membros do grupo

Neste ponto, sobre a variedade de papéis, Passarelli (2003, p. 97) ressalta que o desafio está em “como utilizar o potencial da tecnologia digital de forma a contribuir não somente para o desenvolvimento cognitivo, mas também afetivo e ético, incorporando também o conceito de que ensinar é um ato de comunicação”.

A comunicação é um processo de busca da aceitação de idéias, propósitos ou interesses entre as partes envolvidas. A conscientização da necessidade de abertura de espaços para o diálogo e a oportunidade de apresentar argumentação proporcionam um produto final maior que a soma das contribuições individuais.

No contexto da disciplina *CCVAeP*, esse processo de negociação entre os participantes tem início no primeiro encontro presencial, quando são apresentadas as atividades que compõem o curso descritas nos módulos de Conteúdo e Interação.

As atividades, compostas de relatórios individuais, texto coletivo e fórum passam a ser o ponto de sustentação da disciplina. Desta forma, os textos

escolhidos para os relatórios individuais já vão sendo direcionados para uma equalização da base do conhecimento do grupo que propicie o diálogo. Deste diálogo nascerão as idéias e os debates que trarão os primeiros temas para a construção do texto coletivo.

A realização dessa tarefa é o resultado de um consenso negociado, nem sempre isento de atritos, sobre o tema, fontes de pesquisa, formato de construção e apresentação; evidencia-se, por outro lado, a necessidade de divisão de tarefas e responsabilidades, dada a exigüidade do prazo. São então criados comitês para a execução das várias etapas:

- Comitê de Editoria: responsável pelas funções de editar e preparar os textos para a publicação.
- Comitê de Redação: responsável pelas funções de selecionar os textos resenhados, alinhar as idéias, aparar as arestas eliminar duplicidades e redigir o texto coletivo.
- Comitê de Pesquisa: responsável por preparar os instrumentos de coleta de dados, promover o levantamento, apresentar e analisar os dados coletados, elaborar as conclusões a partir dos dados encontrados, e relacioná-los com o referencial teórico.
- Relatoria: responsável por organizar, registrar e relatar as discussões nos momentos presenciais e virtuais, estruturadas em um *making-of*.

f. Permitir e facilitar subgrupos

As novas formas de associação em comunidades virtuais trouxeram novas formas de manifestação de laços sociais e sistemas de troca de recursos. Nesse novo espaço porém, sociabilidade, cooperação, reciprocidade, confiança, respeito, e simpatia são praticados e identificados, o que propicia a criação de subgrupos por suas afinidades, como em qualquer relação interpessoal. São outras práticas para quem ensina e aprende.

g. Permitir que os participantes resolvam suas próprias discussões

Na disciplina *CCVAeP*, a utilização do fórum como ferramenta de promoção da discussão e debate dos temas e atividades relacionados não sofre mediação ou intervenção, além daquela porventura negociada e posta em prática por seus participantes. Desta forma, os debates, contribuições e atritos são resolvidos neste espaço determinado, o que proporciona a prática e o desenvolvimento do hábito de inter-relacionamento em um espaço virtual.

No *CCVAeP*, 2005, além dos ambientes e ferramentas existentes e já descritos, foi desenvolvido também um *blog*, com a finalidade de registrar e disponibilizar o *making of* da disciplina¹¹ onde foram registrados os processos de construção do texto coletivo. Neste espaço, foram vivenciados os conceitos de Geertz (1989) sobre a prática do registro do etnógrafo a respeito da participação do pesquisador inserido *no* próprio contexto objeto de estudo e não sobre o objeto.

4.1.2. O Questionário

Para a realização da pesquisa, incluem-se entre os recursos para composição das informações da amostra, um questionário elaborado em formulário eletrônico que teve sua publicação disponibilizada no *site* da disciplina *CCVAeP* na seção Interação, a partir de junho de 2005¹².

¹¹ *Making of* da disciplina, turma 2005. Disponível em: < <http://clepsidrasegundo.blogspot.com/> >

¹² Formulário disponível em: < http://bpassarelli.futuro.usp.br/pos/inter/perfil_form.php >

A formulação do questionário (ver Apêndice A) foi dividida em duas partes. A primeira traz enunciação contextual relativa a informações pessoais dos participantes, tais como, faixa etária, sexo, país de residência, domínio de idiomas. A segunda parte é voltada à identificação, do cotidiano dos participantes de CVA, no que diz respeito à alfabetização digital e participação em ações coletivas e a intimidade na utilização de ferramentas de interação. O intuito é identificar fatores que possam servir para avaliar a aderência ao ambiente virtual pesquisado, a confiança nas relações estabelecidas nos ambientes virtuais e a coesão nas ações coletivas que “constituem um ativo intangível, ou capital não-monetário, do qual se podem obter recursos ou benefícios que satisfaçam os interesses dos atores sociais imbricados” (HIGGINS, 2005, p. 236).

4.1.3 As Entrevistas

O material da pesquisa conta com entrevistas gravadas em VHS, participações recebidas por meio do *blog* do *site* da disciplina, e depoimentos das turmas de 2005 da disciplina de Pós-Graduação da ECA/USP.

A pesquisa faz um recorte, com seleção de uma amostra composta por participantes de dois países, Brasil e Espanha, em função dos locais de levantamento, não de nacionalidade dos componentes da amostra, para as entrevistas. O foco visava a coleta de informações que pudessem servir de base aos seguintes relacionamentos:

- experiência anterior em ambientes virtuais,
- familiaridade com ferramentas de Internet,

- participação em fóruns,
- pesquisa acadêmica na Internet,
- recursos mais utilizados,
- preferências por mecanismos de busca,
- agência de notícias,
- jornais e revistas online,
- grupos de discussão,
- dicionários e tradutores online,
- tutoriais e cursos online,
- ter um site ou blog pessoais por faixa etária,
- interação associada a ambientes virtuais por faixa etária,
- formas de aprendizagem,
- interesse em participação de comunidades virtuais.

As entrevistas foram realizadas com os alunos do Programa de Doutorado em Documentação do Departamento de Biblioteconomia e Documentação *da disciplina* de Análise Documental de Conteúdo e Organização do Conhecimento em Educação, da Universidade Carlos III em Madri, Espanha, por ocasião *da disciplina* sobre CVAeP, ministrado pela Prof^a. Dr^a. Brasilina Passarelli, a convite daquela universidade.¹³

O roteiro das entrevistas aplicado nesta amostra, conforme Apêndice B, foi construído para identificação dos recursos tecnológicos disponíveis ao alcance dos participantes de CVA e o estágio de alfabetização digital; os valores de integração,

¹³ O curso realizou-se de 20 a 29 de junho de 2005 a convite do Prof. Dr. Miguel Angel Marzal, do qual a autora participou como assistente.

sociabilidade, cooperação, reciprocidade e pró-atividade existentes nestas comunidades.

O objetivo foi retratar uma comunidade em seus próprios termos, na busca da criação de um padrão expondo a *normalidade* das ações desta amostra escolhida. O ato de anotar e relatar transforma o acontecimento passado em um *discurso social*, e registrado, dá origem em sua análise a interpretações que constroem a curva desse discurso social. Geertz (1989, p. 31), sobre o registro, enfatiza:

[...] o que a escrita fixa? (...) não o acontecimento de falar, mas o que foi 'dito', onde compreendemos, pelo que foi 'dito' no falar, essa exteriorização intencional constitutiva do objeto do discurso graças ao qual o *sagen* – o dito – torna-se *Aus-Sage* – a enunciação, o enunciado. Resumindo, o que escrevemos é o noema ('pensamento', 'conteúdo', 'substância') do falar. É o significado do acontecimento de falar, não o acontecimento como acontecimento.

Assim, a pesquisa etnográfica é interpretativa. Ela interpreta o fluxo do discurso social e a interpretação envolvida consiste na tarefa de salvar o *dito* num tal discurso diante da possibilidade de extinguir-se, e registrá-lo em formas pesquisáveis. Segundo Geertz, a pesquisa é microscópica e a tarefa da construção teórica etnográfica é tornar possíveis descrições minuciosas.

4.2 A METODOLOGIA DO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

A tarefa de retirar de um universo discursivo dados para uma interpretação da cultura em estudo é como garimpar a partir de pequenas falas para “apoiar amplas afirmativas sobre o papel da cultura na construção da vida coletiva” (Geertz, 1989, p.

38). Atendendo a esta condição, foram realizadas entrevistas programadas em busca do registro dos relatos nas comunidades estudadas.

Lefèvre, F. Lefèvre, A. M. C. Teixeira, J.J. (2000, p. 16) ressalta que a entrevista permite:

através de um discurso, que é o modo como naturalmente as pessoas pensam, o acesso a dados da realidade, de caráter subjetivo, isto é, idéias, crenças, maneira de pensar; opiniões, sentimentos, maneiras de atuar; conduta ou comportamento, presente ou futuro; razões conscientes ou inconscientes de determinadas crenças, sentimentos, maneiras de atuar ou comportamentos.

Nesta pesquisa, a representação social possibilitou a construção de um painel na forma dos discursos, (ver em Apêndice C), com a técnica do *DSC* (Lefèvre, F. Lefèvre, A.M.C., 2003), que buscou refletir o que pensam as comunidades estudadas, na observação dos resultados obtidos das entrevistas e depoimentos, entre os grupos estudados revelando as *expressões-chave (ECH)* e *idéias centrais (IC)*.

Neste sentido, o *DSC* proposto por Lefèvre, F. Lefèvre, A. M. C., (2003), constitui uma técnica de organização de dados discursivos em pesquisa qualitativa que permite resgatar o estoque de representações sobre um determinado tema em um dado universo. A matéria-prima a ser trabalhada pelo *DSC* é o pensar expresso em forma discursiva de um conjunto de sujeitos, sobre um certo assunto. Os discursos são submetidos a uma análise do conteúdo que se inicia pela decomposição desses nas principais ancoragens ou idéias centrais presentes em cada um, individualmente e em todos reunidos, seguindo-se uma síntese que visa a reconstituição discursiva da representação social.

Para a construção do DSC Lefèvre, F. Lefèvre, A M. C. (2003) criaram as seguintes figuras metodológicas:

Expressões-chave (ECH) – trechos ou transcrições literais do discurso realçadas pelo pesquisador que revelam a essência do depoimento ou do conteúdo discursivo. As expressões-chave são a *prova-discursivo-empírica* da verdade das idéias centrais. São segmentos de discursos que remetem às Idéias Centrais, podendo ser conteúdos das Idéias Centrais, e representam a matéria prima para a construção do DSC.

Idéias Centrais (IC) – são nomes ou expressões lingüísticas que revelam e descrevem de maneira sintética e fidedigna o sentido de cada um dos discursos analisados. As IC são resgatadas das entrevistas e dos depoimentos revelando o *que foi dito* deixando claro o tema do depoimento ou *sobre o que o sujeito enunciator* está falando.

Fica claro que as ECH e as IC são indispensáveis para que os sentidos dos discursos possam ser adequadamente descritos, não podendo, essas duas funções, ser consideradas isoladamente, estabelecendo-se uma “interação dialética entre idéias centrais e expressões-chave” (LEFÈVRE, F. LEFÈVRE, A M. C., 2003, p. 25-26).

Ancoragem – na teoria da representação social, é a manifestação lingüística de uma dada teoria, conceito, hipótese ou crença, que o autor do discurso professa, *enquadrando* uma situação específica.

Discurso do Sujeito Coletivo – é o discurso-síntese redigido na 1ª. pessoa do singular e composto pelas ECH (expressões-chave) que têm a mesma IC (idéia central) ou AC (ancoragem). É a resposta à questão aberta, é o pensamento enquanto possibilidade, porque a questão aberta é o procedimento da pesquisa que tem maiores chances de fazer com que o pensamento dos indivíduos se expresse como um discurso. A composição do discurso comum é a “fala do social” elaborado com material dos discursos individuais, semelhantes ou complementares. (LEFÈVRE, F. LEFÈVRE, A M. C., 2003, p. 27-28).

Na categorização, o agrupamento dos discursos, condição necessária para a produção do conhecimento aqui proposta, é considerado classificatório. A categoria é “a condição para a ‘cientificidade’ na medida em que os discursos – e os indivíduos que os professam – são classificados”. (LEFÈVRE, F. LEFÈVRE, A M. C. TEIXEIRA, J.J., 2000, p. 19).

O *DSC* é uma estratégia metodológica com vistas a tornar mais clara uma representação social. É possível visualizar, não sob uma forma de quadros, tabelas, mas sob uma forma direta de um discurso que é, conforme assinalado pelos idealizadores do método, “o modo como os indivíduos reais, concretos, pensam”. (LEFÈVRE, F. LEFÈVRE, A M. C. TEIXEIRA, J.J., 2000, p. 20).

A adoção desta análise qualitativa, por meio do resgate do pensamento de uma comunidade, é sustentada pela metodologia proposta ao se construir, baseada no conjunto de discursos sobre um dado objeto (CVA), um grande discurso coletivo que representa a comunidade, ou podem ser dois, dependendo da questão

levantada, produzindo uma agregação não-matemática destes discursos. (LEFÈVRE, F; LEFÈVRE, A M. C., 2005, p. 49).

O pensamento coletivo, tal como o concebe o DSC, é um ente coletivo muito especial, porque consiste numa produção empírica, pela pesquisa, de uma “coisa coletiva” – um discurso – que, como um quebra-cabeça, não é produzido por uma soma de iguais, mas por um agregado de “peças” complementares.

Apesar de ter-se o indivíduo como fonte e origem dos discursos, a representação do social conseguida por intermédio da construção deste *DSC*, é relativamente “autônoma dos emissores individuais na medida em que constituem produtos simbólicos de natureza coletiva que não são somas matemáticas de pensamentos de pessoas consideradas como unidades discretas equivalentes”. (LEFÈVRE, F. LEFÈVRE, A M. C. TEIXEIRA, J.J., 2000, p. 34).

Os autores reforçam esse raciocínio ao afirmar que o pensar dos indivíduos atuando e interagindo no dia a dia da vida social, reconstruindo cadeias argumentativas,

tanto no plano sincrônico como no diacrônico, expressa-se através de uma série de conteúdos que, reunidos, acabam, juntamente com outras fontes discursivas, conformando o meio ambiente ideológico, do qual cada pessoa ou grupo de pessoas, vivendo na formação social, nutre-se e embebe-se de forma natural e espontânea, para pensar e emitir seus juízos particulares, dar explicações ou justificativas sobre os mais variados temas.

Construir um *DSC* requer a instituição de um sujeito único, que incorpora na sua fala os conteúdos e os argumentos de falas semelhantes, o que cria assim um sujeito do pensamento coletivo na primeira pessoa do singular, reunindo discursos de sentido semelhante. (LEFÈVRE, F. LEFÈVRE, A M. C., 2005, p. 35-36).

A tarefa do pesquisador é produzir o sujeito social ou coletivo do discurso e o discurso coletivo correspondente, “fazendo o social falar como se fosse um indivíduo, [...] como manda o rigor científico, utilizando procedimentos explícitos, transparentes

e padronizados, construindo-se a fala do social com material empírico proveniente de falas dos indivíduos, [...] buscando um discurso compartilhado.” (LEFÈVRE, F. LEFÈVRE, A M. C., 2003, p. 28-29).

A representação *qualiquantitativa* implica em se admitir que diferentes depoimentos podem ter a mesma Idéia Central (IC), por isso se entende que um pensamento é sempre um discurso e deveria ser visto e descrito por Lefèvre F. Lefèvre, A M. C. (2005, p. 53).

[...] não apenas por meio de categorias que enunciam ou nomeiam os sentidos comuns de distintos depoimentos de sentido semelhante, agregados nesse pensamento coletivo, mas também e conjuntamente com essas categorias, por discursos que desdobram e explicitam os conteúdos e argumentos que compõem esses sentidos comuns.

Para a sistematização da coleta a pesquisa considerou aspectos orientadores de todo o levantamento e análise dos fatores identificados nos discursos sociais produzidos nas falas do sujeito, construídos a partir de entrevistas dos participantes da CVA descrita. (Ver Apêndice C, Quadro 12 e seguintes).

4.3 ESTRUTURAÇÃO DA MATRIZ DO CAPITAL SOCIAL PARA A CVA

A forma adotada de estratificação ou desconstrução das estruturas identificadas como componentes das CVA foi considerada como aspecto orientador de todo o levantamento e análise para esta pesquisa. Foram levados em consideração fatores surgidos nos espaços de interlocução ocupados pelos sujeitos participantes de CVA, na busca da identificação de variáveis para estruturação da matriz proposta no estudo. A *Matriz do Capital Social* é um instrumento que objetiva representar as relações desenvolvidas no espaço das CVA, pois sua estruturação

permitiu a identificação dos fatores necessários à avaliação do *capital social* produzido em CVA. A matriz, em última análise, pode ser considerada uma ferramenta de compreensão e avaliação estratégica da atuação e desempenho dos sujeitos participantes em CVA.

Com base nesse raciocínio e com o acompanhamento da interdependência dos sujeitos que atuam em CVA, surge o fato de que os sujeitos dessa comunidade estão interessados em recursos ou acontecimentos que estão sob o controle total ou parcial de outros participantes. Deste modo, como salienta Higgins (2005), ocorrem diversos tipos de troca e transferências em sociedades tradicionais em busca de interesses, o que traz como resultado a formação de relações sociais que perduram no tempo. Entre elas estão relações de confiança, atribuição consensual de direitos e em decorrência, as normas.

As relações sociais originadas quando os indivíduos tentam fazer o melhor uso dos seus recursos podem ser entendidas como tendo um sentido instrumental que nomeia as formas da relação social e que é o que permite falar de um capital disponível para os indivíduos em geral, isto é, um *capital social*. Desta forma o *capital social* é definido por sua função, de acordo com Coleman, e é representado por uma variedade de entidades que tem duas características em comum: serem elementos da estrutura social e facilitarem certas atuações dos indivíduos. De acordo com Higgins, (2005, p. 87-88):

o capital social é um predicamento exclusivo das relações sociais e não dos indivíduos. De forma análoga à função do capital humano no caso dos indivíduos – dotar de destrezas e capacidades para que as pessoas sejam capazes de atuar em novas formas -, o capital social é criado quando as relações entre as pessoas mudam de tal forma que facilitam sua ação individual.

Com esta sustentação teórica do capital social, aliada à análise dos discursos coletados nas entrevistas e depoimentos, e somados à vivência e acompanhamento das comunidades virtuais de aprendizado, buscou-se a identificação de fatores para estruturação da *Matriz do Capital Social* que deriva para avaliação em CVA. Os fatores estudados foram:

- Infra-estrutura tecnológica frente à utilização de tecnologias, e políticas de incentivo ao uso de recursos de TI (*capital social estrutural ou econômico*)
- Aprendizagem cooperativa, aderência à cultura virtual, por meio da participação em CVA, e criação da cultura virtual (*capital social cognitivo*),
- Produção do Conhecimento e promoção e adesão ao uso de TI para *ações coletivas* em ambientes virtuais (fóruns, listas), com foco na *coesão social*.

Estes fatores foram aplicados na avaliação dos níveis de utilização de ambientes virtuais componente da variável *capital social estrutural*, na confiança e aderência às normas e cultura em ambientes virtuais, para a variável *capital social cognitivo* e, na ocorrência de ações coletivas, na variável *coesão social*, no sentido da interação, cooperação e colaboração de acordo com a categorização teórica do capital social. (COSTA, 2005).

Higgins (2005), em sua pesquisa, enfatiza que há concordância entre os autores estudados quando reconhecem que as relações sociais,

incluídos seus elementos estruturantes, (normas outorgantes de direitos e obrigações, sanções, valores, autoridade, proximidade espacial etc.) e estruturados (instituições, redes, confiança etc.) constituem um ativo intangível, ou capital não monetário, do qual se podem obter recursos ou benefícios que satisfaçam os interesses dos atores imbricados. Em razão de que à noção de capital, de origem econômica, é inerente o sentido de apropriação instrumental, não deve parecer estranho que a interpretação das relações sociais, em termos de capital, tenha esse viés de investimento com rendimentos potenciais. (HIGGINS, 2005, p.236).

Nesta *aprendizagem sem distâncias* desenvolve-se uma produtividade potencial nas relações sociais decorrentes da inserção de indivíduos em estruturas sociais específicas, o que ressalta a distribuição assimétrica das diferentes formas de capital (econômico, simbólico¹⁴, cultural e social) e os campos de lutas que se geram. Entre os autores estudados Higgins (2005, p. 237) resgata um trabalho de Bourdieu em que este ressalta a

noção de capital social, (...) não deixa de lado o problema do montante do capital econômico e cultural. O volume do capital social (VCS) de um agente específico está em função da extensão da rede social (ES) e do volume de capital econômico (VCE) e cultural (VCC) que possuem as pessoas com as quais se relaciona.

Especificamente está dito que o *capital social* é um fator multiplicador das outras formas de capital, sendo representado pela equação a seguir:

$$\text{VCS} = \text{ES} (\text{VCE} + \text{VCC})$$

onde:

VCS = volume do capital social
ES = extensão da rede social construída (CVA)
VCE = volume do capital econômico
VCC = volume do capital cultural

Para esta pesquisa, as variáveis que ancoram a proposta do estudo da construção da ferramenta de avaliação para as CVA estão ordenadas na *Matriz do Capital Social*, subdivididas nas variáveis do modelo teórico, acrescido dos fatores componentes estruturados decorrentes dos discursos sociais construídos, conforme Quadro 4.

¹⁴ *Capital Simbólico* – conceito creditado à Pierre Bourdieu, consiste no poder das palavras em encetar ações. Fundamenta-se na necessidade que têm os seres humanos em justificar sua existência social, serem aceitos como membros de uma comunidade com seus títulos, diplomas ou posições de honra. Ter reconhecimento.

MATRIZ DO CAPITAL SOCIAL	
capital social estrutural	<ul style="list-style-type: none"> utilização de ambientes virtuais infra-estrutura tecnológica disponível políticas de incentivo ao uso de recursos de TI
capital social cognitivo	<ul style="list-style-type: none"> aprendizagem cooperativa em CVA aderência à cultura virtual criação da cultura virtual
coesão social (ações coletivas)	<ul style="list-style-type: none"> produção do conhecimento promoção das ações coletivas pela instituição adesão ao uso de TI para ações coletivas

QUADRO 4 - MATRIZ DO CAPITAL SOCIAL

5 COMPONENTES DA MATRIZ DO CAPITAL SOCIAL

Os fatos e informações para a amostragem da pesquisa foram coletados no acompanhamento e na construção das CVA, com foco na análise dos sujeitos participantes, suas estratégias enquanto interconectados, sua frequência de participação, motivação e, negociação. Tal situação não é evidente nem tampouco fácil, num jogo constante de induções próprias da dinâmica social estabelecida nas CVA e na formatação de reflexões a cerca de conteúdos que estarão disponíveis em um ambiente virtual.

5.1 COMPOSIÇÃO DA AMOSTRA

A pesquisa baseou-se em respostas selecionadas por participantes em dois países, que formam os grupos para o Brasil e Espanha, em função dos locais de aplicação, Universidade de São Paulo e Universidade Carlos III de Madri, respectivamente. A amostra conta com o resultado das informações levantadas por meio do questionário publicado em formato digital no site da disciplina CVAeP¹⁵. O critério estabelecido na construção das variáveis estudadas para a composição da *Matriz do Capital Social*, leva em conta o espaço de interlocução, as CVA, apoiado em técnicas de observação etnográficas e a metodologia do DSC.

¹⁵ Questionário disponível em: <http://bpassarelli.futuro.usp.br/pos/inter/perfil_form.php>

5.2 APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

O questionário disponibilizado em formulário para preenchimento online teve 37 respondentes dos quais foram aproveitados 24 questionários. Os registros recusados continham incongruências nas respostas, dificultando o aproveitamento das informações. A amostra que forma os grupos em análise dos dois países, Brasil e Espanha, é composta por estudantes provenientes de países da América Latina – Colômbia, Venezuela, México, Brasil – e da Europa, Portugal e Espanha. O critério utilizado para a estruturação dos grupos considerou apenas o local de aplicação do questionário para a pesquisa. Para cada item analisado a seguir, mostra-se resumidamente a composição das informações coletadas pelo questionário.

5.2.1 Faixa Etária da Amostra

Abordagem do questionário: idade, sexo, presença de problema de saúde, outros idiomas, etc., que oferece o perfil dos participantes.

A amostra estudada para esta análise qualitativa, formada na composição dos cursos de pós-graduação realizados no Brasil e na Espanha, teve como resultado a concentração na faixa etária compreendida entre 36 e 45 anos, dos participantes nas CVA em análise. O Gráfico 1 apresenta a comparação entre os dois grupos e ilustra a concentração observada.

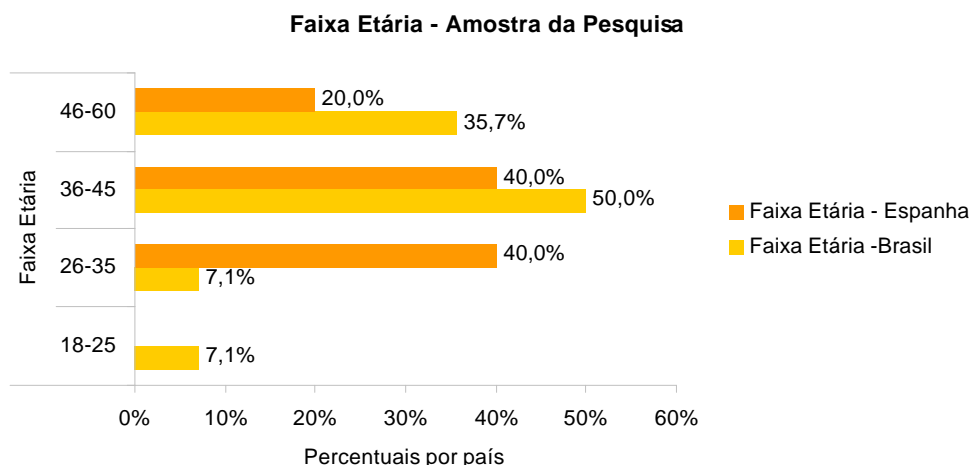


GRÁFICO 1 – FAIXA ETÁRIA DA AMOSTRA DA PESQUISA

No grupo do Brasil a forte concentração ocorre entre 36 e 60 anos com 85,7% dos participantes. Observa-se que no grupo da Espanha, a faixa de jovens entre 18 e 25 anos está sem representação. Os 80% de participantes neste país estão concentrados nas duas faixas entre 26 e 45 anos.

5.2.2 Variável Capital Social Estrutural – Fator Infra-estrutura Tecnológica

Abordagem do questionário: experiências anteriores em ambientes virtuais associadas à aula presencial e frequência de uso da Internet.

O fator, *utilização de ambientes virtuais de aprendizagem*, é componente associado à variável *capital social estrutural* da *Matriz do Capital Social*. Higgins (2005), une esse conceito ao da funcionalidade pela inter-relação existente com a possibilidade de oferecer destreza para a atuação dos sujeitos em novas formas facilitando sua interação e ação individual.

O Gráfico 2 ilustra as diferenças observadas nos dois grupos, relativas ao recorte da amostra que foi possível estudar.

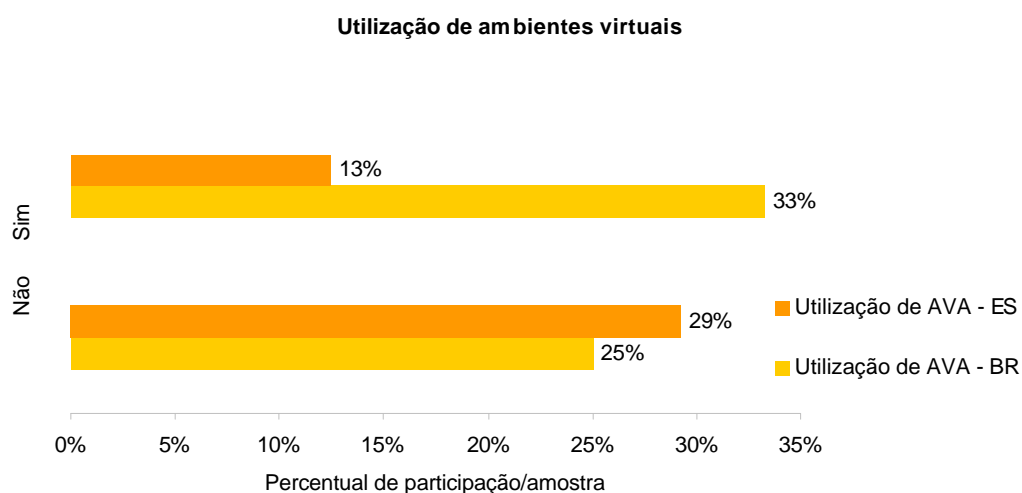


GRÁFICO 2 – UTILIZAÇÃO DE AVA POR GRUPOS

A amostra estudada indica algumas diferenças na comparação entre os dois grupos no que diz respeito à utilização ou não de ambientes virtuais disponibilizados na academia. O grupo do Brasil apresenta um resultado 37,5% superior em relação ao da Espanha, representados pelos 33% dos participantes da amostra que responderam utilizarem AVA contra os 13% de respondentes no grupo da Espanha. Quanto a resposta negativa, a distribuição retrata a proximidade dos níveis de utilização de infra-estrutura tecnológica disponível nos ambientes acadêmicos estudados, isto é, 25% no grupo do Brasil e 29% no da Espanha.

A utilização de AVA revelada pelo grupo do Brasil é 37,5% superior à da revelada pelo grupo da Espanha.

O fator *Infra-estrutura tecnológica* foi medido na pesquisa por meio do item frequência na utilização de ferramentas de TI quantificados por intermédio do número de horas diárias e semanais de utilização. A análise proporcionada pelo Gráfico 3 ilustra as diferenças entre os dois grupos.

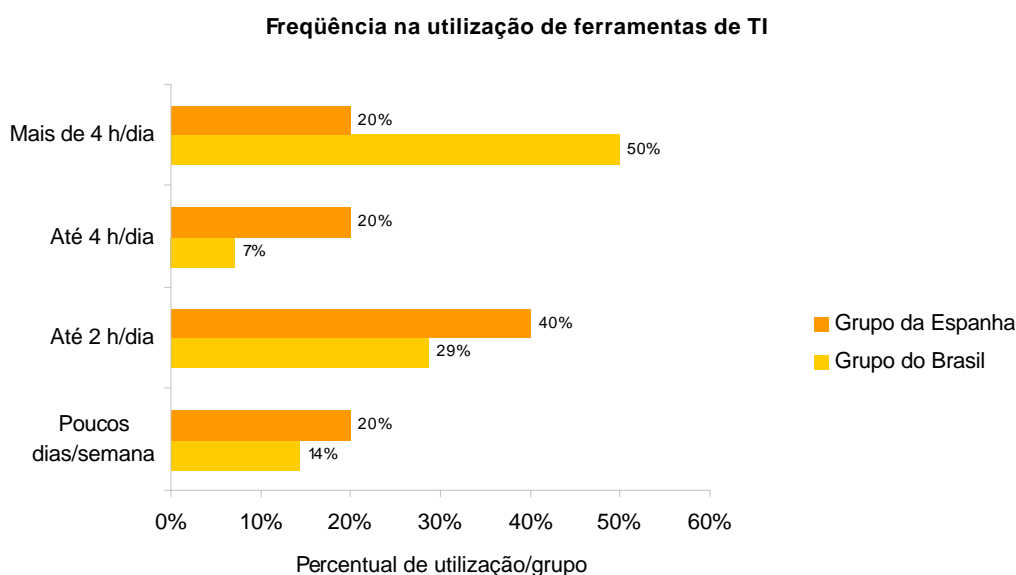


GRÁFICO 3 – FREQUÊNCIA NA UTILIZAÇÃO DE FERRAMENTAS DE TI POR GRUPO.

A avaliação dada pela *frequência na utilização de ferramentas de TI*, medida pelo tempo de uso dessas ferramentas está associada à variável *capital social estrutural*, de acordo com a análise da questão anterior no fator Infra-estrutura tecnológica. Os resultados apresentados na questão 3 indicam a ocorrência de utilização composta por 50% dos sujeitos participantes da amostra, para o grupo do Brasil que usam mais de 4 horas por dia, e 29% responderam utilizar até 2 horas por dia. Isto representa um total de 79% dos respondentes. Em comparação, o grupo da Espanha no que diz respeito ao volume de horas de utilização de ferramentas de TI, entre mais de 4 horas por dia e até 2 horas diárias, a concentração é de 60%. Na média, Brasil e Espanha se equiparam na utilização de poucos dias por semana, ficando em 17%.

Na comparação de frequência de utilização de ferramentas de TI medida em horas diárias, o grupo do Brasil aparece com uma participação de 79% contra 60% medidos no grupo da Espanha.

5.2.3 Variável Capital Social Cognitivo – Fator Aprendizagem Cooperativa em CVA

Abordagem do questionário: atitudes em relação às atividades em CVA.

O fator aprendizagem cooperativa em CVA, item de avaliação da variável *capital social cognitivo* da *Matriz do Capital Social*, foi analisado com vistas à produção do conhecimento em CVA.

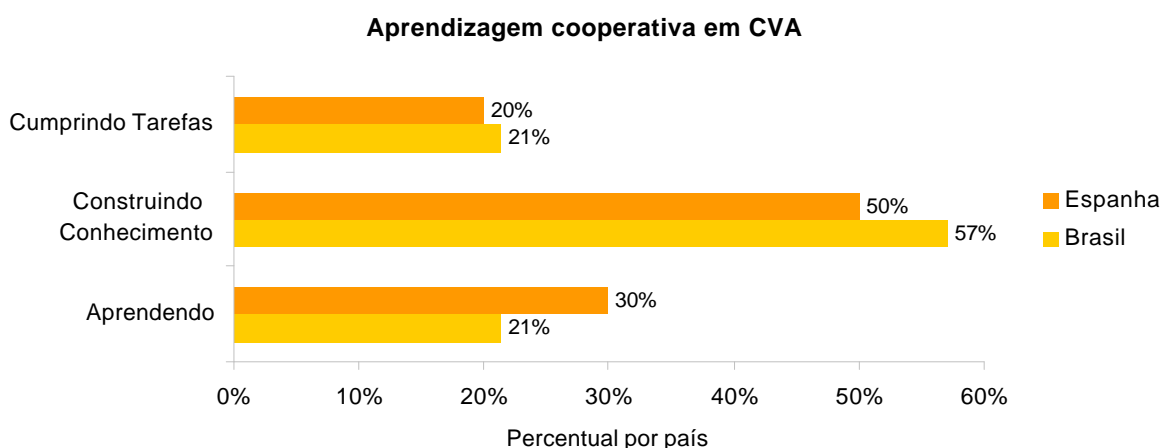


GRÁFICO 4 – APRENDIZAGEM COOPERATIVA EM CVA

Os resultados desta questão refletem o pensamento deste extrato da amostra, no que diz respeito aos dois grupos por países estudados, e observa-se que no Brasil os participantes deram maior ênfase à *construção do conhecimento* com 57% ficando o restante dividido entre as duas avaliações, *aprendendo* e *cumprindo tarefas* com 21% de participação. Na comparação, o grupo da Espanha teve para o fator *construção do conhecimento* igualmente o maior peso, ficando a avaliação para o item *aprender* com 30%, superior à avaliação recebida no Brasil, consequentemente a avaliação para o item *cumprindo tarefas* foi menor, com 20%.

Esta forma de aprendizagem em CVA, apoiada em TIC e baseada mais na colaboração e cooperação objetiva do que na permanência de laços, reflete a tomada de posição com relação a esse novo ambiente, e reconhecimento da produção de resultados.

5.2.4 Variável Capital Social Cognitivo – Fator Aderência à cultura virtual

Abordagem do questionário: frequência da pesquisa acadêmica, existência de recursos na Internet para auxílio nas atividades, uso de site ou blog pessoal.

O fator *aderência à cultura virtual* associa-se à variável *capital social cognitivo* na *Matriz do Capital Social*. É avaliado pela quantidade de sujeitos da amostra por país, vinculados a assuntos acadêmicos com utilização de suporte tecnológico, fundamentalmente pesquisa online.

Na amostra estudada o que se observa é que há um equilíbrio nas avaliações quanto a este ponto na comparação com os dois grupos, uma vez que no ambiente pesquisado é atividade primeira, sendo a soma 'diária' e 'semanal' para o grupo do Brasil de 78,6% e para o da Espanha de 70%, conforme ilustra o gráfico abaixo.

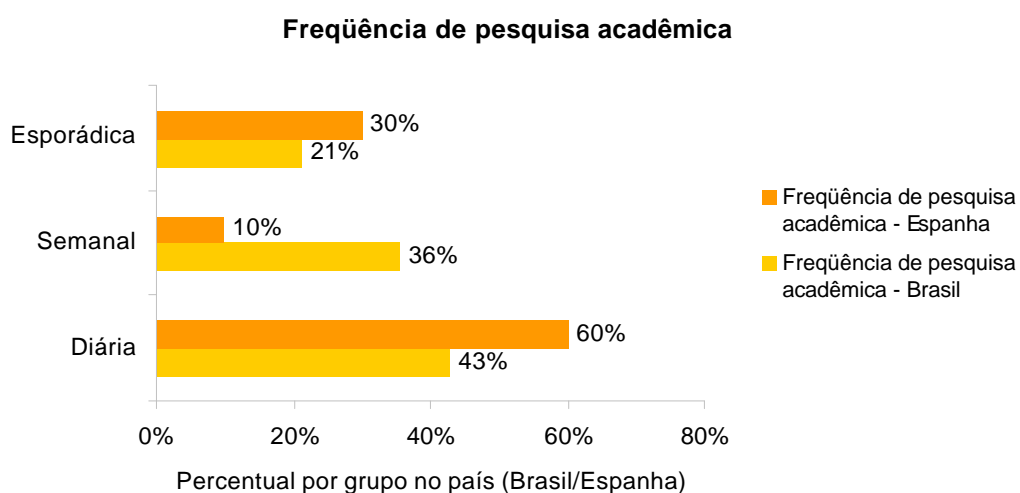


GRÁFICO 5 - FREQUÊNCIA DE USO DE FERRAMENTAS DE TI PARA PESQUISAS ACADÊMICAS

Para que os processos em análise pudessem ser equacionados algumas questões referentes à variáveis microsociológicas, segundo Costa (2005), como pró-atividade, cooperação, reciprocidade, sociabilidade, isto é, uma série de informações são necessárias para avaliar a confiança e aderência às normas que formatam uma cultura.

É alto o grau de reconhecimento da importância da aderência à cultura virtual para a pesquisa em Internet, em níveis profissionais, porém é baixo o nível de envolvimento dos participantes.

A avaliação à aderência à cultura virtual foi pesquisada também por meio da questão relativa a se possuir ou não um domínio próprio, com *DNS (Domain Name System)* válido ou ter desenvolvido um *blog* associado a um determinado tema de interesse, como registro ou memória de eventos acadêmicos ou não.

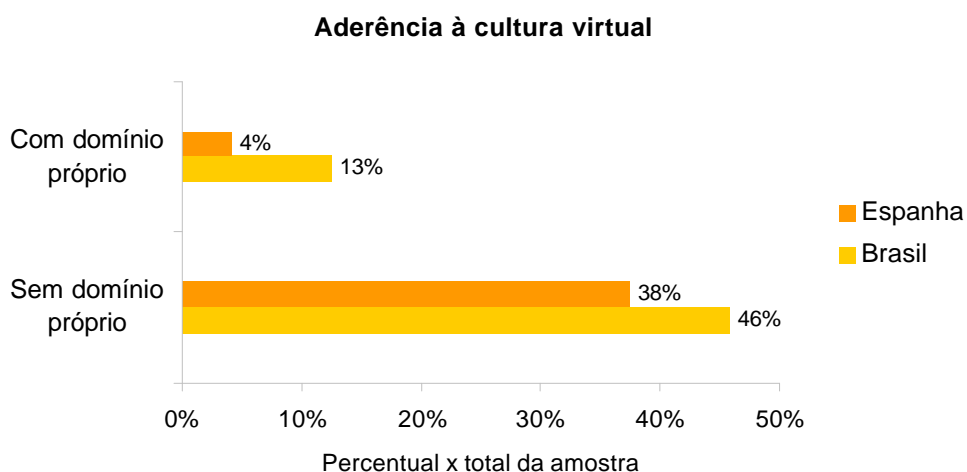


GRÁFICO 6 – PERCENTUAL DE PARTICIPANTES COM DOMÍNIO/SITE PRÓPRIOS

Neste ponto fica claro o distanciamento nesta amostragem, o *possuir ou não um domínio* para o desenvolvimento de atividades acadêmicas ou mesmo de pesquisa, para os sujeitos entrevistados. O índice de *sem domínio*, para os dois grupos soma 84%, sendo que para os que se utilizam deste tipo de recurso é baixo,

ficando em apenas 17%. Este fato pode ser explicado pela idéia de dificuldade na criação ou mesmo de manutenção dos processos necessários à administração de um domínio.

Complementando essa análise temos que o interesse em participar em cursos com apoio de ambientes virtuais está associado à variável *capital social cognitivo* na *Matriz do Capital Social*, é representado neste extrato da distribuição estudada e se reflete nas faixas de 36 a 45 e 46 a 60 anos, que somam 74%.

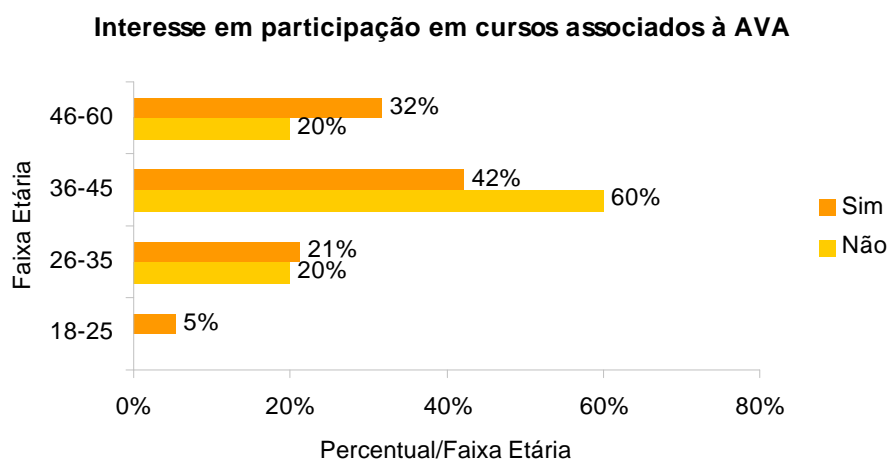


GRÁFICO 7 - INTERESSE EM PARTICIPAÇÃO EM CURSOS ASSOCIADOS À AVA

Esta questão foi ainda analisada sob o recorte, por grupos nos países estudados, observando-se os seguintes resultados:

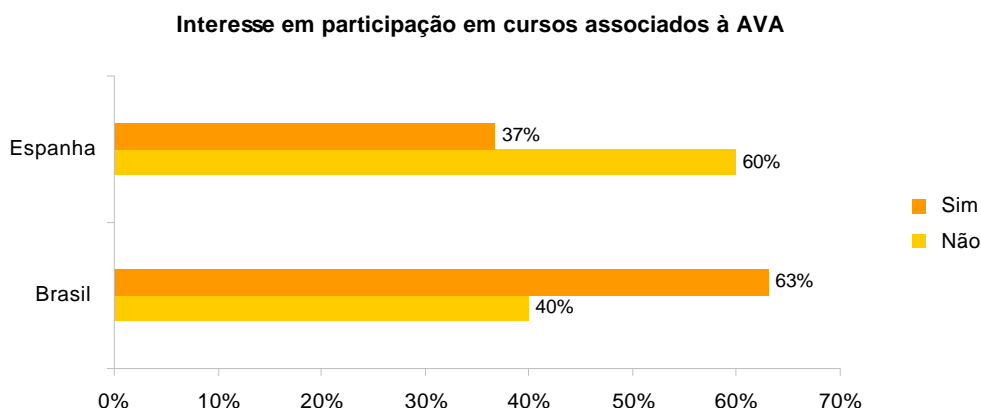


GRÁFICO 8 – INTERESSE EM PARTICIPAÇÃO EM CURSOS ASSOCIADOS À AVA POR GRUPOS.

No grupo do Brasil, 63% dos participantes responderam estar interessados em participar em cursos associados a AVA, contra apenas 37% no grupo da Espanha, invertendo-se a relação para os que não têm interesse em participar, 40% no Brasil contra 60% na Espanha. Convém observar que faz-se necessário um estudo mais abrangente, para um universo maior de participantes que ofereça maior segurança para o estabelecimento de conclusões.

A disposição em participar e colaborar em CVA está em construção. Ela é adquirida, não é inata.

5.2.5 Variável Coesão Social – Fator Produção do Conhecimento

Abordagem do questionário: papel da associação de AVA à aula presencial.

Seguindo a linha da pesquisa, o fator produção do conhecimento, item de avaliação da variável *coesão social* da *Matriz do Capital Social*, na ocorrência de ações coletivas foi analisado, por faixa etária, como indicador do *capital social* da CVA estudada.

A questão foi tratada por faixa etária e não pelos grupos representados, Brasil e Espanha, em função da baixa significância na leitura oferecida pela pesquisa neste recorte. O que se pôde inferir desta questão, como ilustra o gráfico abaixo, é que na faixa compreendida entre 18-25 anos dos sujeitos participantes da pesquisa, 17% consideram que, em parte, ocorre um aumento de interação quando há associação às atividades acadêmicas de ambientes virtuais de aprendizagem. Já para as faixas compreendidas entre 36-45 e 46-60 anos, a soma é de 84% dos sujeitos que consideram que, em parte, há um aumento de produção do conhecimento neste tipo de ambiente associado.

A leitura dos sujeitos participantes da pesquisa nos dois grupos que afirmaram que há maior interação entre as pessoas, e que portanto, há maior produtividade quando em associação aos ambientes virtuais de aprendizagem na atividades acadêmicas, perpassa 3 faixas etárias nas proporções observadas no gráfico abaixo.

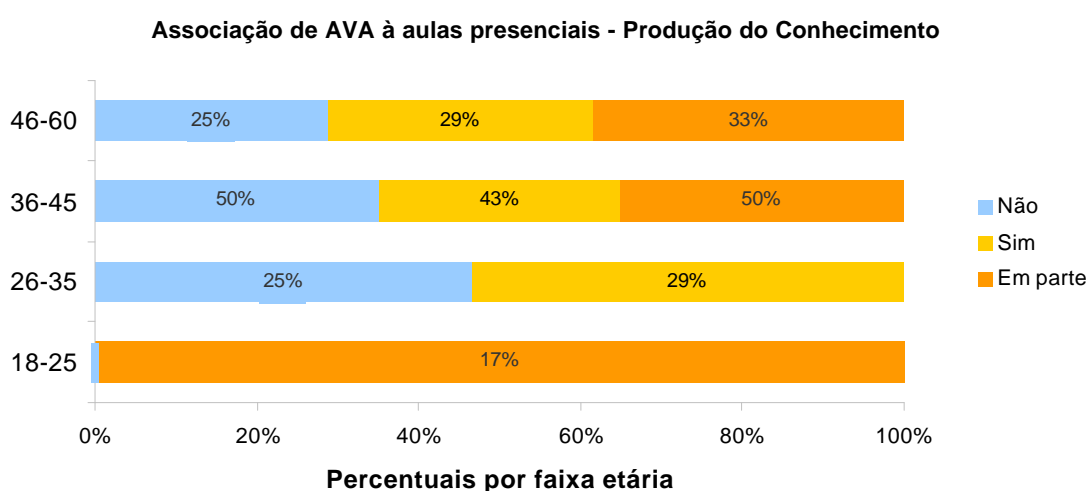


GRÁFICO 9 – PERCEPÇÃO DA INTERAÇÃO OCORRIDA EM DECORRÊNCIA DA ASSOCIAÇÃO À AVA

Para a faixa etária entre 26-35 anos há uma concordância nesse aspecto de 29%. Para a faixa etária compreendida entre os 36-45 anos esse percentual sobe para 43%, voltando aos 29% de concordância para os sujeitos participantes da pesquisa compreendidos na faixa etária de 46-60 anos.

A distribuição para os sujeitos participantes da amostra, que não concordam que haja um aumento de interação decorrente da associação a AVA, tem maior concentração na faixa etária dos 36-45 anos com 50%, ficando os outros 50% divididos entre as faixas de 26-35 e 46-60 anos respectivamente com 25% cada. Esta leitura pode estar associada ao fato de que a construção do conhecimento em ambientes virtuais de aprendizagem deveria ter suas bases fundadas na confiança mútua entre os sujeitos.

A construção da confiança é parte vital nos relacionamentos estabelecidos em CVA.

5.2.6 Variável Coesão Social – Fator Adesão ao uso de TI para Ações Coletivas

Abordagem do questionário: participação em fóruns de discussão.

O fator adesão ao uso de TI para ações coletivas está associado à variável coesão social na matriz estudada e é medido pela frequência na participação em fóruns de discussão para onde convergem as idéias sobre os conteúdos dos temas trabalhados na CVA. Neste espaço quando as idéias são apresentadas, o outro, o debatedor traz contribuições e, exatamente pelas diferenças dos sujeitos pode por em questão, e por que não em risco, a solidez das crenças estabelecidas, publicizando-as pelo próprio caráter da Internet, podendo ser um dos motivos da

baixa utilização deste tipo de ferramenta disponibilizada em ambientes virtuais de aprendizagem.

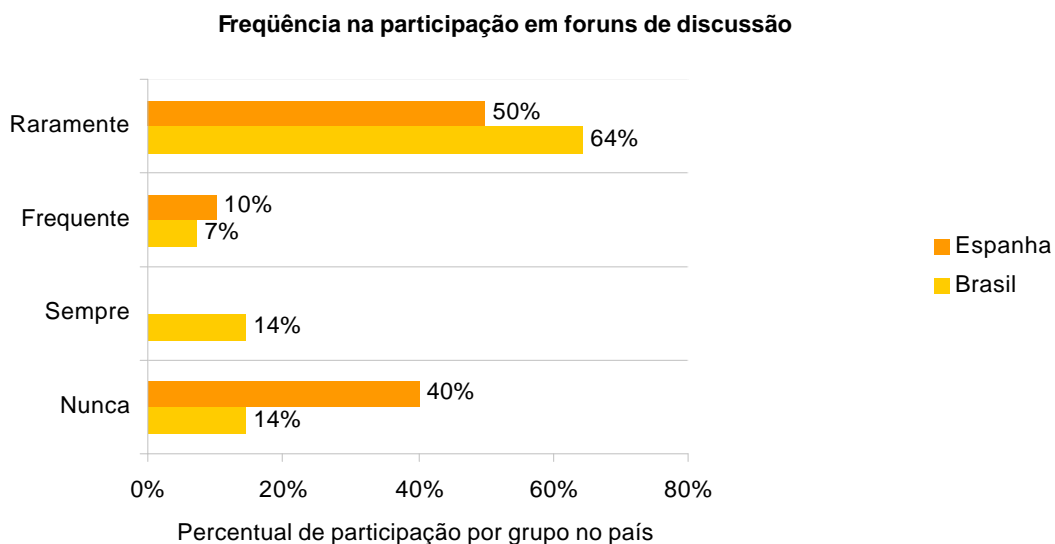


GRÁFICO 10 – FREQUÊNCIA NA PARTICIPAÇÃO EM FÓRUNS DE DISCUSSÃO POR GRUPO

A análise desta questão mostra as diferenças entre os dois grupos. No grupo do Brasil observa-se uma distribuição igualitária entre a avaliação para *nunca* e *sempre* que está em 14% nesta amostra, saltando para 64% na avaliação *raramente*, enquanto *frequentemente* fica com 7% dos sujeitos participantes da pesquisa. Por outro lado, os sujeitos participantes da pesquisa no grupo da Espanha, concentram-se majoritariamente em *raramente* e *nunca*, somando um total de 90%, ficando apenas 10% para os *frequentes*, enquanto no Brasil, para *frequentes* e *sempre* soma-se 21%, mais que o dobro, conforme ilustra o Gráfico 10.

Baixa frequência em fóruns de discussão pode ser motivada pelo embate de crenças estabelecidas.

5.3 DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO OBSERVADO NAS ENTREVISTAS

As entrevistas analisadas a seguir foram gravadas e transcritas em vídeo seguindo o roteiro do Apêndice B. O procedimento adotado para a sistematização das entrevistas seguiu o critério de organizar os relatos segundo o enquadramento categorizado por fator correspondente à cada uma das três variáveis da matriz construída, ressaltando as idéias centrais dos discursos transcritos das entrevistas, em conformidade com a metodologia do DSC.

A *Matriz do Capital Social* para a CVA estudada apresentou a seguinte configuração para os fatores identificados:

I. Capital social estrutural			
1. Existem cursos com apoio de ambientes virtuais implantados na Universidade/ Faculdade/ Unidade que seja do seu conhecimento?			
	Utilização de ambientes virtuais	Infra-estrutura tecnológica disponível	Políticas de incentivo ao uso de recursos de TI
Brasil	50%	50%	0%
Espanha	67%	0%	33%
2. Existem carências de TI observadas na Instituição ou Departamento que impactem a implantação de cursos com apoio de CVA?			
	Utilização de ambientes virtuais	Infra-estrutura tecnológica disponível	Políticas de incentivo ao uso de recursos de TI
Brasil	0%	33%	67%
Espanha	0%	50%	50%

QUADRO 5 - CONFIGURAÇÃO DA VARIÁVEL CAPITAL SOCIAL ESTRUTURAL

II. Capital social cognitivo				
3. Qual é, na sua opinião, o estágio tecnológico/cultural dos estudantes participantes nesse programa de Pós-Graduação?				
	Aprendizagem cooperativa em CVA	Inexistência da cultura virtual	Aderência à cultura virtual	Criação da cultura virtual
Brasil	17%	N/A	67%	16%
Espanha	33%	N/A	17%	50%
4. Existe aderência à cultura virtual da Instituição ou Departamento na utilização de TI para desenvolvimento de AVA como apoio às atividades docentes?				
	Aprendizagem cooperativa em CVA	Inexistência da cultura virtual	Aderência à cultura virtual	Criação da cultura virtual
Brasil	N/A	17%	50%	33%
Espanha	N/A	17%	17%	67%

QUADRO 6 - CONFIGURAÇÃO DA VARIÁVEL CAPITAL SOCIAL COGNITIVO

III. Coesão social (ações coletivas)			
5. Se existissem mais ambientes virtuais disponíveis na instituição ou Departamento, o incentivo ao envolvimento em CVA pelos estudantes seria maior?			
	Produção do conhecimento	Promoção de ações coletivas pela instituição	Adesão ao uso de TI para ações coletivas
Brasil	33%	33%	33%
Espanha	0%	67%	33%
6. Programas acadêmicos baseados em soluções de TI para apoio a cursos presenciais têm boa aceitação?			
	Produção do conhecimento	Promoção de ações coletivas pela instituição	Adesão ao uso de TI para ações coletivas
Brasil	17%	16%	67%
Espanha	33%	33%	33%

QUADRO 7 - CONFIGURAÇÃO DA VARIÁVEL COESÃO SOCIAL

Cada questão está ilustrada com gráficos que representam as análises feitas para os grupos do Brasil e da Espanha.

5.3.1 Variável Capital Social Estrutural

capital social estrutural

utilização de ambientes virtuais

infra-estrutura tecnológica disponível

políticas de incentivo ao uso de recursos de TI

Os fatores identificados para a variável *Capital Social Estrutural* foram analisados pelas idéias centrais decorrentes dos relatos das entrevistas da questão 1 e transpostos para os Gráfico 11 e Gráfico 12.

1.Existem cursos com apoio de ambientes virtuais implantados na Universidade/ Faculdade/ Unidade que seja do seu conhecimento?

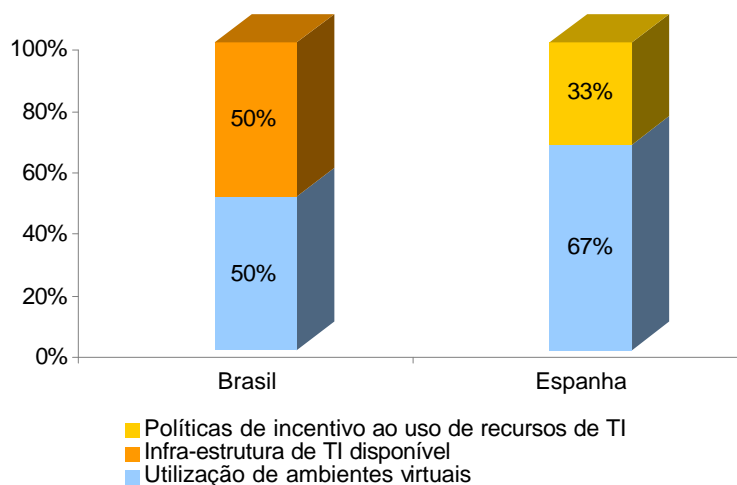


GRÁFICO 11- FATORES PARA VARIÁVEL CAPITAL SOCIAL ESTRUTURAL

O Gráfico 11 traz o resultado apresentado pelo grupo do Brasil com uma igualdade numérica em 50% para o fator de utilização de ambientes virtuais e 50% para infra-estrutura de TI. No grupo dos participantes da pesquisa na Espanha, o fator infra-estrutura tecnológica não foi identificado pelo critério do reconhecimento das idéias centrais nos relatos das entrevistas para este grupo. O fator utilização de

ambientes virtuais apresentou um índice de 67%, enquanto que políticas de incentivo ao uso de recursos de TI teve uma avaliação de 33%.

Destes resultados observa-se que: o grupo do Brasil apresentou uma preocupação maior com os fatores que representam a infra-estrutura física, o ambiente, equipamentos, etc., enquanto no grupo da Espanha, a utilização de ambientes virtuais está presente com um índice de 67%, e há uma preocupação no que diz respeito às políticas de incentivo ao uso de recursos de TI, que aparece como 3º fator com 33% para esta variável estudada.

2. Existem carências de TI observadas na Instituição ou Departamento que impactem a implantação de cursos com apoio de CVA?

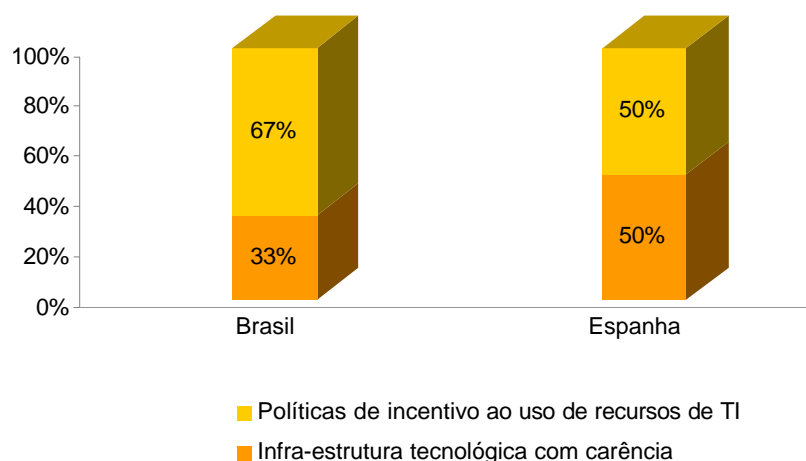


GRÁFICO 12 - FATORES PARA VARIÁVEL CAPITAL SOCIAL ESTRUTURAL

Nesta questão sobre carências de TI para a variável *Capital Social Estrutural*, estão reforçadas as idéias centrais formadoras dos fatores da *Matriz do Capital Social*, conforme o Gráfico 12.

A distribuição da amostra para o grupo do Brasil, na questão de carências de políticas de incentivo no setor tecnológico no mesmo Gráfico, revela um índice de 67%, e o fator de infra-estrutura tecnológica com carência, está representado por

33% das opiniões medidas. No grupo da Espanha, as carências tanto da infraestrutura quanto de políticas de incentivo estão representadas por um índice de 50%. Esses resultados devem ser tomadas como indiciais, e não conclusivos no presente processo de análise.

5.3.2 Variável Capital Social Cognitivo

capital social cognitivo

aprendizagem cooperativa em CVA

aderência à cultura virtual

criação da cultura virtual

Os resultados obtidos para a variável *capital social cognitivo* estão representados a seguir: Gráfico 13 e Gráfico 14.

3. Qual é, na sua opinião, o estágio tecnológico/cultural dos estudantes participantes nesse programa de Pós-Graduação?

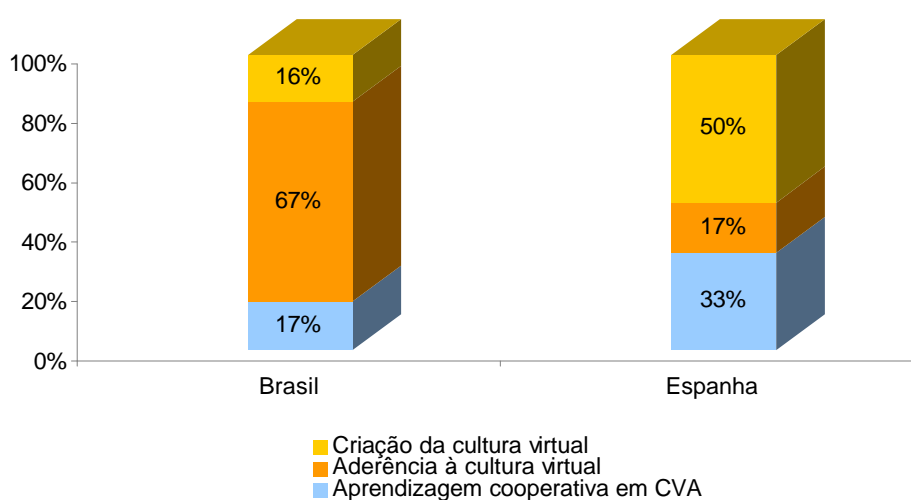


GRÁFICO 13 - FATORES PARA VARIÁVEL CAPITAL SOCIAL COGNITIVO

O recorte da amostra feito para o grupo do Brasil revela a forte posição dos sujeitos participantes da pesquisa na postura representada pelo fator aderência à

cultura virtual com um índice de 67%, mas é baixo no fator aprendizagem cooperativa em CVA, como mostra o índice de 17%. Para o grupo da Espanha, o maior índice, 50% está no fator criação da cultura virtual, o que significa que os sujeitos participantes observaram que não há cultura estabelecida para atividades de aprendizagem e desenvolvimento educacional. Esta questão traz um recorte das diferentes leituras, concepções e percepções sobre os estágios tecnológicos dos ambientes na área educacional.

4. Existe aderência à cultura virtual da Instituição ou Departamento na utilização de TI para desenvolvimento de AVA como apoio às atividades docentes?

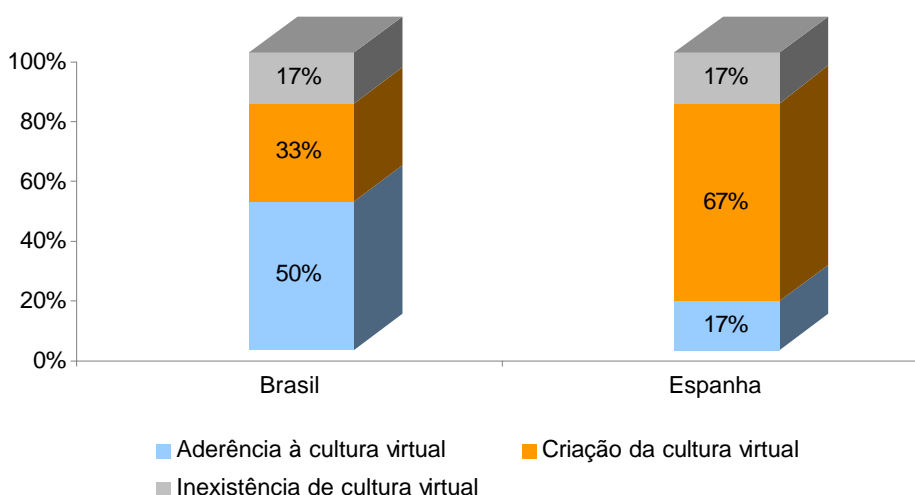


GRÁFICO 14 - FATORES PARA VARIÁVEL CAPITAL SOCIAL COGNITIVO

Esta questão apresenta uma avaliação que necessita ser aprofundada, uma vez que ficou clara a distância dos sujeitos participantes dos grupos na amostragem composta para o estudo, visto ter participantes de países da América Latina com diferentes níveis de desenvolvimento tecnológico deixando patentes as distâncias no âmbito de atividades educacionais para os grupos do Brasil e da Espanha.

O percentual de 50% resultante do item aderência à cultura virtual para o grupo do Brasil, pode ser considerado como elemento indicial do movimento que

ocorre em grandes centros urbanos como São Paulo. Igualmente, o resultado obtido nesta questão para o grupo da Espanha retrata um movimento revelado pelos participantes com um índice de 67% de respostas positivas para o fator criação da cultura virtual nas Instituições freqüentadas. Esta questão também revelou um outro fator que vem representado pelo índice de 17% para inexistência da cultura, tanto no grupo do Brasil quanto no da Espanha.

Na média, somadas as respostas dos dois grupos, revela-se um percentual significativo de 50% dos respondentes que observam que a criação da cultura virtual é desenvolvida a partir do uso de ambientes virtuais das respectivas Instituições.

5.3.3 Variável Coesão Social

coesão social (ações coletivas)

produção do conhecimento

promoção das ações coletivas pela instituição

adesão ao uso de TI para ações coletivas

As questões vinculadas à variável *coesão social* medida pelas ações coletivas desenvolvidas em CVA, derivou na identificação de três fatores, como mostrado a seguir: Gráfico 15 e Gráfico 16.

5. Se existissem mais ambientes virtuais disponíveis na Instituição ou Departamento, o incentivo ao envolvimento em CVA pelos estudantes seria maior?

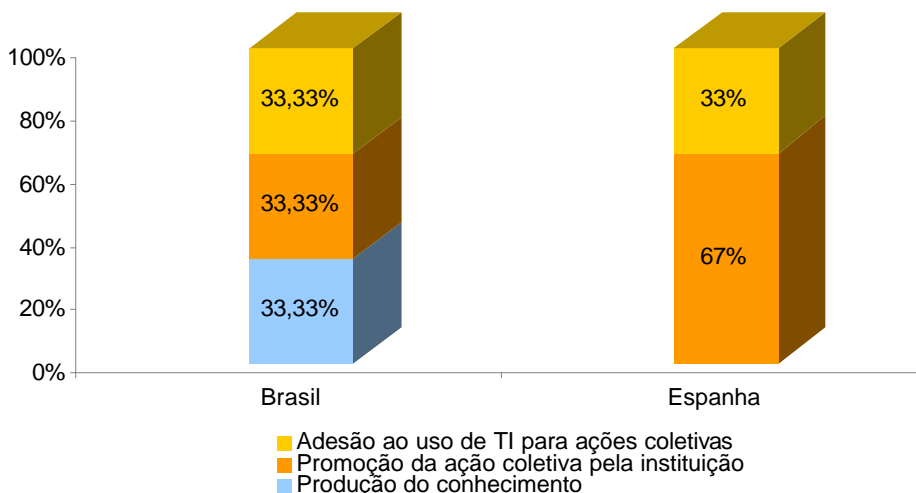


GRÁFICO 15 - FATORES PARA VARIÁVEL COESÃO SOCIAL

As distribuições das amostras para os grupos do Brasil e da Espanha revelam cenários diferentes. Na amostra do grupo do Brasil, ocorre uma divisão equitativa em 33% para os três fatores identificados por esta questão. No grupo da Espanha o fator *promoção da ação coletiva pela Instituição* aparece com 67% e o fator *adesão ao uso de TI* apresenta um índice de 33%.

Na média, somando-se os participantes dos dois grupos, para o fator *promoção das ações coletivas* é revelado um índice representativo de 50%, e para o fator *adesão ao uso de TI para ações coletivas* é identificado um índice de 33%.

Os resultados produzidos a partir dos relatos dos entrevistados para a questão 6, vêm ilustrados no Gráfico 16:

6. Programas acadêmicos baseados em soluções de TI para apoio a cursos presenciais, têm boa aceitação?

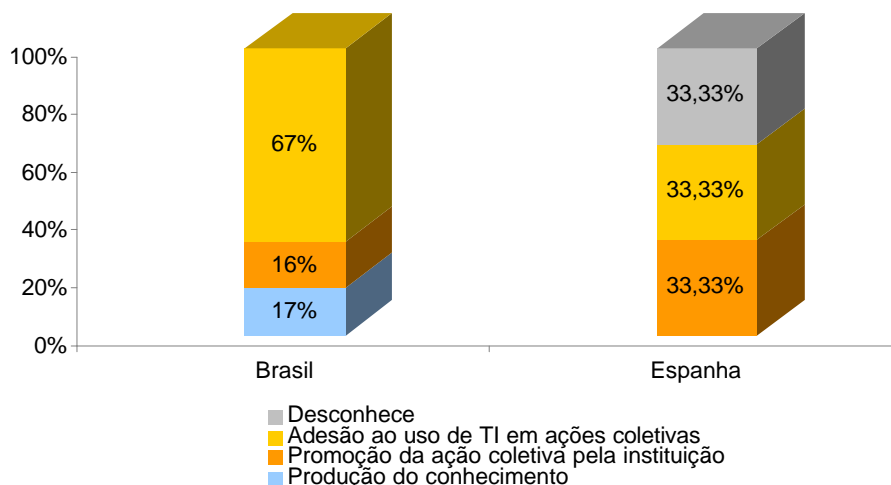


GRÁFICO 16 - FATORES DA VARIÁVEL COESÃO SOCIAL

Os fatores produção do conhecimento, promoção da ação coletiva pela instituição e adesão ao uso de TI para ações coletivas, revelam medidas diferentes nessa questão. O fator que se destaca na avaliação do grupo do Brasil fica para a adesão ao uso de TI para ações coletivas que revela um índice de 67%, 49% superior à avaliação que aparece no grupo da Espanha com 33%.

Na análise da média, o fator produção do conhecimento traz um índice de participação de 8%. Na distribuição por grupos, o do Brasil apresenta um índice de 17%, enquanto que não foi identificado pelos participantes do grupo da Espanha. A avaliação do fator promoção da ação coletiva por meio da questão 6 teve no grupo do Brasil uma pontuação que correspondeu a 17%, sendo que para o grupo da Espanha aparece representada por 33%.

Os fatores identificados, tanto por meio do questionário quanto das entrevistas e depoimentos no *Blog*, contaram com uma abordagem comum que

somada possibilitou a formatação das variáveis para o instrumento proposto, sintetizadas nas ilustrações a seguir:

I. Capital social estrutural			
Questionário			
Entrevista - DSC			
<p>Abordagem do questionário: experiências anteriores em ambientes virtuais associadas à aula presencial e frequência de uso da Internet.</p> <p>Entrevista - DSC: Existem cursos com apoio de ambientes virtuais implantados na Universidade/ Faculdade/ Unidade que seja do seu conhecimento?</p> <p>Existem carências de TI observadas na Instituição ou Departamento que impactem a implantação de cursos com apoio de CVA?</p>			
Fatores da Matriz do Capital Social	Utilização de ambientes virtuais	Infra-estrutura tecnológica disponível	Políticas de incentivo ao uso de recursos de TI

QUADRO 8 - FORMATAÇÃO DA VARIÁVEL CAPITAL SOCIAL ESTRUTURAL

II. Capital social cognitivo				
Questionário				
Entrevista - DSC				
<p>Abordagem do questionário: atitudes em relação às atividades em CVA; frequência da pesquisa acadêmica, existência de recursos na Internet para auxílio nas atividades, uso de site ou blog pessoal</p> <p>Entrevista – DSC: Qual é, na sua opinião, o estágio tecnológico/cultural dos estudantes participantes nesse programa de Pós-Graduação?</p> <p>Existe aderência à cultura virtual da Instituição ou Departamento na utilização de TI para desenvolvimento de AVA como apoio às atividades docentes?</p>				
Fatores da Matriz do Capital Social	Aprendizagem cooperativa em CVA	Inexistência da cultura virtual	Aderência à cultura virtual	Criação da cultura virtual

QUADRO 9 - FORMATAÇÃO DA VARIÁVEL CAPITAL SOCIAL COGNITIVO

III. Coesão social (ações coletivas)			
Questionário			
Entrevista - DSC			
<p>Abordagem do questionário: papel da associação de AVA à aula presencial; participação em fóruns de discussão.</p> <p>Entrevista – DSC: Se existissem mais ambientes virtuais disponíveis na instituição ou Departamento, o incentivo ao envolvimento em CVA pelos estudantes seria maior?</p> <p>Programas acadêmicos baseados em soluções de TI para apoio a cursos presenciais têm boa aceitação?</p>			
Fatores da Matriz do Capital Social	Produção do conhecimento	Promoção de ações coletivas pela instituição	Adesão ao uso de TI para ações coletivas

QUADRO 10 - FORMATAÇÃO DA VARIÁVEL COESÃO SOCIAL

Toda esta análise vem reforçar a posição da necessidade sentida nesta pesquisa de aprofundamento do estudo dos fatores identificados. Estes fatores tomaram forma pela possibilidade concreta revelada na *Matriz do Capital Social* possibilitando uma medida de desempenho e envolvimento em CVA, por meio dos valores obtidos. Com esse resultado abre-se a possibilidade da construção de séries históricas para observação de outras CVA.

6 COMPLETANDO O CÍRCULO: RETORNO PARA FUTUROS APERFEIÇOAMENTOS

Depreende-se de todo o exposto que o instrumento de medida objetivado, construído com o intuito de medir o desempenho das CVA estudadas, foi alcançado nos termos dos fatores identificados. Trouxe elementos de abrangência relativos ao funcionamento, atuação desejada e observada de uma CVA.

A principal razão desse resultado se deve à metodologia, pois as entrevistas levadas a efeito continham propositalmente questões abertas, para evitar o direcionamento das respostas, uma vez que a intenção era observar quais fatores seriam evidenciados do procedimento e não a postura dos participantes frente a um fator apresentado pelo pesquisador. Fica comprovado pela análise das variáveis, *capital social estrutural*, *capital social cognitivo* e *coesão social*, bem como pelos fatores identificados em cada uma, o pressuposto de a pesquisa estar relacionada à alfabetização digital e à conseqüente utilização dos ambientes virtuais pelos participantes, ao interesse, motivação e aderência ao uso dos recursos disponibilizados em CVA, e pelas *ações coletivas*.

Os fatores da Matriz que se destacaram revelam a complexidade da análise, mas possibilitaram uma visão estruturada das questões relativas ao desempenho de uma CVA, com os limites impostos pela amostra estudada.

A composição matricial revela a multiplicidade de fatores e não apenas um fator isolado. A matriz expõe o todo; o fator, a parte; mas ambos interagem reciprocamente e se representam um ao outro, de forma holística, integral. Isso leva à compreensão, no enfoque específico deste trabalho, de que o instrumento ideal

para medir produção do conhecimento em uma CVA seja talvez uma matriz específica desse fator que estaria embutida na *Matriz* construída, de caráter abrangente. Com efeito, é razoável supor que cada elemento (fator) da *Matriz do Capital Social* seja função do fator produção do conhecimento. Identificadas essas funções, obter-se-ia a mencionada matriz específica. Um procedimento viável para tanto seria a realização de entrevistas de forma já direcionada à produção do conhecimento, com respeito a cada fator da Matriz final exposta no presente trabalho. Tal caminho levaria à quantificação do quanto cada fator da Matriz original contém em si o fator produção do conhecimento, ou seja, levaria à própria matriz específica.

Convém observar que, da matriz específica, a comparação entre os resultados de CVA seria também possível se calculado um parâmetro representativo dessa matriz, número único gerado a partir de seus elementos. Esse parâmetro seria utilizável nas aplicações de desempenho relativos às CVA identificadas neste trabalho – avaliações, comparações, metas, padrões de qualidade, etc.

Quanto à Matriz obtida, salienta-se a necessidade de aperfeiçoamento com outras experiências que possibilitariam sua validação. O teste de validade seria o próximo passo: realizar as entrevistas, desta vez com questões direcionadas aos fatores obtidos anteriormente e comparar o valor de cada fator ao seu análogo da Matriz original. Outra tarefa desejável seria a obtenção do já mencionado parâmetro representativo de toda a Matriz para, então, utilizá-lo como medida de desempenho geral das CVA, iniciar uma série histórica desse parâmetro e observar seu comportamento.

Ficou registrado, ainda, que a rota percorrida em busca do objetivo proposto mostrou-se frutífera na identificação de pontos fortes e fracos, características, processos, interesses e até laços afetivos na intrincada rede de relacionamentos inerente a uma CVA. Exemplos disso ficaram evidentes na variável *coesão social*, que, além de ressaltar o fator produção do conhecimento, demonstrou a força significativa exercida pelas relações humanas de amizade, companheirismo e união na consecução de objetivos comuns, na alavancagem de atuações inovadoras e na qualidade do conhecimento produzido numa CVA. Outra revelação importante recai sobre a grande expectativa dos alunos em relação a políticas de incentivo ao uso de recursos de TI; o advento de tais políticas é esperado e considerado necessário ao desenvolvimento das CVA por parcela significativa dos participantes. Essa constatação, aliada ao próprio comportamento dos alunos, mostra que os recursos de TI constituem ferramenta válida e necessária no processo de aprendizagem.

A *Matriz do Capital Social* resultante desta pesquisa pode ser considerada como uma primeira referência para um estudo desta natureza abrindo espaço e sugerindo aprofundamento para estudos comparativos. Uma questão que merece maior estudo é a aplicação desta Matriz em outras áreas do conhecimento, por exemplo. Os participantes de CVA em áreas do conhecimento de exatas responderiam da mesma forma?

7 REFERÊNCIAS

- ALAVA, S. (Org.). **Ciberespaço e Formações Abertas**: rumo à novas práticas educacionais?. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- ALVES, L. e SILVA, J. (Orgs.). **Educação e Cibercultura**. Salvador: Edufba, 2001.
- BAKHTIN, M. **Questões de Literatura e Estética**: a teoria do romance. São Paulo: Annablume, 2002.
- BANCO MUNDIAL - Grupo Temático sobre Capital Social. Disponível em : www.worldbank.org/poverty/scapital
<http://povlibrary.worldbank.org/files/13029_cuestionario.pdf> . Acesso em 14.jan.2006
- BARRETO, R. G. (ORG.). **Tecnologias educacionais e educação a distância**: avaliando políticas e práticas. Rio de Janeiro: Quartet, 2001.
- BAUDRILLARD, J. **Por uma crítica da Economia Política do Signo**. Rio de Janeiro: Elfos Ed; Lisboa, Edições 70, 1995.
- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- BELLONI, M. L. **Educação a distância**. Campinas, S.P: Autores Associados, 1999.
- BOUTINET, J. P. **Antropologia do Projeto**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2002.
- BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1991.
- BRASIL, MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA **Livro Verde – O Debate Necessário**: Ciência, Tecnologia, Inovação - Desafio para a Sociedade Brasileira. Brasília: MCT/Academia Brasileira de Ciências, 2001.
- BRETON, P.; PROULX, S. **Sociologia da comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2000.
- CLIFFORD, J. **A experiência etnográfica**: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

COLETIVO NTC. **Pensar pulsar, Cultura comunicacional, tecnologias, velocidade**. São Paulo: Edições NTC/ Projeto Brasil, 1996.

COLEMAN, J. **Foundations of social theory**. Cambridge: Harvard University Press, 1990.

COSTA, R. Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva. **Interface** (Botucatu), mar./ago. 2005, vol.9, no.17, p.235-248. ISSN 1414-3283.

DOWBOR, L. **A Reprodução Social**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998 .

DOWBOR, L., IANNI, O, RESENDE, P, SILVA, H.(orgs.) - **Os desafios da Comunicação** . Petrópolis: Editora Vozes, 2001

FERREIRA, R. S. **Information society in Brazil: an essay about the challenges of the State**. Ci. Inf., Brasília, v. 32, n. 1, 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652003000100004&lng=es&nrm=iso Acesso em: 23 Nov 2006; 10.1590/S0100-19652003000100004.

FLICHY, P. **Une histoire de la communication moderne**: espace public et vie privée. Paris: Éditions La Découverte, 1991.

_____. **L'innovation technique**: récents développements en sciences sociales vers une nouvelle théorie de l'innovation. Paris: Éditions La Découverte, 1995.

FUKUYAMA, F. **Confiança: as virtudes sociais e a criação da prosperidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

GARDNER, H. **Estruturas da mente**: a teoria das inteligências múltiplas. Porto Alegre: Artes Médicas do Sul, 1995.

GEERTZ, C. - **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIBSON, W. **Neuromancer**. São Paulo: Aleph, 1991.

GOMEZ, M. V. **Educação em Rede**: Uma visão emancipadora. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2004, v.11.

- GROOTAERT, C. Social capital: the missing link? **Social Capital Initiative Working Paper Series**. Nº 3. Washinton DC: The World Bank, 1998, versão eletrônica http://www-wds.worldbank.org/external/default/main?pagePK=64193027&piPK=64187937&theSitePK=523679&menuPK=64187510&searchMenuPK=64187283&theSitePK=523679&entityID=000094946_0109270407056&searchMenuPK=64187283&theSitePK=523679/ Acesso em 12.jan.2006.
- HARASIM, L. et al. **Redes de Aprendizagem**: Um guia para ensino e aprendizagem on-line. São Paulo: Ed. Senac S.P., 2005.
- HARVEY, D. **A condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- HIGGINS, S. S. **Fundamentos Teóricos do Capital Social**. Chapecó: Argos Ed. Universitária, 2005.
- HOBSBAWN, E. **A era dos extremos**: o breve século XX. São Paulo: Cia das Letras, 2002.
- IANNI, O . **A era do globalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- JOHNSON, S. **Cultura da interface**: Como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- JONCKHEERE, A., MANDELBROT, B., PIAGET, J. **Études d'épistémologie génétique**, vol.V La Lecture de l'expérience. France, Presses Universitaires de France, 1968.
- KENSKI, V. M.. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Campinas: Papirus, 2003
- KERCKHOVE, D. **A pele da cultura**: uma investigação sobre a nova realidade eletrônica. Lisboa: Relógio D'Água, 1997.
- LANDOW, G. P. **Hipertexto**: la convergencia de la teoría crítica contemporánea y la tecnología. Barcelona: Ediciones Paidós, 1995.
- LEFÈVRE, F. LEFÈVRE, A M. C. TEIXEIRA, J.J. **O discurso do sujeito coletivo**: uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2000

LEFÈVRE, F. LEFÈVRE, A M. C. **O discurso do sujeito coletivo**: um enfoque em pesquisa qualitativa. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2003.

_____. **Depoimentos e Discursos**: uma proposta de análise em pesquisa social. Brasília, Líber Livro Ed., 2005.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: Ed. 34, 1999

_____. **O que é Virtual?** São Paulo: Ed. 34, 1999.

_____. **A conexão planetária**. O mercado, o ciberespaço, a consciência. São Paulo: Ed. 34, 2001.

LIN, N., COOK, K., BURT, R. **Social capital**: theory and research. New Brunswick: Aldine Transaction, 2005.

LOPES, M. I.V. **Pesquisa em Comunicação**. 4^a. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

LYOTARD, J.F. **O pós-moderno**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

MAÇADA, D. L; TIJIBOY, A. V. **Aprendizagem Cooperativa Em Ambientes Telemáticos**, IV Congresso RIBIE, Brasília 1998.

MACEDO, L. **Ensaio Construtivistas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

MCLUHAN, M. **A galáxia de Gutenberg**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

MARTÍN-BARBERO, J. **Ofício de Cartógrafo**: Travessias Latino-Americanas da Comunicação na Cultura. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MINISTÉRIO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA. **Programa Cidades Digitais**. Disponível em < <http://www.mct.gov.br/index.php/content/view/43379.html> >. Acesso em 23.Jan.2007

MORIN, Edgard. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Editora Cortez, 2004.

NARAYAN, D. Bonds and bridges: social capital and poverty. **Policy Research Working Paper**. nº 2167. Washington DC: World Bank, 1999. Versão eletrônica em:

http://www-wds.worldbank.org/external/default/main?pagePK=64193027&piPK=64187937&theSitePK=523679&menuPK=64187510&searchMenuPK=64187283&theSitePK=523679&entityID=000094946_9909231154006&searchMenuPK=64187283&theSitePK=523679 . Acesso em 12. jan.2006.

NEGROPONTE, Nicholas. **A vida digital**. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

OLIVEIRA, R.C. **O trabalho do Antropólogo**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

OLIVEIRA, S. C. **Kant e Piaget**: inter-relação entre duas teorias do conhecimento. Londrina, PR: Eduep, 2004.

PALLOFF, R.M. & PRATT, K. **Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaço**: estratégias eficientes para a sala de aula on-line. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PASSARELLI, B. **Construindo Comunidades Virtuais de Aprendizagem**: TôLigado – O Jornal Interativo da sua Escola, in Coleção: Informática Pública – Vol. 4 – 2002 – 14 páginas (187 – 201)

_____. **Teoria das Múltiplas Inteligências aliada à Multimídia na Educação**: Novos Rumos Para o Conhecimento. <http://bpassarelli.futuro.usp.br/pos/multiplasintelig.pdf> (2001). Acesso em 14.jan.2006

_____. **Interfaces Digitais na Educação**: @lucinações Consentidas, 2003, xxxxp, tese de Livre Docência, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2003.

PIAGET, J. **Estudos Sociológicos**. Rio de Janeiro: Editora Forense, 1973.

_____. **LÓGICA DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO**, BARCELOS: CIA ED. DO MINHO, 1980.

_____. **SEIS ESTUDOS DE PSICOLOGIA**. RIO DE JANEIRO: EDITORA FORENSE, 1967.

PORTES, A. **Social Capital**: its origins and applications in modern sociology. Annual Review Sociology, n.24, p.1-24, 1998.

POSTMAN, N. **Tecnopólio**. A rendição da cultura à tecnologia. São Paulo: Nobel, 1994.

POZO, J. I. **Teorias Cognitivas da Aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

PRETTO, N. L. (Org.) **Globalização e comunicação**. Mercado de trabalho, tecnologias de comunicação, educação à distância e sociedade planetária. Ijuí: Unijui, 1999.

_____. **Uma escola sem/com futuro**. Educação e multimídia. Campinas, S.P: Papirus, 1996.

PUTNAM, R. **Comunidade e Democracia**: a experiência da Itália moderna. 4ª.ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2005.

REICH, R. **O Trabalho das Nações**: preparando-nos para o capitalismo do século 21. São Paulo: Educator, 1994.

RHEINGOLD, H. **The virtual community**: homesteading on the electronic frontier, versão eletrônica, disponível em <<http://www.rheingold.com/vc/book/1.html>>. Acesso em 14.jan.2006.

ROGERS, E. M. **Diffusion of innovations**. 5th Edition. New York: The Free Press, 2003.

SEVCENKO, N. **Corrida para o século XXI**: no loop da montanha russa. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

SILVA, M. **Sala de aula interativa**. Rio de Janeiro: Quartet, 2000.

SIMMONSON, M. et al. **Teaching and Learning at a Distance**. Foundations of Distance Education. USA: Prentice Hall. 2000.

TAPSCOTT, D. **Geração digital**. A crescente e irreversível ascensão da geração NET. São Paulo: Makron Books, 1999.

unesco – united nations educational, scientific and cultural organization, Declaração Universal da Unesco sobre a Diversidade Cultural, Paris, 2001, p. 19, disponível em <HTTP://UNESDOC.UNESCO.ORG/IMAGES/0012/001271/127160M.PDF> acesso em 28 ago 2006

VIRILIO, P. **A bomba informática**. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.

YONEMOTO, H. W. **Proposta de Integração Entre Ensino, Aprendizagem, Comunicação e Virtualidade**: Uma Arquitetura de Reestruturação e Virtualização para o Ensino Superior, 347 f. Tese de Doutorado, Engenharia da Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO DA PESQUISA

I – Informações Pessoais

1. Qual é a sua idade?

- ☐ de 18 a 25 anos
- ☐ de 26 a 35 anos
- ☐ de 36 a 45 anos
- ☐ de 46 anos a 60 anos
- ☐ acima de 61

2. Sexo:

- ☐ F
- ☐ M

3. Possui alguma deficiência ou problema de saúde que necessite adaptação de uso do computador?

- ☐ Não
- ☐ Sim. Qual?
- ☐ Deficiência Visual
- ☐ Não distingue cores
- ☐ Deficiência auditiva
- ☐ Dificuldade de digitação
- ☐ **Outra. Descreva brevemente:**

4. País de residência:

Se outro País, qual ?

Se for Brasil, qual sua cidade de residência?

5. Que outros idiomas domina além do português?

- ☐ Inglês
- ☐ Espanhol
- ☐ **Outra. Qual?**

II - Alfabetização Digital

6. Você teve experiências anteriores com associação de ambientes virtuais à aula presencial em cursos formais?

- ☐ S Especifique curso/Instituição
- ☐ N

7. Com que frequência costuma utilizar ferramentas de Internet?

- ☐ Poucos dias na semana
- ☐ Até uma hora por dia
- ☐ Até duas horas por dia
- ☐ Até quatro horas por dia
- ☐ Mais de quatro horas por dia

8. Costuma usar quais ferramentas de interação na Internet?

- ☐ e_mail
- ☐ CHAT
- ☐ Messenger
- ☐ Newsletter
- Outras. Quais?**

9. Participa de fóruns de discussão?

- ☐ Nunca
- ☐ Sempre
- ☐ Frequentemente
- ☐ Raramente

10. Com que frequência pesquisa assuntos acadêmicos relativos à sua formação na Internet?

- ☐ diária
- ☐ semanal
- ☐ esporádica

11. Existem recursos na Internet que julga particularmente interessantes que auxiliam em suas atividades?

- ☐ Não

☐ Sim. Quais?

- ☐ Mecanismos de busca
- ☐ Agências de notícias
- ☐ Jornais e revistas online
- ☐ Grupos de discussão da sua área de especialidade
- ☐ Dicionários e Tradutores online
- ☐ Tutoriais e cursos online
- ☐ Blogg
- ☐ **Outros. Quais?**

12. Você tem Site ou Blogg pessoal?

☐ Não

☐ Sim Indique seu endereço

13. Você acredita que a associação de ambientes virtuais à aula presencial aumenta a interação entre alunos e professores?

☐ Sim

☐ Não

☐ Em parte

14. Quando você lê um hipertexto, faz os exercícios e as tarefas propostas, como vc. se sente ?

☐ Aprendendo

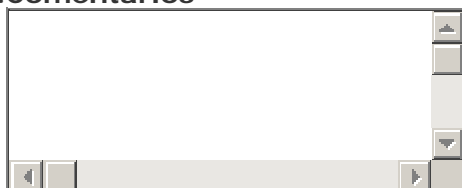
☐ Construindo conhecimento

☐ Cumprindo tarefas

15. Tem interesse em participar de cursos que associem aula presencial a um ambiente virtual de aprendizado, onde sejam desenvolvidas atividades em grupo com ferramentas de interação?

☐ Sim ☐ Não

16.Comentários



Enviar

Limpar_

APÊNDICE B – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

1. Existem cursos com apoio de ambientes virtuais implantados na Universidade/ Faculdade/ Unidade que seja do seu conhecimento?

2. Existem carências de TI observadas na Instituição ou Departamento que impactem a implantação de cursos com apoio de CVA?

3. Qual é, na sua opinião, o estágio tecnológico/cultural dos estudantes participantes nesse programa de Pós-Graduação?

4. Existe aderência à cultura virtual da Instituição ou Departamento na utilização de TI para desenvolvimento de AVA como apoio às atividades docentes?

5. Se existissem mais ambientes virtuais disponíveis na Instituição ou Departamento, o incentivo ao envolvimento em CVA pelos estudantes seria maior?

6. Programas acadêmicos, baseados em soluções de TI para apoio a cursos presenciais, têm boa aceitação?

QUADRO 11 - ROTEIRO BASE PARA OS RELATOS DO SUJEITO COLETIVO

APÊNDICE C – PAINÉIS DO DSC

ENTREVISTAS COM PARTICIPANTES DE CVA

VARIÁVEL DA MATRIZ CAPITAL SOCIAL: CAPITAL SOCIAL ESTRUTURAL

1. Existem cursos com apoio de ambientes virtuais implantados na Universidade/ Faculdade/ Unidade que seja do seu conhecimento?

Sujeito

Expressões-chave

Idéias Centrais

Sujeito A

Sim todos com WEBCT e além disso há uma Universidade Virtual – www.udg.mx com 18 reitorias, 180.000 alunos e 26.000 professores e funcionários administrativos, 174 bibliotecas, em 14 campi, 6 áreas de conhecimento (metropolitana de Guadalajara - MX, como por ex. artes – arquitetura, desenhos gráficos) – diretor geral Manoel Moreno Castañeda, Biológicas, Engenharias, Sociais, Administrativas e Saúde) e 8 regionais. Ver endereço indicado: <http://www.udgvirtual.udg.mx/noticia.php?id=96>

Utilização de ambientes virtuais

Sujeito B

Minha experiência está sendo desenvolvida em ambientes virtuais no doutorado na Carlos III onde se faz uso intensivo de novas tecnologias.

Utilização de ambientes virtuais

Sujeito C

Desenvolvimento de material docente, como apresentações, textos e documentos digitalizados e disponibilizados aos alunos através do sistema Aula Global, e da página das disciplinas do curso.

Utilização de ambientes virtuais

Sujeito D

Existem estudos e núcleos em desenvolvimento para implantação desta tecnologia.

Políticas de incentivo ao uso de recursos de TI

Sujeito E

Minha experiência com sistemas de apoio à docência na Faculdade de Jornalismo, foi muito pouca. Agora no doutorado, contamos com plataformas e sistemas para catalogação de documentos, fóruns e outros recursos de apoio à docência.

Utilização de ambientes virtuais

Sujeito F

Não existem cursos implantados na Universidade da Venezuela, porém existem projetos e núcleos em desenvolvimento que tem como objetivo formar profissionais docentes e administrativos que venham a contribuir com o desenvolvimento da aprendizagem neste formato.

Políticas de incentivo ao uso de recursos de TI

ENTREVISTAS COM PARTICIPANTES DE CVA

Sujeito G

Eu trabalho numa escola de padrão que atinge as classes sociais A e B. Temos lá um laboratório de informática bastante grande e já trabalho com tecnologia desde 96. Acompanhei todo esse crescimento e a evolução dessa tecnologia nesses 9 anos. A implantação de ambientes virtuais está em andamento.

Infra-estrutura tecnológica disponível.

Sujeito H

Tenho conhecimento de um trabalho que vem sendo realizado na Universidade Metodista, trabalho recente, que eles chamam de Aula Semi-presencial. É uma disciplina, por exemplo, que tem no curso de Biologia, dividida em aulas presenciais, laboratório, e aulas dadas em modo virtual. Como é isso? O professor conta com a ajuda de uma lista de e-mails para essa comunicação virtual de apoio às aulas presenciais.

Infra-estrutura tecnológica disponível.

Sujeito I

Sim, o WEBCT está implantado na USP, com utilização, por exemplo, no LAE/FEA/USP, no LARC/POLI/USP, que eu tenha conhecimento.

Utilização de ambientes virtuais

Sujeito J

SIM. Na Universidade Anhembi tem. A UAM se preocupa em estudar, implantar e construir ambientes virtuais. Os professores participam do EAD e são estimulados a participar de ambientes virtuais. Existem disciplinas que são ministradas online (20% - "friday free"), e a tendência é aumentar para 40% ou mais.

Utilização de ambientes virtuais

Sujeito K

No Sebrae-SP temos um curso de empreendedorismo a distância que utiliza fóruns virtuais de discussão.

Infra-estrutura tecnológica disponível.

Sujeito L

Sim, existem disciplinas, como essa ministrada na ECA/CCA/USP

Utilização de ambientes virtuais

QUADRO 12 - ECH E IC DA VARIÁVEL CAPITAL SOCIAL ESTRUTURAL

VARIÁVEL CAPITAL SOCIAL ESTRUTURAL - DSC 01 - QUESTÃO 01

Utilização de ambientes virtuais

Sim todos com WEBCT e além disso há uma Universidade Virtual – www.udg.mx com 18 reitorias, 180.000 alunos e 26.000 professores e funcionários administrativos, 174 bibliotecas, em 14 campi, 6 áreas de conhecimento. Desenvolvimento de material docente, como apresentações, textos e documentos digitalizados e disponibilizados aos alunos através do sistema Aula Global, e da página das disciplinas do curso. Na USP está implantado o WEBCT, com utilização, por exemplo, no LAE/FEA/USP, no LARC/POLI/USP, e existem disciplinas, como essa ministrada na ECA/CCA/USP.

VARIÁVEL CAPITAL SOCIAL ESTRUTURAL - DSC 02 - QUESTÃO 01

Infra-estrutura TI disponível.

Tenho conhecimento de um trabalho que vem sendo realizado na Universidade Metodista, trabalho recente, que eles chamam de Aula Semi-presencial. É uma disciplina, por exemplo, que tem no curso de Biologia, dividida em aulas presenciais, laboratório, e aulas dadas em modo virtual. Como é isso? O professor conta com a ajuda de uma lista de e_mails para essa comunicação virtual de apoio às aulas presenciais. Eu trabalho numa escola de padrão que atinge as classes sociais A e B. Temos lá um laboratório de informática bastante grande e já trabalho com tecnologia desde 96. Acompanhei todo esse crescimento e a evolução dessa tecnologia nesses 9 anos. A implantação de ambientes virtuais está em projeto.

VARIÁVEL CAPITAL SOCIAL ESTRUTURAL - DSC 03 - QUESTÃO 01

Políticas de incentivo ao uso de recursos de TI

Existem estudos e núcleos em desenvolvimento para implantação desta tecnologia. Não existem cursos implantados na Universidade da Venezuela, porém existem projetos e núcleos em desenvolvimento que tem como objetivo formar profissionais docentes e administrativos que venham a contribuir com o desenvolvimento da aprendizagem neste formato.

QUADRO 13 - FATORES IDENTIFICADOS PARA VARIÁVEL CAPITAL SOCIAL ESTRUTURAL

ENTREVISTAS COM PARTICIPANTES DE CVA

VARIÁVEL DA MATRIZ CAPITAL SOCIAL: CAPITAL SOCIAL ESTRUTURAL

2. Existem carências de TI observadas (hardware e software) na Instituição ou Departamento que impactem a implantação de cursos com apoio de CVA?

Sujeito

Expressões-chave

Idéias Centrais

Sujeito A

Não creio, porém, o que falta é mudança de atitude por parte dos professores e dos administradores para trabalhar com estas novas tecnologias, com planos e programas dirigidos. A UDG está encabeçando o programa de Rede de Internet 2 no consórcio de internet 2 da Ibero América.

Políticas de incentivo ao uso de recursos de TI

Sujeito B

Sim, tanto de hardware quanto de software.

Infra-estrutura tecnológica com carência

Sujeito C

Não. Todas as salas de aula possuem computador, com configuração de áudio, projetor e tela para projeção. São utilizados para apresentações com conteúdos audiovisuais, demonstrações práticas e aplicações em formato eletrônico. É disponibilizada uma conta para cada aluno, de forma a facilitar as comunicações sobre tutorias, esclarecimentos de dúvidas, eventos e agenda para trabalhos. Fica disponível também uma ferramenta para o desenvolvimento de conteúdos: módulo composto de conversores de formatos e ferramentas de publicação web.

Políticas de incentivo ao uso de recursos de TI

Sujeito D

O que existe é gestão inadequada no uso de ferramentas tecnológicas, e falta de investimento.

Infra-estrutura tecnológica com carência

Sujeito E

Na Universidade de Sevilha a infra-estrutura tecnológica apresentava deficiências no curso de Jornalismo e Comunicação, portanto está longe do estágio de desenvolvimento para utilização de cursos com apoio de CVA's.

Infra-estrutura de TI com carência

Sujeito F

Na Universidade Central de Venezuela há cursos em desenvolvimento para qualificação profissional para o uso de tecnologia e desenvolvimento de plataformas tanto de catalogação eletrônica para bibliotecas, quanto de CVA's.

Políticas de incentivo ao uso de recursos de TI

ENTREVISTAS COM PARTICIPANTES DE CVA

Sujeito G

Carência nenhuma, como eu falei nós corremos atrás já em 97 publicando os trabalhos na página da escola. Fomos seguindo uma evolução e nosso último trabalho foi em setembro (2005) desenvolvido com tecnologia de voz e de imagem

Políticas de incentivo ao uso de recursos de TI

Sujeito H

Nas ciências sociais e psicologia, os professores disseram, não. Não dá ainda, então não tem. Na Biologia, a direção do curso montou uma proposta, para tal e tal disciplina. Tem como fazer esse tipo de aula. Não é carência tecnológica, é escolha. É uma proposta que veio de cima para baixo e cada curso analisa a sua viabilidade, e pela estrutura que se tem, é viável para alguns cursos.

Políticas de incentivo ao uso de recursos de TI

Sujeito I

Sim, os investimentos em TI não têm prioridade na Universidade pública.

Infra-estrutura de TI com carência

Sujeito J

NÃO. A Instituição investe muito em construções (dependências, salas, laboratórios) tecnologia, parcerias, acordos nacionais e internacionais, professores, funcionários, biblioteca, comunidade, cultura. A UAM é uma Instituição empreendedora e inovadora.

Políticas de incentivo ao uso de recursos de TI

Sujeito K

Sim, como os ambientes virtuais começam a ser utilizados nos processos de gestão do conhecimento, ainda usamos ferramentas que não são as mais adequadas. No dia 10 de janeiro (2006) será lançada uma nova intranet em que a área de TI está prometendo bons ambientes de fóruns virtuais (software produzido por uma empresa brasileira chamada RM Systems). Aqui no Sebrae enfrentamos ainda uma situação de guerra de poderes entre as áreas de Gestão do Conhecimento (fraca, sem apoio da Diretoria) e de TI (forte, pelo perfil do gestor que é bem relacionado com a Diretoria). Pelo que sei, a Gestão do Conhecimento não participou da escolha do software. As escolhas da área de TI não têm se mostrado as melhores.

Infra-estrutura de TI com carência

Sujeito L

Do ponto de vista de sistema ideal, sempre existem carências de tecnologia. O que ocorre é que a tecnologia disponível não impede que as aulas com apoio de CVA aconteçam. Sempre poderia ser melhor, mas tanto é possível que estamos finalizando a disciplina CVAeP e não somos a primeira turma.

Políticas de incentivo ao uso de recursos de TI

QUADRO 14 - ECH E IC DA VARIÁVEL CAPITAL SOCIAL ESTRUTURAL

FATOR DA VARIÁVEL CAPITAL SOCIAL ESTRUTURAL - DSC 01 - QUESTÃO 02

Políticas de incentivo ao uso de recursos de TI

Não creio, porém, o que falta é mudança de atitude por parte dos professores e dos administradores para trabalhar com estas novas tecnologias, com planos e programas dirigidos. A UDG está encabeçando o programa de Rede de Internet 2 no consórcio de internet 2 da Ibero América. Não. Todas as salas de aula possuem computador, com configuração de áudio, projetor e tela para projeção. São utilizados para apresentações com conteúdos audiovisuais, demonstrações práticas e aplicações em formato eletrônico. É disponibilizada uma conta para cada aluno, de forma a facilitar as comunicações sobre tutorias, esclarecimentos de dúvidas, eventos e agenda para trabalhos. Fica disponível também uma ferramenta para o desenvolvimento de conteúdos: módulo composto de conversores de formatos e ferramentas de publicação web. O que existe é gestão inadequada no uso de ferramentas tecnológicas, porém estão em andamento políticas de incentivo ao uso de TI. Na Universidade Central de Venezuela há cursos em desenvolvimento para qualificação profissional para o uso de tecnologia e desenvolvimento de plataformas tanto de catalogação eletrônica para bibliotecas, que como eu falei nós corremos atrás já em 97 publicando os trabalhos na página da escola. Fomos seguindo uma evolução e nosso último trabalho foi em setembro (2005) desenvolvido com tecnologia de voz e de imagem.

FATOR DA VARIÁVEL CAPITAL SOCIAL ESTRUTURAL - DSC 01 - QUESTÃO 02

Infra-estrutura TI com carência

Na Universidade de Sevilla a infra-estrutura tecnológica apresentava deficiências no curso de Jornalismo e Comunicação, portanto está longe do estágio de desenvolvimento para utilização de cursos com apoio de CVA. Sim, os investimentos em TI não têm prioridade na Universidade pública. Sim, como os ambientes virtuais começam a ser utilizados nos processos de gestão do conhecimento, ainda usamos ferramentas que não são as mais adequadas. No dia 10 de janeiro (2006) será lançada uma nova intranet em que a área de TI está prometendo bons ambientes de fóruns virtuais (software produzido por uma empresa brasileira chamada RM Systems). Aqui no Sebrae enfrentamos ainda uma situação de guerra de poderes entre as áreas de Gestão do Conhecimento (fraca, sem apoio da Diretoria) e de TI (forte, pelo perfil do gestor que é bem relacionado com a Diretoria). Pelo que sei, a Gestão do Conhecimento não participou da escolha do software. As escolhas da área de TI não têm se mostrado as melhores.

QUADRO 15 - FATORES IDENTIFICADOS PARA VARIÁVEL CAPITAL SOCIAL ESTRUTURAL

ENTREVISTAS COM PARTICIPANTES DE CVA

VARIÁVEL DA MATRIZ CAPITAL SOCIAL: CAPITAL SOCIAL COGNITIVO

3. Qual é na sua opinião o estágio tecnológico/cultural dos estudantes participantes do programa, nes

Sujeito

Expressões-chave

Idéias Centrais

Sujeito A

O que se nota basicamente, é que com a modificação dos sistemas em rede, é permitido aos estudantes desenvolver trabalhos de qualquer centro universitário e ter acesso a todo o catálogo da Universidade. Além disso, observa-se o aumento de empréstimos externos de livros, materiais, e serviços na Universidade tem dobrado estatisticamente. Parte disso obedece aos planos, programas e às próprias ações que se vêm modificando nas bibliotecas com o uso das tecnologias, das ferramentas modernas, das bases de dados, e, sobretudo, com a disponibilização a todos os estudantes de um sistema de Internet gratuito em todas as bibliotecas dos 14 centros.

*Aprendizagem cooperativa em CVA's**

Sujeito B

Minha experiência acerca do uso de tecnologias virtuais está sendo desenvolvida com os colegas do doutorado. Observo que se faz uso intensivo das novas tecnologias como o correio eletrônico, através do qual recebemos informações na UCIII que nos estão sendo muito úteis, assim como links relevantes para os estudos e trabalhos. Desta forma me dei conta de que quase todos estamos familiarizados com as ferramentas, creio que com as básicas, e alguns poucos se pode dizer, que têm um domínio sobre configuração de bancos de dados e programação. Para muitos de nós que somos de países estrangeiros e conhecemos muito pouco de Comunidades Virtuais e pelas questões a nós apresentadas constato estarmos em um nível muito baixo e considero que temos que trabalhar muito mais.

Aderência à cultura virtual

Sujeito C

A minha percepção do nível tecnológico e acultramento em ambientes virtuais é que está em crescimento, até porque se observa grande número de inscrições para cursos com utilização de tecnologias multimídicas, como videoconferência e ferramentas de groupware, o que promove a

Aprendizagem cooperativa em CVA

Sujeito D

Existem diferentes níveis e graus de conhecimento entre os alunos. Há os que são iniciantes, e portanto apresentam um certo temor na utilização de recursos tecnológicos como plataformas de aprendizagem e, os que estão mais avançados, e é quando se observa o uso exagerado.

Criação da cultura virtual

ENTREVISTAS COM PARTICIPANTES DE CVA

Sujeito E

Posso falar da minha experiência com sistemas de apoio à docência, que é muito pouca. Só agora, no doutorado tenho tido mais contato com plataformas e sistemas de apoio à docência, bem como fóruns e recursos de videoconferência.

Criação da cultura virtual

Sujeito F

Na Universidade da Venezuela, observamos que há muito por fazer e crescer, diria que estamos em estágios iniciais de construção de uma cultura mais tecnológica.

Criação da cultura virtual

Sujeito G

A minha escola é extremamente privilegiada, porque, costumo dizer, que eu tenho idéias criativas e depois eu peço que as pessoas corram atrás para viabilizar com a tecnologia. Eu sou uma minoria, mesmo. Na escola é como ocorre, a gente pode fazer uso de coisas tão simples, em sala de aula, e inovando tecnologicamente. Na escola onde eu trabalho, estamos equipados, mas quando uma ferramenta não está disponibilizada o pessoal corre atrás. Neste ano, meu trabalho em sala de aula, eu observei que não estavam fazendo uso muito adequado, estavam usando o MSN com outras finalidades. Por isso resolvi trabalhar os conteúdos e aí depois que fizeram esse chat o nível nos chat's melhorou muito. Pedi para trabalhar com voz e imagem... voz pelo Skipe, que é um software livre e a imagem foi através de MSN. Nada extraordinário em termos de recursos tecnológicos, que as pessoas não tenham acesso. Foi tudo muito simples, mas muito proveitoso.

Aprendizagem cooperativa em CVA

Sujeito H

Aqui, na Universidade, a implantação foi de cima para baixo e todos os alunos têm que acompanhar, fazer acontecer, têm que aderir. Aluno quer ser aprovado, então precisa aderir ao uso e realizar. Não têm preferências no caso. Então em termos de adesão e participação, eu diria que é de 100%. Em contrapartida, a motivação para esse ambiente, é outra coisa...

Aderência à cultura virtual

Sujeito I

Dos estudantes em geral eu não sei, mas posso dizer da minha atuação. Uso freqüentemente a Internet como ferramenta de trabalho. Tenho a prática diária e constante de utilizar email. Minhas correspondências, e por vezes, entrevistas, são feitas por este canal. Nunca participei em nenhum momento do blog, não criei o hábito de utilizá-lo, e não senti necessidade de ter um blog como um caminho de interação.

Aderência à cultura virtual

ENTREVISTAS COM PARTICIPANTES DE CVA

Sujeito J

Nesse novo mundo virtual, eu também sou um estudante, e não posso e não quero parar de aprender. Acredito que estamos no começo. A internet comercial é uma criança de 10 (dez) anos, nasceu em 1995. Penso que estamos muito, mas muito mesmo no começo!

Criação da cultura virtual

Sujeito K

Os participantes dos cursos de educação a distância do Sebrae-SP dominam o uso de ferramentas de internet.

Aderência à cultura virtual

Sujeito L

A tecnologia é novidade para poucos. A grande maioria não se vê intimidada pelo uso de recursos diferenciados, ao contrário, se interessam e utilizam normalmente.

Aderência à cultura virtual

QUADRO 16 - ECH E IC PARA VARIÁVEL CAPITAL SOCIAL COGNITIVO

FATOR DA VARIÁVEL CAPITAL SOCIAL COGNITIVO - DSC 01 - QUESTÃO 03

Aprendizagem cooperativa em CVA

O que se nota basicamente, é que com a modificação dos sistemas em rede, é permitido aos estudantes desenvolver trabalhos de qualquer centro universitário e ter acesso a todo o catálogo da Universidade. Além disso, observa-se o aumento de empréstimos externos de livros, materiais, e serviços na Universidade tem dobrado estatisticamente. Parte disso obedece aos planos, programas e às próprias ações que se vêm modificando nas bibliotecas com o uso das tecnologias, das ferramentas modernas, das bases de dados, e, sobretudo, com a disponibilização a todos os estudantes de um sistema de Internet gratuito em todas as bibliotecas dos 14 centros. A minha percepção do nível tecnológico e aculturação em ambientes virtuais é que está em crescimento, até porque se observa grande número de inscrições para cursos com utilização de tecnologias multimídicas, como videoconferência e ferramentas de groupware, o que promove a aprendizagem cooperativa.

FATOR DA VARIÁVEL CAPITAL SOCIAL COGNITIVO - DSC 02 - QUESTÃO 03

Aderência à cultura virtual

Minha experiência acerca do uso de tecnologias virtuais está sendo desenvolvida com os colegas do doutorado. Observo que se faz uso intensivo das novas tecnologias como o correio eletrônico, através do qual recebemos informações na UCIII que nos estão sendo muito úteis, assim como links relevantes para os estudos e trabalhos. Desta forma me dei conta de que quase todos estamos familiarizados com as ferramentas, creio que com as básicas, e alguns poucos se pode dizer, que têm um domínio sobre configuração de bancos de dados e programação. Para muitos de nós que somos de países estrangeiros e conhecemos muito pouco de Comunidades Virtuais e pelas questões a nós apresentadas constato estarmos em um nível muito baixo e considero que temos que trabalhar muito mais. Aqui a implantação foi de cima para baixo e todos os alunos têm que acompanhar, fazer acontecer, têm que aderir. Aluno quer ser aprovado, então precisa aderir ao uso e realizar. Não têm preferências no caso. Então em termos de adesão e participação, eu diria que é de 100%. Em contrapartida, a motivação para esse ambiente, é outra coisa..A tecnologia é novidade. A grande maioria não se vê intimidada pelo uso de recursos diferenciados, ao contrário, se interessar e utilizam normalmente.

FATOR DA VARIÁVEL CAPITAL SOCIAL COGNITIVO - DSC 03 - QUESTÃO 03

Criação da cultura virtual

Posso falar da minha experiência com sistemas de apoio à docência, que é muito pouca. Só agora, no doutorado tenho tido mais contato com plataformas e sistemas de apoio à docência, bem como fóruns e recursos de videoconferência. Na Universidade da Venezuela, observamos que há muito por fazer e crescer, diria que estamos em estágios iniciais de construção de uma cultura mais tecnológica. Nesse novo mundo virtual, eu também sou um estudante, e não posso e não quero parar de aprender. Acredito que estamos no começo. A internet comercial é uma criança de 10 (dez) anos, nasceu em 1995. Penso que estamos muito, mas muito mesmo no começo!

QUADRO 17 - FATORES IDENTIFICADOS PARA VARIÁVEL CAPITAL SOCIAL COGNITIVO

ENTREVISTAS COM PARTICIPANTES DE CVA

VARIÁVEL: CAPITAL SOCIAL COGNITIVO

4. Existe aderência à cultura da Instituição ou Departamento na utilização de TI para desenvolvimento de AVA como apoio às atividades educacionais?

Sujeito

Expressões-chave

Idéias Centrais

Sujeito A

Sim, uma vez que atende instâncias em pesquisa, administração e docência.

Aderência à cultura virtual

Sujeito B

Não há preparo nem cultural, nem econômico, para implantação de CVA's no MX.

Inexistência da cultura virtual

Sujeito C

Aula Global: é uma aplicação WEB destinada a facilitar a comunicação professor-aluno. Através desta ferramenta, é feita a gestão dos grupos de docentes proporcionando a disponibilização dos materiais relacionados com os trabalhos das disciplinas. Para os alunos, é uma facilidade de acesso e obtenção dos conteúdos digitalizados.

Criação da cultura virtual

Sujeito D

Na Universidade Central de Venezuela, observa-se um certo temor com relação aos recursos tecnológicos para utilização como plataformas de aprendizagem, porém os recursos estão sendo disponibilizados por etapas.

Criação da cultura virtual

Sujeito E

Na Universidade em Madri estão em implantação recursos de ambientes virtuais para apoio às atividades educacionais em sintonia com a cultura da Instituição.

Criação da cultura virtual

Sujeito F

Estão em implantação projetos de qualificação profissional para o desenvolvimento da aprendizagem cooperativa.

Criação da cultura virtual

ENTREVISTAS COM PARTICIPANTES DE CVA

Sujeito G

Começamos desde 96 de uma forma bastante rudimentar. Meu trabalho era mais gráfico. Eu trabalhava a estrutura lingüística, um tema, fazendo intercâmbio com escolas de outros países, principalmente com a Suécia. Digo de forma gráfica, porque eu trabalhava com os estudantes com desenhos, algumas frases, e isso era escaneado e colocado na página da escola, já em 96/97. Em 96, o nosso primeiro projeto era todo escaneado e enviado por e_mail para uma escola na Suécia. A escola de lá detinha uma tecnologia que a gente ainda não dominava. Nós corremos atrás, e já em 97 publicamos na página da escola os trabalhos das crianças, e fomos seguindo uma evolução. Nosso último trabalho foi em setembro (2005) desenvolvido com tecnologia de voz e de imagem com os estudantes na Suécia e uma classe aqui, conectados em tempo real.

Aderência à cultura virtual

Sujeito H

A iniciativa para esse projeto, para esse trabalho, essa aula semi-presencial surgiu da Universidade. A instituição implantou o Ambiente Virtual, e aí o que aconteceu? Cada curso foi aderindo de acordo com a necessidade. Não sei se é competência, a palavra certa, mas de acordo com a demanda do curso. Na psicologia, os professores disseram, não. Não dá ainda.... então não tem na Biologia a direção do curso de Biologia montou uma proposta, para tal e tal disciplina. Tem como fazer esse tipo de aula. Não é carência tecnológica, é escolha. É uma proposta que veio de cima para baixo e cada curso analisa a sua viabilidade, e pela estrutura que se tem, é viável para alguns cursos.

Aderência à cultura virtual

Sujeito I

Acredito que a cultura da Instituição esteja passando por um momento de adaptação e modificações para adequar o novo, às tecnologias no ensino.

Criação da cultura virtual

Sujeito J

Sim. A instituição insiste que seus corpos docente e discente estejam atualizados com a tecnologia de ponta. De maneira geral o corpo docente utiliza o "BLACK BOARD". Exemplo específico: na engenharia de telecomunicações, utilizamos programas virtuais e rede de computadores PC para ministrar parte ou todo do conteúdo de algumas disciplinas, temos também "main frames". A Engenharia de Telecomunicações possui 3 laboratórios modernos.

Aderência à cultura virtual

Sujeito K

Essa é uma preocupação recente no Sebrae-SP. Ainda não existe uma cultura sedimentada sobre isso, mas já começam a surgir aqui e ali, utilizando ambientes virtuais nos processos de gestão do conhecimento.

Criação da cultura virtual

Sujeito L

Não – sinto que ignoram os avanços e/ou adiam investimento no segmento.

Inexistência da cultura virtual

QUADRO 18 - ECH E IC DA VARIÁVEL CAPITAL SOCIAL COGNITIVO

FATOR DA VARIÁVEL - DSC 01 - QUESTÃO 04

Aderência à cultura virtual

Existe total aderência, uma vez que atende às instâncias de pesquisa, administração e docência. O último trabalho foi em setembro (2005) desenvolvido com tecnologia de voz e de imagem com os estudantes na Suécia e uma classe aqui, conectados em tempo real. Tem como fazer esse tipo de aula. É escolha. É uma proposta que veio de cima para baixo e cada curso analisa a sua viabilidade, e pela estrutura que se tem, é viável para alguns cursos. A instituição insiste que seus corpos docente e discente estejam atualizados com a tecnologia de ponta. Em alguns cursos mais técnicos como o de engenharia de telecomunicações, são utilizados programas virtuais e rede de computadores PC para ministrar parte ou todo do conteúdo de algumas disciplinas, inclusive com suporte de "main frames". A Engenharia de Telecomunicações possui 3 laboratórios modernos.

FATOR DA VARIÁVEL - DSC 02 - QUESTÃO 04

Criação da cultura virtual

Está implantada uma aplicação WEB destinada a facilitar a comunicação professor-aluno. Através desta ferramenta, é feita a gestão dos grupos de docentes proporcionando a disponibilização dos materiais relacionados com os trabalhos das disciplinas. Para os alunos, é uma facilidade de acesso e obtenção dos conteúdos digitalizados. Essa é uma preocupação recente na instituição. Ainda não existe uma cultura sedimentada sobre isso, mas já começam a surgir aqui e ali, iniciativas utilizando ambientes virtuais nos processos de gestão do conhecimento.

FATOR DA VARIÁVEL - DSC 03 - QUESTÃO 04

Inexistência da cultura virtual

Não há preparo cultural, nem econômico, para implantação de CVA. Na instituição não existe essa prioridade, mas, pela absoluta necessidade que eu vejo de estar lançando mão na minha relação com os estudantes, eu faço uso da tecnologia de uma forma rudimentar. Sou a mediadora entre essa ponta que são os estudantes como produtores de texto e a utilização de equipamento, que está na minha casa. Sinto que ignoram os avanços e/ou adiam investimentos no segmento.

QUADRO 19 - FATORES IDENTIFICADOS PARA VARIÁVEL CAPITAL SOCIAL COGNITIVO

ENTREVISTAS COM PARTICIPANTES DE CVA

VARIÁVEL DA MATRIZ CAPITAL SOCIAL: COESÃO SOCIAL

5. Se existissem mais ambientes virtuais disponíveis na Instituição ou Departamento, o incentivo ao envolvimento em CVA pelos estudantes seria maior?

Sujeito

Expressões-chave

Idéias Centrais

Sujeito A

Há um programa P3E – para administração planejamento, programação e orçamento, e um outro que administra SIAU – sistema interno de administração. Só teremos essa resposta em algum

Adesão ao uso de TI para ações coletivas

Sujeito B

Acredito que para o curso de Comunicação, sim, pesquisas para conseguir informações relevantes, material de apoio, e para outros cursos também.

Adesão ao uso de TI para ações coletivas

Sujeito C

Minha percepção sobre as preferências dos alunos, é que a disponibilidade das ferramentas lhes facilita o trabalho acadêmico através das vantagens na troca, transmissão, armazenamento, e reutilização dos conteúdos. Os conteúdos impressos apresentados provocam a solicitação da alternativa digital aos professores.

Promoção da ação coletiva

Sujeito D

Existem fases observadas no comportamento dos alunos. Em uma situação inicial, há um certo temor com relação aos recursos de TI e uma fase seguinte quando ocorre um uso exagerado. Em vista disso a Universidade em conjunto com os professores vem tomando medidas para promover a ação coletiva na utilização dos recursos.

Promoção da ação coletiva

Sujeito E

Aqui no doutorado contamos com plataformas tecnológicas, temos foruns e outros recursos de apoio à docência, disponibilizados pela Instituição, mas na verdade é que não se utilizam de forma efetiva.

Promoção da ação coletiva

ENTREVISTAS COM PARTICIPANTES DE CVA

Sujeito F

Temos apenas projetos em andamento, não dá para saber. O que se pode adiantar é que a qualificação profissional para o uso dessa tecnologia está em andamento.

Promoção da ação coletiva

Sujeito G

Eu não acho que aumentar o número de salas virtuais seria a solução e que vá suprir as necessidades em sala de aula, principalmente dos professores para que eles se envolvam, façam uso das tecnologias de informação e comunicação. Acho que isso ajuda o professor que tem essa predisposição, tem mais opções e agrega possibilidades para a turma, o que é extremamente positivo, mas acho que não supre as necessidades.

Promoção da ação coletiva

Sujeito H

Aí tem uma coisa que é assim. Como foi colocado de cima para baixo, todos os alunos têm que acompanhar, fazer acontecer, têm que aderir. Aluno quer ser aprovado, então precisa aderir a isso e realizar. Não têm preferências no caso. Então em termos de adesão e participação, eu diria que é de 100%. Em contrapartida, a motivação para esse ambiente, é outra coisa...

Promoção da ação coletiva

Sujeito I

Por enquanto vemos a proliferação de ambientes e o investimento em TI para a promoção do coletivo. O incentivo ao envolvimento vai poder ser avaliado com a utilização.

Adesão ao uso de TI para ações coletivas

Sujeito J

Sim, com maior facilidade de seu uso em termos de horários e liberdade de utilização.

Adesão ao uso de TI para ações coletivas

Sujeito K

O curso semi-presencial facilita a execução de tarefas e oferece flexibilidade aos alunos. No caso específico da disciplina cursada, senti a necessidade dos momentos presenciais para dar continuidade ao processo de construção do conhecimento.

Produção do conhecimento

Sujeito L

Sim, a partir do momento que incorporamos a cultura de uma sociedade, o incentivo e naturalidade para acesso e uso da virtualidade trará consigo a produção e disseminação do conhecimento.

Produção do conhecimento

QUADRO 20 - ECH E IC DA VARIÁVEL COESÃO SOCIAL

FATOR DA VARIÁVEL - DSC 01 - QUESTÃO 05

Adesão ao uso de ferramentas de TI

Há um programa P3E – para administração planejamento, programação e orçamento, e um outro que administra SIAU – sistema interno de administração. Só teremos essa resposta em algum tempo. Acredito que para o curso de Comunicação, sim, pesquisas para conseguir informações relevantes, material de apoio, e para outros cursos também. Difícil responder a essa pergunta! Acredito que, quanto mais condições tecnológicas um estudante tem de aprender, melhor é. Sim, com maior facilidade de seu uso em termos de horários e liberdade de utilização.

FATOR DA VARIÁVEL - DSC 02 - QUESTÃO 05

Promoção da ação coletiva

Minha percepção sobre as preferências dos alunos, é que a disponibilidade das ferramentas lhes facilita o trabalho acadêmico através das vantagens na troca, transmissão, armazenamento, e reutilização dos conteúdos. Os conteúdos impressos apresentados provocam a solicitação da alternativa digital aos professores. Existem fases observadas no comportamento dos alunos. Em uma situação inicial, há um certo temor com relação aos recursos de TI e uma fase seguinte quando ocorre um uso exagerado. Em vista disso a Universidade em conjunto com os professores vem tomando medidas para promover a ação coletiva na utilização dos recursos. Aqui no doutorado contamos com plataformas tecnológicas, temos foruns e outros recursos de apoio à docência, disponibilizados pela Instituição, mas na verdade é que não se utilizam de forma efetiva. Eu não acho que aumentar o número de salas virtuais seria a solução e que vá suprir as necessidades em sala de aula, principalmente dos professores para que eles se envolvam, façam uso das tecnologias de informação e comunicação. Acho que isso ajuda o professor que tem essa predisposição, tem mais opções e agrega possibilidades para a turma, o que é extremamente positivo, mas acho que não supre as necessidades.

FATOR DA VARIÁVEL - DSC 03 - QUESTÃO 05

Produção do conhecimento

O curso semi-presencial facilita a execução de tarefas e oferece flexibilidade aos alunos. No caso específico da disciplina cursada, senti a necessidade dos momentos presenciais para dar continuidade ao processo de construção do conhecimento. A partir do momento em que incorporamos a cultura de uma sociedade, o incentivo e naturalidade para acesso e uso da virtualidade trará consigo a produção do conhecimento.

QUADRO 21 - FATORES IDENTIFICADOS PARA VARIÁVEL COESÃO SOCIAL

ENTREVISTAS COM PARTICIPANTES DE CVA

VARIÁVEL DA MATRIZ CAPITAL SOCIAL: COESÃO SOCIAL

6. Programas acadêmicos baseados em soluções de TI para apoio a cursos presenciais têm boa aceitação?

Sujeito

Expressões-chave

Idéias Centrais

Sujeito A

Sim, nas 16 áreas, e todas têm um apoio administrativo no centro de computação.

Adesão ao uso de TI em ações coletivas

Sujeito B

Desconhece.

Sujeito C

ADA Madrid – é um projeto desenvolvido nos últimos anos, com objetivo de possibilitar aos alunos de diversas universidades de Madrid, cursar disciplinas virtuais, fazendo uso de videoconferências, ferramentas de groupware e outras, com alta aceitação. Existe, também, uma iniciativa destinada ao desenvolvimento de cursos e disciplinas utilizando tecnologias multimídia (principalmente vídeos), havendo a facilidade de download para os alunos. Envolve também projetos de suporte à gestão acadêmica com a utilização de ferramentas para composição de grades horárias, avaliação eletrônica dos alunos, emissão de relatórios de aproveitamento, etc.

Promoção da ação coletiva pela Instituição

Sujeito D

A aceitação é muito positiva, tanto que em determinados casos há que limitar o uso dos recursos disponibilizados para solucionar o uso exagerado.

Promoção da ação coletiva pela Instituição

Sujeito E

Há disponibilização de soluções WEB para apoio a cursos presenciais, mas em verdade é que não se utilizam de forma efetiva.

Adesão ao uso de TI em ações coletivas

Sujeito F

Os projetos ainda não estão implantados. Não dá para saber.

Desconhece.

ENTREVISTAS COM PARTICIPANTES DE CVA

Sujeito G

Dentro da instituição de ensino, os projetos em CVA têm que ser extremamente significativos. Quando você tem algo a dizer, e você está envolvido em um projeto, a informação que você está buscando é verdadeira, é significativa, interessa saber, se criar significado, passa a ser relevante. Vou dar um exemplo que foi desenvolvido em junho. Foi um chat textual com estudantes daqui e da Suécia. O objetivo era descobrir os hábitos alimentares – os suecos descobrir os hábitos alimentares daqui, dos brasileiros e os daqui, os hábitos alimentares de lá. O envolvimento dos estudantes foi muito grande, na preparação das perguntas que eles fariam, na organização do chat.... E realmente

Produção do conhecimento

Sujeito H

A iniciativa para esse projeto, essa aula semi-presencial surgiu da Universidade. A instituição implantou o Ambiente Virtual, e aí o que aconteceu? Cada curso foi aderindo de acordo com a necessidade. Não sei se é competência, a palavra certa, mas de acordo com a demanda do curso.

Promoção da ação coletiva

Sujeito I

Sim, no geral o apoio de suporte virtual é bem aceito.

Adesão ao uso de ferramentas de TI

Sujeito J

Acredito que sim, pois a movimentação dos coordenadores, na sala das coordenações, dos professores, nos laboratórios é sempre muito intensa, o dia todo. A qualquer hora, se vê gente trabalhando com os microcomputadores PC. Quando um(a) professor(a) deixa de usar um desses aparelhos, tem logo um(a) outro(a) professor(a) para ocupar o lugar. Nota: chega a ter 13 ou mais aparelhos, na sala dos professores (existem várias salas) sem contar os dos laboratórios, as salas dos alunos então, são mais de cinquenta por sala. .

Adesão ao uso de ferramentas de TI

Sujeito K

Estamos em processo de implantação de cursos de EAD.

Adesão ao uso de ferramentas de TI

Sujeito L

No Mackenzie (Instituto) cheguei a fazer uso deste ambiente desde o ensino fundamental até a universidade – no fundamental “Club for you” – na universidade um outro ambiente virtual muito interessante e funcional.

Adesão ao uso de ferramentas de TI

FATOR DA VARIÁVEL COESÃO SOCIAL - DSC 01 - QUESTÃO 06

Promoção da ação coletiva

ADA Madrid – é um projeto desenvolvido nos últimos anos, com objetivo de possibilitar aos alunos de diversas universidades de Madri, cursar disciplinas virtuais, fazendo uso de videoconferências, ferramentas de groupware e outras, com alta aceitação. Existe, também, uma iniciativa destinada ao desenvolvimento de cursos e disciplinas utilizando tecnologias multimídia (principalmente vídeos), havendo a facilidade de download para os alunos. Envolve também projetos de suporte à gestão acadêmica com a utilização de ferramentas para composição de grades horárias, avaliação eletrônica dos alunos, emissão de relatórios de aproveitamento, etc. A aceitação é muito positiva, tanto que em determinados casos há que limitar o uso dos recursos disponibilizados para solucionar o uso exagerado. A iniciativa para esse projeto, para esse trabalho, essa aula semi-presencial surgiu da Universidade. A instituição implantou o Ambiente Virtual, e aí o que aconteceu? Cada curso foi aderindo de acordo com a necessidade. Não sei se é competência, a palavra certa, mas de acordo com a demanda do curso.

FATOR DA VARIÁVEL COESÃO SOCIAL - DSC 02 - QUESTÃO 06

Adesão ao uso de TI em ações coletivas

Sim, nas 16 áreas, e todas têm um apoio administrativo no centro de computação. Há disponibilização de soluções WEB para apoio a cursos presenciais, mas em verdade é que não se utilizam de forma efetiva. A movimentação dos coordenadores, na sala das coordenações, dos professores, nos laboratórios é sempre muito intensa, o dia todo. A qualquer hora, se vê gente trabalhando com os microcomputadores PC. Quando um(a) professor(a) deixa de usar um desses aparelhos, tem logo um(a) outro(a) professor(a) para ocupar o lugar. Nota: chega a ter 13 ou mais aparelhos, na sala dos professores (existem várias salas) sem contar os dos laboratórios, as salas dos alunos então, são mais de cinquenta por sala. Estamos em processo de implantação de cursos de EAD. No Mackenzie (Instituto) cheguei a fazer uso deste ambiente desde o ensino fundamental até a universidade – no fundamental “Club for you” – na universidade um outro ambiente virtual muito interessante e funcional.

FATOR DA VARIÁVEL COESÃO SOCIAL - DSC 03 - QUESTÃO 06

Produção do conhecimento

Dentro da instituição de ensino, os projetos em Comunidades Virtuais de Aprendizagem têm que ser extremamente significativos. Quando você tem algo a dizer, e você está envolvido em um projeto, a informação que você está buscando é verdadeira, é significativa, interessa saber, se criar significado, passa a ser relevante. Vou dar um exemplo que foi desenvolvido em junho. Foi um chat textual com estudantes daqui e da Suécia. O objetivo era descobrir os hábitos alimentares – os suecos descobrir os hábitos alimentares daqui, dos brasileiros e os daqui, os hábitos alimentares de lá. O envolvimento dos estudantes foi muito grande, na preparação das perguntas que eles fariam, na organização do chat.... E realmente foi um sucesso!!

QUADRO 23 - FATORES IDENTIFICADOS PARA VARIÁVEL COESÃO SOCIAL

APÊNDICE D – REPRODUÇÃO DO BLOG DA DISCIPLINA

CCVAeP

Domingo, Dezembro 11, 2005

Entrega Solene do Trabalho Coletivo da Turma 2005 do curso CCVAeP

Pareceres e Depoimentos

Nesta última semana do curso descobrimos o que Vinicius de Moraes quiz dizer com "amigo não se faz, se reconhece"!!!

Apesar do trabalho coletivo ser requisito do curso CCVAeP, portanto "obrigatório", ao longo deste percurso éramos como exploradores de dédalos. A velocidade, a razão, a lógica são qualidades louvadas na sociedade industrial. Precisávamos, no entanto, desenvolver outras tais como: perseverança, curiosidade, flexibilidade, improvisação, autocontrole e solidariedade para percorrer este trajeto e desatar o enigma desta construção, na forma de "trabouler" - como diz Rabelais. (trabouler - labirintar).

Aqui vão registradas as impressões deste "labirintar" da turma de 2005:

"O ritmo coletivo é mais rápido e dinâmico que o ritmo individual. Afronta as individualidades. Na construção do texto coletivo ocorre uma riqueza de contribuições no tratamento dos conteúdos."

"Crescimento pessoal através da negociação."

"Posturas individuais em relação à participação, cooperação e colaboração. Díficil estabelecer o ponto de equilíbrio na participação sem sentir constrangimento."

"Democracia x Negociação - utilização do voto como instrumento de decisão e não o consenso".

"Trabalho em grupo transforma as pessoas. Viemos para 'OUVIR', tínhamos coisas a aprender e ver a quebra de paradigmas".

"Adorei esse bando de mulheres!!!"

"Experiência de vivenciar esta comunidade com a riqueza na participação e nas dificuldades, principalmente na definição do tema e justificativa do trabalho coletivo."

"A dificuldade de se chegar ao consenso sobre o tema. Os debates sobre as ferramentas mais adequadas - fórum, e_mail, grupos, blog's etc. Havia falta de interação entre os participantes antes da definição do tema para o trabalho coletivo."

"Sugestão de uma área para apresentação dos participantes de forma mais descontraída e livre - um blog por exemplo".

"Experiência de outros cursos - 'sala de café' para o desenvolvimento de afetividades."

"Criação de temas geradores para direcionamento das discussões".

"Falta de hábito na utilização de fórum - espaço público".

Sugestões para os próximos cursos

1. sobre os temas apresentados cobrar a participação, passando a ser obrigatória;
2. quebrar resistências na participação das atividades;
3. criação de um espaço de negociação mais livre, menos formal;
4. conteúdo - temas sobre negociação e metodologia psico-social;
5. dinâmicas de interação para o grupo que se forma.

Sábado, Dezembro 03, 2005

Reta Final - Arremates no Texto Coletivo da CCVAeP

Postagem de Depoimentos - Turma 2005

Após quatro meses exercitando os verbos "OLHAR", "OUVIR", "LER" e "ECREVER", que passaram de triviais a atos cognitivos, construímos esta experiência vivenciada na nossa Comunidade Virtual de Aprendizagem.

No "OLHAR" e no "OUVIR" disciplinados realiza-se a percepção, mas é no "ESCREVER" que o pensamento exercita-se como produtor de um discurso que seja criativo e construtivo. É assim que Roberto Cardoso de Oliveira descreve o trabalho do antropólogo.

Encontramo-nos na reta final, nos arremates do texto coletivo construído, como pode ser visto, com "suor e lágrimas" por um caminho árduo, mas ao final gratificante, de acordo com os depoimentos dos participantes:

Izabel (2/12/2006 10:05h)

"... é como um mutirão de idéias e propostas.

Cada sujeito vai colocando o seu tijolo fixado com cimento para compor".

Adriana (2/12/2005 – 20:27h)

Ufa...estamos na etapa final, vamos lá então ao meu depoimento...

"Todo trabalho realizado em grupo dá mesmo TRA-BA-LHO. Na disciplina Construindo Comunidades Virtuais de Aprendizagem e de Prática não foi diferente. Desde o início sabia que deveria usar 100% de paciência, bom senso para conviver com as diferenças...(que não foram poucas!). Já havia participado de um trabalho coletivo em ambiente virtual e isso me ajudou reforçando em mim o espírito de equipe. Hoje, fazendo um retrospecto, vejo que não foi tão difícil assim. Importante ressaltar a flexibilidade e boa vontade demonstrada por todos para que pudéssemos concluir o nosso texto coletivo, na certeza de que estamos passando pela transição para as novas maneiras de construção do conhecimento."

Davi (2/12/2005 – 19:25h)

peçoal, lá vai o meu depoimento...

"Esse negócio de texto coletivo me fez parar para pensar. Não foi fácil e ninguém disse que ia ser. Como diria Roberto Carlos, "foram tantas emoções..." Mas por outro lado possibilitou a aproximação do grupo de uma forma que não costuma ocorrer. As pessoas se expuseram, ocorreram reconhecimentos mútuos e desse reconhecimento surgiu a sinergia que fez alguns começaram a remar. No fim estávamos todos no mesmo barco, navegando. Manter o bom-humor também foi fundamental. A sensação de cumplicidade que se tem ao final é muito gratificante. O "vencemos" é muito mais gostoso do que o "venci". Saio dessa experiência convicto de que um objetivo comum tem o poder de construir uma comunidade, seja ela virtual ou não."

Tina (2/12/2005 – 20:07h)

"No começo: indicações de textos, livros, idéias, o tema foi se formando coletivamente via fórum e presencialmente.

Após esta fase, tomamos uma iniciativa, não fora do convencional: uma divisão fragmentada da estrutura do texto coletivo: cada uma, duas ou três pessoas iriam escrever um capítulo.

Porém, ao decorrer do processo, a construção fragmentada passou a ser holística, em rede. Ao longo da construção dos capítulos, novos atores iam surgindo, dando seus pitacos, indicando citações, corrigindo um errinho aqui, outro ali. A construção estava ficando realmente coletiva no texto como um todo. Agora não mais pelo fórum, mas por e-mail: versão 1, 2, 3, chegamos, finalmente, à versão 11.

Ufa! O período de gestação deste nosso filho rendeu alguns enjões, dores nas costas e enxaquecas. Mas, deu tudo certo: o parto foi normal e o bebê está sendo batizado hoje, dia 07 de dezembro.

Se for para colocar no balãozinho:

A gestação do texto coletivo deu trabalho. E o nome do bebê? Não foi fácil escolher! Cada um dava uma sugestão... Mas, deu tudo certo. Ele nasceu e o batizado será hoje, 07 de dezembro, na ECA".

Midiam (2/12/2005 20:06h).

"Pessoal, pude absorver muito... muito mesmo... ao longo de nossa trajetória achei significativo o momento da retomada!!!

(http://200.204.149.238/moodle/file.php?file=/44/Aula_21_Midiam.ppt) - acho que era isto??!!!

Iara 3/12/2005 10:05

Vejam a criatividade!!

http://200.204.149.238/moodle/file.php?file=/44/Depoimento_Iara.ppt

Sábado, Novembro 19, 2005

Pesquisa sobre Comunidades Virtuais de Aprendizagem

Postagem da pesquisa sobre Comunidades Virtuais de Aprendizado.

Convido e agradeço a participação.

O arquivo encontra-se publicado em :

http://200.204.149.238/moodle/file.php?file=/43/Roteiro_para_Entrevista_V2.doc

Solicita-se enviar respostas para cursosweb@deltacomonline.com.br

Segunda-feira, Novembro 14, 2005

Comunicação e Gestão - PÁTIO PAULISTA

Aula do dia 09/11

Sala do Laboratório de Pós-Graduação do NICA/ ECA/USP

<http://www.patiopaulista.sp.gov.br/>

O estudo de caso apresentado provoca reflexões sobre os temas :

1. inclusão digital
2. comunicação escrita
3. comunicação em língua inglesa
4. BD de objetos de aprendizagem
5. geração de indicadores para gestão educacional pública

Na 2a. parte da aula dedicada à discussão do texto coletivo, as etapas de redação e complementação da análise conceitual foram iniciadas para o desenvolvimento do "core" do projeto que deverá ser apresentada na aula do dia 16/11.

Na aula do dia 16/11, reservada à orientação para construção da monografia, algumas correções de rota foram feitas.

Capítulo IV - colaboração e cooperação - complementar com sustentação teórica.

Capítulo V - foco no objetivo, ressaltando as dimensões do fórum para o público e privado. Tecer a análise com os relatos identificados para comprovação da hipótese.

Capítulo Metodologia - referenciar metodologia etnográfica.
Segunda-feira, Outubro 31, 2005

Interfaces na Educação - estudo de caso
Aula do dia 19/10

Sala do Laboratório de Pós-Graduação do NICA/ ECA/USP

O estudo de caso apresentado traz reflexões sérias relativas a:

1. instâncias de TI
2. instâncias de pesquisa
3. conteúdos digitais interativos
4. mediação
5. disponibilização de um espaço de visibilidade pessoal
6. modelo de implementação através de multiplicadores

Na seqüência desenvolveu-se o planejamento das atividades de construção do Texto Coletivo 2005, ficando definidos:

estrutura do trabalho:

1. metodologia
2. comunidades virtuais
3. colaboração e cooperação em ambientes virtuais de aprendizagem
4. levantamento dos dados e resultados
5. discussão dos dados
6. considerações finais

7. referências bibliográficas

responsabilidades/papéis

Izabel e Nadia - incluir no capítulo 3 definição sobre fórum, comunidade induzida e espontânea (segundo proposta de definição do Davi)

Alfredo e Sueli - metodologia (depois deve encaminhar para o Davi e Svea para complementação)

Tina, Adriana e Svea - Capítulo cooperação e colaboração Davi - organização dos depoimentos - encaminhando para análise. Será publicado no fórum para palpites de todos

Midiam e Nadia - colaboração em todos os tópicos levantados Izabel - montando o texto coletivo no word e disponibilizando na lista de emails

Anita - publicação da relatoria em blog

Sábado, Outubro 22, 2005

Teorias sobre a aprendizagem humana

Aula do dia 05/10

Sala do Laboratório de Pós-Graduação do NICA/ ECA/USP

Apresentação do conteúdo teórico para embasamento das discussões sobre o surgimento da Sociedade pós-moderna, a Sociedade do Conhecimento e como nos incluimos nela.

Dia calmo para o avanço das discussões do tema e definição de coleta dos subsídios necessários à pesquisa.

Ficou decidido que para mantermos o que Luiz Henrique de Lima Araújo afirma ser necessário:

"que dois fatores determinam o desempenho de uma comunidade virtual a interatividade e a conectividade, e que interatividade não é sinônimo de conectividade, ou seja, o fato de uma pessoa interagir virtualmente com outra não significa que estarão conectadas. A conexão pressupõe, portanto, uma qualidade dessa interação, pois é essa qualidade que gera um compromisso, uma cumplicidade entre as pessoas."

Esclarecidas as condições da pesquisa ficou assim definindo:

"Qui Out 06, 2005 9:08 pm Assunto: "Ata da aula de 05/10/05"

Olá a todos.

Nádia, sem atrapalhar a sua semana de mediação, mas prometi enviar o resumo da aula:

Partimos do rascunho publicado em 05/10 com o "esqueleto inicial" do nosso TC_2005, com a proposta sugerida pela Lina de incluir a turma de 2005 no trabalho.

Objetivos/Problema/Hipóteses

O objetivo geral do trabalho é a análise sobre a participação em fóruns de Comunidades Virtuais de Aprendizado, identificando facilidades e dificuldades. O recorte da análise está focado sobre o estudo das participações nos fóruns das Comunidades Virtuais de Aprendizado, criadas a partir da disciplina de pós-graduação - Criando Comunidades de Aprendizagem e de Prática - da Escola de Comunicações e Artes da USP, sob a regência da Profa. Brasilina Passarelli, turmas 2003 e 2004.

O estudo endogênico se justifica pela possibilidade de categorização do conteúdo dos registros do fórum e pelas pesquisas das turmas anteriores publicadas nos trabalhos coletivos e disponíveis no ambiente criado especialmente para o desenvolvimento da disciplina. A hipótese a ser estudada na análise da participação em fóruns de CVA se refere à determinação de quais aspectos, subjetivos ou técnicos, contribuem para a facilitação ou não das contribuições em discussões instaladas em fóruns virtuais.

A integração ficou estabelecida, em princípio, pela inclusão de depoimentos pessoais da nossa turma sobre a participação de cada um no fórum, como se vê, facilidades e dificuldades.

A lara sugeriu a inclusão de um recorte mais específico no objetivo geral do trabalho ficando : "O objetivo geral do trabalho é a análise sobre a participação em fóruns de Comunidades Virtuais de Aprendizado, NA CONSTRUÇÃO DE

UM TEXTO COLETIVO, identificando facilidades e dificuldades.”

Tarefas definidas pelos e para os presentes:

Alfredo e Sueli – levantamento dos conteúdos de depoimentos sobre a participação em fóruns, turma 2003

Iara e Bel - levantamento dos conteúdos de depoimentos sobre a participação em fóruns, turma 2004

Adriana e Nádia - levantamento dos conteúdos de depoimentos sobre a participação em fóruns, no tópico “Resenhas”

Midiam e Anita - levantamento dos conteúdos de depoimentos sobre a participação em fóruns, Tópico Texto Coletivo

Cristina – amarrar a bibliografia, citações e sugestões já feitas de textos e autores para o nosso referencial teórico.

Davi – está de férias pelos próximos 15 dias. (ele não sabe o que é juntar/redigir e dar um corpo a esse volume de informações que estamos levantando!!! – nos aguarde,).

P.S. A Bel já publicou o começo da nossa contextualização. "

Segunda-feira, Outubro 17, 2005

Catatonía Paradigmática e novos papéis para alunos e professores

Aula dia 28/09/2005

Sala de treinamento da Escola do Futuro (dia de paralização parcial de funcionários da USP).

Após a apresentação do conteúdo teórico, a discussão sobre o fórum do curso foi iniciada.

O "Jornalista de plantão" da turma observa que notou "ter rolado um stress" nas discussões do fórum nas semanas de greve da USP (29/08 a 16/09/05).

Acrescenta ainda ter discordado sobre a forma como se decidiu por votação e não por consenso, ao final do prazo dado para as discussões, sobre o provável tema/hipótese(s) do TEXTO COLETIVO!!

Aqui a relatora abre um parêntese para esclarecer aos leitores:

Em sala de aula foi estabelecido um prazo para a nossa comunidade - 31/08/05 - para o fechamento do tema/problema/hipótese do TEXTO COLETIVO da turma deste semestre. As propostas foram sendo apresentadas, e, dos 11 participantes do fórum, 7 haviam concordado com a proposta da "Editora" e da "Revisora nº 1". A "Relatora" (esta que vos escreve) se arvorou, fez a contagem, publicou os resultados achando que estavam todos de acordo. Ledo engano!! Faço aqui meu "mea culpa"!

O "Pacificador" concorda com o "Jornalista" e esclarece que antes das "lufadas do Katrina" que assolaram esta turma, "estavam todos envolvidos nas discussões e caminhávamos, mais ou menos, na mesma sintonia" e que com a quebra provocada pelas "discussões desnecessárias" o tema não progrediu. Comprovando o retorno aos trabalhos temos a participação da "Revisora nº 1":

"Qui Set 29, 2005 4:40 pm Assunto: de passagem.....

Tina: ficou muito bom o registro que vc fez da discussão da aula de ontem.

Adriana: A aula foi muito boa. A exposição da Lina foi brilhante. A nossa discussão sobre o texto coletivo tb foi muito produtiva. Como vc disse, temos, sim, muito trabalho pela frente.

Quarta-feira, Outubro 12, 2005

Orientação Metodológica

Aula 21/09/2005.

Laboratório de pós-graduação NICA/ECA/USP.

A definição de um trabalho coletivo passa por diversas fases. Neste ponto, os participantes do TEXTO COLETIVO estavam sofrendo das influências do Katrina. Não houve consenso sobre o tema, problema, hipótese ou justificativa.

A intervenção da Mestra foi providencial. O desconforto era sensível, visível e audível.

O conflito de idéias, e posições é bem vindo. Dele nasce a negociação, a reavaliação de posturas (quem sabe engessadas?), a colaboração e a participação construtiva.

Aplacados os ânimos, eis que começa a ser delineado o projeto, com tema, problema, hipóteses possíveis de serem comprovadas ou contestadas. As mangas estavam arregaçadas(*).

(*) de cunho popular em vocábulos documentados antes do sec.XIV na língua portuguesa - Dicionário Online Houaiss - <http://houaiss.uol.com.br>

Segunda-feira, Outubro 10, 2005

Primeiras Resenhas no Contexto de Comunidades Virtuais

AULA 3 - 24/08/2005

A construção de qualquer texto requer leituras. A construção de um TEXTO COLETIVO exige pois, muito mais.

Os participantes desta construção estão, de alguma forma, comprometidos com um projeto de qualificação pessoal. Neste sentido a coordenação de distintos pontos de vista, dada a formação multi-disciplinar dos alunos, aliada à necessidade de organização em um sistema qualquer, para nivelamento de conhecimentos e mesmo de posturas, conduz a uma estruturação não muito ordenada, auto-regulada, dinâmica e fonte de transformações na definição de limites onde transitar.

Neste ponto, foram feitas leituras para trazer a um consenso dos temas sobre os quais se poderia pensar para o TEXTO COLETIVO.

Seguem as resenhas e seus autores:

23/08/2005 TECNOPÓLIO: A RENDIÇÃO DA CULTURA À TECNOLOGIA

Anita Vera Bliska

23/08/2005 EDUCAÇÃO NA CIBERCULTURA: HIPERTEXTUALIDADE, LEITURA, ESCRITA E

Midiam Gomes

24/08/2005 TECNOPÓLIO: A RENDIÇÃO DA CULTURA À TECNOLOGIA

Cristia Alvares Beskow

24/08/2005 RESENHA DO LIVRO "EDUCAÇÃO NA CIBERCULTURA" DE ANDREA CECILIA RAMAL

Sueli Cardoso Pitta

24/08/2005 EDUCAÇÃO NA CIBERCULTURA - HIPERTEXTUALIDADE,...

Alfredo Davis Nancias Cewin

24/08/2005 RESENHA - LIVRO DA RAMAL - EDUCAÇÃO NA CIBERCULTURA

Adriana Paula Borges

27/08/2005 TECNOPÓLIO - CAPÍTULOS 6 E 7

Maria Izabel de Araujo Leao

28/08/2005 AOS QUE MORAM NOS TEMPLOS DA CIÊNCIA

Maria Izabel de Araujo Leao

30/08/2005 TEORIA E PRÁTICA DA PESQUISA CIENTÍFICA

Midiam de Melo Patricio Gomes

31/08/2005 RESENHA DO LIVRO: METODOLOGIA DO TRABALHO

CIENTÍFICO DE ANTÔNIO JOAQUIM SEVERINO

Sueli Cardoso Pitta

31/08/2005 PESQUISA EM COMUNICAÇÃO: FORMULAÇÃO DE UM MODELO
METODOLÓGICO

Anita Vera Bliska

31/08/2005 PESQUISA EM COMUNICAÇÃO: FORMULAÇÃO DE UM MODELO
METODOLÓGICO

Cristia Alvares Beskow

02/09/2005 COMO SE FAZ UMA TESE

Maria Izabel de Araujo Leao

06/09/2005 RESENHA : "PESQUISA SOCIAL: TEORIA, MÉTODO E
CRIATIVIDADE"

Iara Nordi Castelani

09/09/2005 RESENHA:ARRABAL,ALEJANDRO K. TEORIA E PRÁTICA DA
PESQUISA CIENTÍFICA. DIRETIVA,2005

Alfredo Davis Nancias Cewin

20/09/2005 EDUCAÇÃO EM REDE: UMA VISÃO EMANCIPADORA

Maria Izabel de Araujo Leao

27/09/2005 A COLABORAÇÃO E A COOPERAÇÃO EM AMBIENTES
VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM

Anita Vera Bliska

28/09/2005 FORMAÇÃO DO PROFESSOR

Nadia Moraes

03/10/2005 RESENHA - UMBERTO ECO - CAP. 4

Adriana Paula Borges

Algumas considerações ainda foram apresentadas ressaltando a linguagem hipertextual, a identificação do percurso metodológico de Bakthin, Piaget e Vigotsky e como transpor para a realidade. Os conflitos avanços e retrocessos da tecnologia e a transposição desse novo contexto e conteúdo para a sala de

aula são os desafios dos novos professores nesta perspectiva de reconstrução do conhecimento.

Domingo, Outubro 09, 2005

Do papiro à Internet e a narrativa não linear

Aula 2 - 17/08/05 <http://bpassarelli.futuro.usp.br/pos/conteudo/papiro.htm>

O pano de fundo ou a contextualização do curso é feita pela apresentação de fatos marcantes da evolução do homem de forma linear, acompanhado numa linha do tempo.

A maior participação ocorre com a apresentação do vídeo de lançamento do Macintosh, onde algumas estruturas do "status quo" são contestadas e surge fortemente a presença da mídia estabelecendo-se como o 4º poder.

As discussões giraram em torno destes momentos pinçados na linha do tempo e do impacto que o vídeo ainda causa. O debate sobre o tema do Texto Coletivo ficou para a aula do dia 24/08, com as discussões sobre as 1ªs resenhas apresentadas pelo grupo.

Quinta-feira, Outubro 06, 2005

Making Of CCVAeP

CONSTRUÇÃO DE UM TEXTO COLETIVO

Este relato faz parte de um trabalho coletivo inserido na proposta do curso de pós-graduação da Escola de Comunicações da USP, na disciplina "Criando Comunidades Virtuais de Aprendizagem e Prática", sob a orientação da Profª. Drª. Brasilina Passarelli.

A proposta é observar, tentando ser o mais isenta possível, as relações construídas (às vezes desconstruídas) pelo grupo no planejamento, pesquisa e desenvolvimento na "construção" de um Texto Coletivo, que é a monografia válida para obtenção dos créditos da disciplina.

Assim, a cada semana, tendo o curso como roteiro, um "tijolinho" ou uma

página da monografia estará sendo adicionada ou escrita, aqui documentada"em of!"

O curso teve início em 10.08.2005, mas por incompetência da relatora, só agora em outubro, ele começa a sair dos alfarrábios da "etnógrafa virtual" de plantão e passará ao seu formato virtual real.

Segunda-feira, Setembro 19, 2005

Construção do Conhecimento

Construção do Conhecimento nas CVA

Transcrição de entrevistas dos participantes da Comunidade criada no curso de CCVAeP - UCIII - Madrid - Junho 2005.

Jannette Babilonia Cortés

Exio Chaparro Martínez - Venezuela - engenheiro - doutorando em tecnologia e documentação UCIII

Rosa Domínguez Arteaga - Espanha - doutoranda UCIII

Ricardo Herrera Valera

Carlos Leal Zubiete

Sérgio Lozano García - Espanha - MS Biblioteconomia, Museo Nacional de Tecnología - doutorando em Documentação UCIII

Maria Maldonado - Venezuela - professora nível médio - convidada na Universidade Complutense de Madrid

Violeta Martín Quemada

Faustino Moreno Ceja - México - agrônomo, MS em Tecnologia, doutorando em Bibliometria

Vicente Palacios Madrid - Espanha - professor assistente Depto. Informática - doutorando em Documentação UCIII

Adilson Luiz Pinto

Sacknitê Piste Beltran - Colombia - Tecnologia e Documentação - doutoranda em Documentação UCIII

Ana Tovar Alvarado - Venezuela - doutoranda em Documentação UCIII

Rocío Zumaya Leal

posted by Anita Bliska @ 11:01 AM

Segunda-feira, Setembro 12, 2005

Artefatos Computacionais e Aprendizagem

Relação entre o uso de artefatos computacionais e aprendizagem (*)

Poucas abordagens no campo da psicologia do desenvolvimento mostram com precisão a relação entre a aprendizagem ao uso de sistemas de instrumentos e o desenvolvimento conceitual consecutivo a esse uso que é experimentado pelos indivíduos (Wertsch, 1985; Meira, 1998).

No modelo proposto pela teoria sociocultural, a ação mediada por artefatos (signo) produz a emergência de uma ferramenta mental superior (instrumento), equivalente ao artefato, num processo conhecido como internalização (Vygotsky, 1930/1985, 1985; Wertsch, 1985).

Esse conceito não descreve de forma clara a relação entre ação instrumental e desenvolvimento conceitual. Em contrapartida, as teorias construtivistas abordam o problema preocupando-se com as reorganizações sucessivas de esquemas (schèmes) (Piaget e Inhelder, 1989) e em alguns casos observando apenas o desenvolvimento conceitual que emerge (Vergnaud, 1997), sem, no entanto estabelecer uma relação direta entre os dois lados do desenvolvimento conceitual consecutivo ao uso de um instrumento.

Acreditamos haver necessidade de uma apresentação sistemática da relação entre a ação com instrumentos e o desenvolvimento conceitual. Para tratar o problema de forma completa, estamos propondo um modelo que articula duas abordagens construtivistas distintas. A primeira delas, uma teoria sobre a formação de conceitos - Teoria dos Campos Conceituais (Vergnaud, 1997) - e a Segunda, uma teoria acerca da gênese de instrumentos, i.e., da adaptação dos indivíduos ao uso de novos artefatos, computacionais entre outros (Mounoud, 1970; Rabardel, 1995). A partir desse novo modelo, podemos tratar diretamente o problema do desenvolvimento conceitual consecutivo ao uso de artefatos computacionais diversos.

(*)

Gomes Alex Sandro

Universidade Federal do Ceará (Faculdade de Educação)

posted by Anita Bliska @ 2:51 PM

ENTREVISTAS REALIZADAS NA UNIVERSIDADE CARLOS III – MADRI, ESPANHA, EM 24/06/2005.

Alunos do Programa de Doutorado em Documentação/ Departamento de Biblioteconomia e Documentação do curso de Análise Documental de Conteúdo e Organização do Conhecimento em Educação. Laboratório de Informática da Escola de Biblioteconomia e Documentação do Campus da Universidade Carlos III de Madri.

Transcrição de entrevistas gravadas em fita VHS, convertida para vídeo.

ALUNO A

**CUCBA – CENTRO UNIVERSITÁRIO CIÊNCIAS BIOLÓGICAS Y
AGROPECUÁRIAS - MX**

Sou estudante de doutorado em documentação na Universidade Carlos III de Madri, proveniente da Universidade de Guadalajara, México. Minha experiência acadêmica está relacionada na área das bibliotecas. A opinião que darei será no sentido de como vislumbro os estudantes que frequentam as bibliotecas, com uso de tecnologias, o impacto das telecomunicações, mas não posso dar uma versão significativa sobre como os estudantes vêem as comunidades virtuais de aprendizado e como é seu uso, aproveitamento e manejo.

O que se nota basicamente, é que as bibliotecas têm modificado seus catálogos e têm entrado em um sistema de rede que permite aos estudantes desenvolver trabalhos de qualquer centro universitário e ter acesso a todo o catálogo da Universidade. Além disso, o aumento de estudantes, de empréstimos externos de livros e materiais, de serviços na Universidade tem dobrado estatisticamente.

Parte disso obedece aos planos, programas e às próprias ações que se vêm modificando nas bibliotecas com o uso das tecnologias, das ferramentas modernas, das bases de dados, e, sobretudo, com a disponibilização a todos os estudantes de um sistema de Internet gratuito em todas as bibliotecas dos 14 centros, e isso faz com que diariamente os computadores à disposição dos usuários estejam ocupados. Nessa perspectiva, o uso das tecnologias é bem aproveitado pelos estudantes, e em algum momento chega a ser insuficiente e nas horas de pico das bibliotecas que conheço e pelas declarações de outros colegas posso confirmar que todas as máquinas disponíveis ficam saturadas nas horas de pico e que há que se incrementar ou promover outra série de instâncias para complementar essas necessidades dos estudantes e tenho que ressaltar que cada centro universitário, dos 14 que compõem a Universidade, possui um n. de equipamentos e recursos que facilitam aos usuários a utilização de equipamentos de mesa e *notebooks* portáteis que podem ser emprestados e levados para casa, o que é uma motivação a mais para os alunos.

Cada centro possui 50 equipamentos portáteis. Estamos falando de 14 centros universitários, o que representa um total de 700 equipamentos portáteis do complexo da Universidade, que com certeza é insuficiente, porém adicionado aos milhares de equipamentos de mesa, dão apoio ao ensino e aprendizagem aos alunos.

Qual a área de conhecimento, linha de pesquisa, programa acadêmico em estudo? (do entrevistado) Bibliometria

Existem cursos com apoio de COMUNIDADES VIRTUAIS DE APRENDIZADO implantados na Universidade/Faculdade?

Sim todos com WEBCT e, além disso, há uma Universidade Virtual – www.udg.mx com 18 reitorias, 180.000 alunos e 26.000 professores e funcionários administrativos, 174 bibliotecas, em 14 campi, 6 áreas de conhecimento (metropolitana de Guadalajara como por ex. artes – arquitetura, desenhos gráficos) – diretor geral Manoel Moreno Castañeda, Biológicas, Engenharias, Sociais, Administrativas e Saúde) e 8 regionais. Ver endereço indicado <http://www.udgvirtual.udg.mx/noticia.php?id=96>

Ver e-mail do diretor Manoel Moreno Castañeda que trabalha com esta linha de pesquisa.

Existe aderência à cultura da Instituição na utilização de tecnologias para desenvolvimento de um ambiente virtual para apoio às atividades educacionais?

Sim, totalmente em pesquisa, administração e docência.

Existem carências de tecnologia observadas (hardware e software) na Instituição que impactem a implantação de cursos com apoio de COMUNIDADES VIRTUAIS DE APRENDIZADO?

Não creio, porém, o que falta é mudança de atitude por parte dos professores e dos administradores para trabalhar com estas novas tecnologias, com planos e programas dirigidos. UDG está encabeçando o programa de Rede de Internet 2 no consórcio de internet 2 da Ibero América.

Se existissem mais ambientes virtuais disponíveis na Instituição / Instituto ou Departamento, o incentivo ao envolvimento em comunidades virtuais de aprendizado pelos estudantes seria maior?

Há um programa P3E – para administração planejamento, programação e orçamento, e um outro que administra SIAU – sistema interno de administração. Só teremos essa resposta em algum tempo.

Há um departamento, ou pessoa responsável por soluções de tecnologia WEB?

Há uma direção geral de computação e telecomunicações – que administra investiga, compra e decide. Veja o organograma.

Existem outros programas acadêmicos de outras unidades trabalhando no desenvolvimento soluções WEB para apoio a cursos presenciais?

Todos têm um encarregado de centro de computação.

Existem resistências institucionais para implantação de suporte de recursos tecnológicos para os cursos formais? Em caso positivo, quais?

Não saberia dizer. Estou fora de meu país há um ano.

Do ponto de vista dos estudantes, qual a forma de suporte WEB gostaria ver disponibilizada? Não sabe.

ALUNO B

UNIVERSIDADE AUTÔNOMA DE TAMAULIPAS

Sou formada em Ciências da Comunicação pela Universidade Autônoma de Tamaulipas - Faculdade de Comunicação de Tamaulipas – Tampico, doutoranda em Documentação na Universidade Carlos III.

Minha experiência acerca do uso de tecnologias virtuais está sendo desenvolvida com os colegas do doutorado. Observo que se faz uso intensivo das novas tecnologias através do correio eletrônico através do qual recebemos informações na UCIII, que nos estão sendo muito úteis, assim como links relevantes para os estudos e trabalhos. Desta forma me dei conta de

que, quase todos, estamos familiarizados com as ferramentas; creio que com as básicas, embora outros, se pode dizer que tem um domínio sobre a configuração de bancos de dados e programação. Para muitos de nós que somos de países estrangeiros e conhecemos muito pouco de Comunidades Virtuais, e pelas questões a nós apresentadas constato estarmos em um nível muito baixo e considero que temos que trabalhar muito mais.

Qual a área de conhecimento, linha de pesquisa, programa acadêmico em estudo? (do entrevistado)

Sociedade de informação.

Existem cursos com apoio de Comunidades Virtuais de Aprendizado implantados na Universidade/Faculdade?

Na Faculdade de Comunicação Tamaulipas – Tampico – Tamaulipas – não existem Comunidades Virtuais de Aprendizado implantadas.

Existe aderência à cultura da Instituição na utilização de tecnologias para desenvolvimento de um ambiente virtual para apoio às atividades educacionais?

Não há preparo nem cultural, nem econômico, para implantação de Comunidades Virtuais de Aprendizado.

Existem carências de tecnologia observadas (hardware e software) na Instituição que impactem a implantação de cursos com apoio de Comunidades Virtuais de Aprendizado?

Sim, tanto *hardware* quanto de *software*.

Existem necessidades identificadas, pela Instituição e pelos estudantes, que se resolvem com a implantação de ambientes virtuais?

Acredito que para o curso de Comunicação, pesquisas para conseguir informações relevantes, material de apoio, e para outros cursos também.

Há um departamento, ou pessoa responsável por soluções de tecnologia WEB?

Existe um departamento vinculado à faculdade de comunicação.

Existem outros programas acadêmicos de outras unidades trabalhando no desenvolvimento soluções WEB para apoio a cursos presenciais?

Não sabe dizer.

Os alunos têm alguma preferência para ambientes virtuais de aprendizado que gostariam de ver disponibilizada?

Não sabe dizer por não ter afinidade, agora.

Do ponto de vista da Instituição, qual a forma de suporte WEB possível de ser viabilizada?

Não sabe.

Existem resistências institucionais para implantação de suporte de recursos tecnológicos para os cursos formais? Em caso positivo, quais?

Existem problemas econômicos e não de resistências à tecnologia. Os problemas são anteriores.

ALUNO C

PROFESSOR ASSOCIADO DO DEPARTAMENTO DE INFORMÁTICA DA UNIVERSIDADE CARLOS III DE MADRI

Na Universidade Carlos III de Madri, nos baseamos para suporte à Docência, principalmente em:

- Desenvolvimento de material docente, como apresentações, textos e documentos digitalizados e disponibilizados aos alunos através do sistema Aula Global, e da página das disciplinas do curso – descritos a seguir.
- **Aula Global:** é uma aplicação *WEB* destinada a facilitar a comunicação professor-aluno. Através desta ferramenta, é feita a gestão dos grupos de docentes proporcionando a disponibilização dos materiais relacionados com os trabalhos das disciplinas. Para os alunos, é uma facilidade de acesso e obtenção dos conteúdos digitalizados.
- **Página da disciplina:** é através desta formatação no *site Aula Global* que ficam disponibilizadas informações relativas às disciplinas, como os programas, temas e agendas, etc.
- **Equipamento:** todas as classes possuem computador, configuração de áudio, projetor e tela para projeção. São utilizados para apresentações com conteúdos audiovisuais, demonstrações práticas e aplicações em formato eletrônico.
- **Correio eletrônico:** é criada uma conta para cada aluno, de forma a facilitar as comunicações sobre tutorias, esclarecimentos de dúvidas, eventos e agenda para trabalhos.
- **Ferramenta para o desenvolvimento de conteúdos:** módulo composto de conversores de formatos e ferramentas de publicação web.

Minha percepção sobre as preferências dos alunos, é que a disponibilidade das ferramentas lhes facilita o trabalho acadêmico através das vantagens da cópia, transmissão, armazenamento, e reutilização dos conteúdos. Os conteúdos impressos apresentados provocam a solicitação da alternativa digital aos professores.

As alternativas com uso de tecnologias da comunicação, em Madri que tenho conhecimento são:

- ADA Madrid – é um projeto desenvolvido nos últimos anos, com objetivo de possibilitar aos alunos de diversas universidades de Madri, cursar disciplinas virtuais, fazendo uso de videoconferências, ferramentas de *groupware* e outras.
- Existe, também, uma iniciativa destinada ao desenvolvimento de cursos e disciplinas utilizando tecnologias multimídia (principalmente vídeos), havendo a facilidade de *download* para os alunos.
- Projetos de suporte à gestão acadêmica: utilização de ferramentas para composição de grades horárias, avaliação eletrônica dos alunos, emissão de relatórios de aproveitamento, etc.

ALUNO M

UNIVERSIDADE CENTRAL DE VENEZUELA

Neste ambiente de uso das tecnologias se tem observado situações particulares na Universidade.

Em uma situação inicial quando se usa pela 1ª. vez há certo temor com relação aos recursos tecnológicos para utilização como plataformas de aprendizagem e uma fase final onde há um uso exagerado, excessivo por parte dos estudantes como solução para os problemas de pesquisa e recursos nas atividades acadêmicas na Universidade.

Em vista desta situação as autoridades da Universidade em conjunto com os professores, o departamento e a direção da escola têm tomado medidas corretivas para solucionar esta situação.

Na 1ª. situação de medo, com uso de tecnologias se tem recomendado incentivar os estudantes a entregarem seus trabalhos e atividades escolares através de ferramentas mais simples como o e_mail, como recurso obrigatório para cumprimento das atividades.

E para o uso excessivo, por parte dos estudantes no desenvolvimento de suas atividades discentes, limitar a utilização nos laboratórios de informática a um determinado tempo para permitir o uso dos recursos para os que tenham maiores dificuldades na utilização destas ferramentas tecnológicas. Com isto se soluciona, de certa maneira, e se compensa o uso exagerado, ou o pouco uso das tecnologias na Faculdade de Agronomia na Universidade Central de Venezuela.

ALUNO N

UNIVERSIDADE CARLOS III DE MADRI

Graduado em Jornalismo na Universidade de Sevilha e doutorando em documentação pela Universidade Carlos III de Madri.

Minha experiência com sistemas de apoio à docência, em particular com Comunidades Virtuais de Aprendizado é muito pouca, ou nenhuma. No curso de Jornalismo não são desenvolvidos sistemas. Estou formado desde 2000 e minha faculdade nem sequer tinha página na web. Agora, no doutorado em documentação na Universidade Carlos III, contamos com plataformas e sistemas para catalogação de documentos, temos fóruns e outros recursos de apoio à docência, mas a verdade é que não se utilizam de forma efetiva. O que ocorre é uma comunicação unidirecional quando acontece o envio de textos de interesse ou similares por parte de professores. Acontece igualmente troca de conhecimentos entre os colegas do doutorado.

ALUNA O

UNIVERSIDADE CENTRAL DE VENEZUELA

Sou procedente da Universidade Central de Venezuela, formada em psicologia, trabalho na Universidade, no núcleo central da cidade de Caracas na área administrativa, doutoranda em documentação na Universidade Carlos III.

Com relação às Comunidades Virtuais de Aprendizado temos projetos, e já existem núcleos em desenvolvimento que têm como objetivo formar profissionais docentes e administrativos que venham a contribuir com o desenvolvimento da aprendizagem neste formato. Não conheço os detalhes, mas sei que têm vinculação com o Centro de Informática e com a Faculdade de Educação. Entre os objetivos está o de desenvolver Comunidades Virtuais de Aprendizado. Por outro lado há faculdades da Universidade que desenvolvem cursos para a qualificação profissional no uso de tecnologias e principalmente para o desenvolvimento de plataformas tecnológicas de catalogação eletrônica de bibliotecas.

ENTREVISTAS REALIZADAS NA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – CCVAeP 16/11/2005

ALUNA D

Sou fonoaudióloga, com experiência em clínica, e trabalho com crianças que apresentam algum tipo de distúrbio de aprendizagem. Trabalho tanto com comunicação oral como com comunicação escrita, de crianças na faixa etária de 7 a 14 anos, atualmente desenvolvo numa clínica com psicopedagogia, psicomotricidade, terapia psicológica ludoterapia e fono. A característica do meu trabalho é atender em grupo, o que é uma escolha, não uma contingência. Trabalho numa clínica grande que atende convênios, o que me possibilita estar criando grupos, mas não só por isso, eu preferencialmente agrupo porque acho este fator interessante para o desenvolvimento do trabalho. Estou cursando mestrado na Faculdade de Educação, na área de psicologia e educação.

Existem cursos com apoio de ambientes virtuais implantados na Universidade/ Faculdade/ Unidade que seja do seu conhecimento?

Que eu saiba não, na Faculdade de Educação da Usp que eu tenha conhecimento não, que valha crédito, não. Agora fiquei curiosa, mas, que eu saiba nada é oferecido.

Existe aderência à cultura da Instituição / Instituto ou Departamento na utilização de tecnologias para desenvolvimento de um ambiente virtual para apoio às atividades educacionais?

Na instituição não existe, mas pela absoluta necessidade que eu vejo de estar lançando mão na minha relação com os estudantes com os quais trabalho, eu faço uso de tecnologia através de uma forma rudimentar, eu sou a mediadora entre essa ponta que são os estudantes como produtores de texto e a utilização de equipamento, que está na minha casa. Eu pego o que é produzido em conjunto e o que se considera que vai ser “publicado” levo para casa, digito, e trago para eles, e isso é feito “n” vezes até se considerar aceitável para poder ser publicado. Esse texto é impresso e xerocado e a gente faz esse “livrinho” com os textos deles que circula na própria clínica, além do que, cada um recebe um exemplar, leva para casa.

Existem carências de tecnologia observadas (hardware e software) na Instituição/ Instituto ou Departamento que impactem a implantação de cursos com apoio de COMUNIDADES VIRTUAIS DE APRENDIZADO?

Esqueci de mencionar, a clínica tem um site que tem efeito empresarial, comercial, de divulgação do trabalho. Nele já tem a iniciativa que não é nova, tem mais ou menos 1 ano, temos um espaço no site reservado para estarmos publicando as produções das crianças. Não só as minhas, mas as produções das crianças de outros profissionais também, mas até agora isso não está em funcionamento. Todo mundo adorou a idéia, mas não está em funcionamento. Quem dá suporte técnico é uma pessoa, que supostamente, tem um volume de demandas que ocupam todo o tempo disponível dele e acaba sempre sem atender essa área. Enfim, não está funcionando. Estou agora atrás de um outro site onde eu possa mandar essa produção das crianças online, como por exemplo, a Revista Recreio, mas agora eu desencanei, e procuro uma outra alternativa. Desisti de esperar. Eu ainda não encontrei, mas estou à procura.

Se existissem mais ambientes virtuais disponíveis na Instituição / Instituto ou Departamento o incentivo ao envolvimento em comunidades virtuais de aprendizado pelos estudantes seria maior?

Para mim é certeza. Eu acredito que existe um fascínio muito grande por parte dos estudantes pela utilização desse tipo de tecnologia, eu acho, pensando no sentido mesmo da leitura escrita, acho que é fundamental que se possa atingir esse interlocutor através da utilização de um site que se pudesse utilizar. Traria muito mais concretude para isso. Para esse interlocutor, que pudesse vivenciar muito mais diretamente isso, do que através da minha pessoa, como tem sido.

Os alunos têm alguma preferência para ambientes virtuais de aprendizado que gostariam de ver disponibilizada?

Não. Sendo bem, bem sincera, eles têm uma curiosidade muito grande. Mas acredito que o que eles dizem despertar interesse são os jogos (os poucos que têm computador em casa). Tem os que dizem utilizar por terem computador em casa, usam para chat, que eles adoram, MSN e essas coisas. Mas os estudantes têm preferência por jogos. É uma idéia minha que quando eles entenderem o que realmente está acontecendo, eles vão realmente “se ligar”!

Existem resistências institucionais para implantação de recursos tecnológicos para os cursos formais? Em caso positivo, quais?

Eu vejo não só a dificuldade técnica, ou do técnico, mas também uma falta de priorização. As pessoas não vêem a importância disso, desse tipo de trabalho que está sendo desenvolvido. Eu estou atrás por achar importante. As pessoas não vêem ou não dão essa importância.

Qual, em sua opinião, é o estágio tecnológico dos estudantes participantes do programa?

Como falei, quem tem computador em casa, estudantes que fazem utilização para jogos, não utilizam Web, os que são já adolescentes utilizam para jogos e chat. As crianças que eu atendo são na maioria de escola pública, de um nível sócio-econômico mais baixo, não têm computador em casa, e o acesso na escola é muito restrito... Do que eu sei o que eles põem a mão em computador é muito pouco, e acredito que tenda a zero.

Que região que você atende?

A clínica fica nos jardins, na Melo Alves com Rebouças, só que a gente atende periferia. São crianças do Capão Redondo, Pirituba, Jardim Ângela.

Eu atendo convênio do Iamsp, filhos de funcionários públicos que tem distúrbios de aprendizagem e que necessitam de um atendimento multidisciplinar, que o hospital não tem condição de oferecer um trabalho de clínica. Então eles fazem contratos com clínicas que possam estar oferecendo esse trabalho de psicopedagogia, psicomotricidade, fonoaudiologia e ludoterapia.

ALUNA E

Sou formada em língua e literatura inglesa pela PUC, atualmente fazendo mestrado na FFLCH/USP, no departamento de Letras Modernas, na área de inglês. Sou professora de inglês de 1ª a 4ª séries, escrevo material didático.

Experiência em ambientes virtuais de aprendizado.

Existe aderência à cultura da Instituição / Instituto ou Departamento na utilização de tecnologias para desenvolvimento de um ambiente virtual para apoio às atividades educacionais?

Eu trabalho numa escola particular em Moema, escola de padrão que atinge as classes sociais A e B. Temos lá um laboratório de informática bastante grande e já trabalho com tecnologia desde 96, acompanhei todo esse crescimento e a evolução dessa tecnologia nesses 9 anos. Trabalho com projetos via internet lá (na escola). Começamos desde 96 de uma forma bastante rudimentar. Meu trabalho era mais gráfico. Eu trabalhava a estrutura lingüística, um tema, fazendo intercâmbio com escolas de outros países, principalmente com a Suécia. Digo de forma

gráfica, porque eu trabalhava com os estudantes com desenhos, algumas frases, e isso era *escaneado* e colocado na página da escola, já em 96/97. Em 96, o nosso primeiro projeto era todo *escaneado* e enviado por *e_mail* para uma escola na Suécia. A escola de lá detinha uma tecnologia que a gente ainda não dominava. Nós corremos atrás, e já em 97 publicamos na página da escola os trabalhos das crianças, e fomos seguindo uma evolução. Nosso último trabalho foi em setembro (2005) desenvolvido com tecnologia de voz e de imagem com os estudantes na Suécia e uma classe aqui, conectados em tempo real. Fizemos aí uma troca lingüística, com uso real da língua inglesa, que é o que eu ensino em sala de aula.

Se existissem mais ambientes virtuais disponíveis na Instituição / Instituto ou Departamento o incentivo ao envolvimento em comunidades virtuais de aprendizado pelos estudantes seria maior?

Eu não acho que aumentar o número de salas virtuais seria a solução e que vá suprir as necessidades sala de aula, principalmente dos professores para que eles se envolvam, façam uso das tecnologias de informação e comunicação. Acho que isso ajuda o professor que já tem essa disponibilidade, tem mais opções, o que é extremamente positivo, mas acho que não supre as necessidades.

Qual é o incentivo na instituição para os estudantes?

Dentro da instituição de ensino, os projetos em Comunidades Virtuais de Aprendizado têm que ser extremamente significativos. Quando você tem algo a dizer, e você está envolvido em um projeto, a informação que você está buscando é verdadeira, é significativa, interessa saber, se criar significado, passa a ser relevante. Vou dar um exemplo que foi desenvolvido em junho. Foi um *chat* textual com estudantes daqui e da Suécia. O objetivo era descobrir os hábitos alimentares – os suecos descobrir os hábitos alimentares daqui, dos brasileiros e os daqui, os hábitos alimentares de lá. O envolvimento dos estudantes foi muito grande, na preparação das perguntas que eles fariam, na organização do *chat*... E realmente foi um sucesso!!

Os alunos têm alguma preferência para ambientes virtuais de aprendizado que gostariam de ver disponibilizada?

As crianças na faixa etária que eu lido, mais com relação à 3ª. e 4ª, eu acho que eles têm uma disponibilidade maior por MSN, porque fazem uso de *emoticons*, e inclusive acho interessante trabalhar com essa linguagem; nesse *chat* que trabalhamos em língua estrangeira foi estudada a adequação lingüística do *emoticon* em língua estrangeira, linguagem na norma culta, quando usar o *emoticon*, traz relevância para a criança.

E a Linguagem na forma comprimida, o “internetês”?

A utilização da compressão das palavras, é a minha pesquisa. Qual a influência dessa linguagem que é uma oralização, isto é, de uma escrita que vem da oralização da linguagem escrita. O que ocorre em várias línguas, mas é muito utilizada. É muito criticada também, mas tem sua validade, existe, e não deve ser ignorada, e não é nada mais que uma gíria, espontânea, tem códigos, tem regras, tem formas de utilização, cabe ao educador e aos pais fazerem adequação de quando usar ou não, quando cabe usar ou não.

Qual, em sua opinião, é o estágio tecnológico dos estudantes participantes do programa?

A minha escola é extremamente privilegiada, porque, costumo dizer, que eu tenho idéias criativas e depois eu peço que as pessoas corram atrás para viabilizar com a tecnologia. Eu sou uma minoria, mesmo. Na escola é como ocorre, a gente pode fazer uso de coisas tão simples, em sala de aula, e inovando tecnologicamente. Na escola onde eu trabalho, estamos equipados, mas quando uma ferramenta não está disponibilizada o pessoal corre atrás. Neste ano, meu trabalho em sala de aula, no MSN, surgiu porque eu observei que não estavam fazendo uso muito adequado, estavam usando o MSN para se agredir. Por isso resolvi trabalhar os conteúdos de língua estrangeira, e aí depois que fizeram esse *chat* o nível nos *chat's* melhorou muito.

Pedi para trabalhar com voz e imagem... voz pelo *Skype*, que é um software livre e a imagem foi através de MSN. Nada extraordinário em termos de recursos tecnológicos, que as pessoas não tenham acesso. Foi tudo muito simples, mas muito proveitoso.

E na sua avaliação?

As crianças gostaram muito. Tenho depoimentos de que eles aprenderam, e sinto que eles se interessam. O que eu percebo é que as minhas crianças falam dos suecos, como se fossem vizinhos da rua de baixo das suas casas. Eles falam dos amigos suecos como se eles estivessem na esquina. Então eu faço uso não só da tecnologia, mas da interculturalidade. Com conceitos de cultura, que entram via tecnologia, e que sem ela (a tecnologia) eu não teria isso presente nas aulas.

ALUNO F

Meu nome é Ricardo, sou psicólogo, formado pela Universidade Metodista, e atualmente estou fazendo algumas disciplinas como ouvinte na USP e, no meio do processo de seleção para o mestrado na área da PSA – Psicologia escolar e desenvolvimento Humano.

Bom, agora experiência nesses ambientes virtuais, só tenho conhecimento de um trabalho que vem sendo realizado na Universidade Metodista, trabalho recente, que eles chamam de Aula Semi-presencial. O que seria isso? É uma disciplina, por exemplo, que tem no curso de Biologia, que é dividida em aulas presenciais, laboratório, e aulas dadas em modo virtual. Como é isso? O professor conta com a ajuda de uma lista de e-mails para essa comunicação virtual de apoio às aulas presenciais.

Os alunos têm um Portal da Metodista, e tem um link que se chama **portal do aluno**, onde se tem acesso ao calendário, programa de aulas, notas, cronogramas etc.. Esse portal foi desenvolvido em uma plataforma chamada Siga. Neste portal, dentre outras coisas, tem essa parte das aulas semi-presenciais. Tem uma área para o professor onde ele coloca textos, temas de pesquisa, sugestões e tarefas. O que o aluno tem que fazer? Tem que entrar, acompanhar lá as ilustrações, pesquisas, as tarefas que o professor sugere, e quando tiver a aula presencial com o professor, o que foi visto virtualmente, digamos assim, é discutido, em termos de dúvida, no cumprimento das tarefas e tem que levar as tarefas para serem entregues. Esse é um trabalho novo lá na Metodista, e por enquanto em alguns cursos.

No meu caso na Psicologia, quando eu cursei Psicologia não tinha, e não tem ainda agora. Na Biologia, Farmácia, eu sei que tem, porque a minha irmã está cursando.

Existe aderência à cultura da Instituição/Instituto ou Departamento na utilização de tecnologias para desenvolvimento de um ambiente virtual para apoio às atividades educacionais?

A iniciativa para esse projeto, para esse trabalho, essa aula semi-presencial surgiu da Universidade. A instituição implantou o Ambiente Virtual, e aí o que aconteceu? Cada curso foi aderindo de acordo com a necessidade. Não sei se é competência, a palavra certa, mas de acordo com a demanda do curso. Na psicologia, os professores disseram, não. Não dá ainda.... então não tem.... na Biologia, a direção do curso montou uma proposta, para tal e tal disciplina. Tem como fazer esse tipo de aula. Não é carência tecnológica, é escolha. É uma proposta que veio de cima para baixo e cada curso analisa a sua viabilidade, e pela estrutura que se tem, é viável para alguns cursos.

Se existissem mais ambientes virtuais disponíveis na Instituição / Instituto ou Departamento o incentivo ao envolvimento em comunidades virtuais de aprendizado pelos estudantes seria maior?

Aí tem uma coisa que é assim. Como foi colocado de cima para baixo, todos os alunos têm que acompanhar, fazer acontecer, têm que aderir. Aluno quer ser aprovado, então precisa aderir a isso e realizar. Não têm preferências no caso. Então em termos de adesão e participação, eu diria que é de 100%. Em contrapartida, a motivação para esse ambiente, é outra coisa... Como é algo novo, acredito ter 2 anos, é novo para os alunos de 1º. ano. É inovador, é algo que assusta. O aluno tem que se cadastrar, saber como usar, etc. Como os alunos estão saindo de um ensino médio e entram na Universidade, é algo que assusta ter que participar de um ambiente totalmente novo, fazer o seu cadastro, saber como usar é assustador!

Há necessidade de um treinamento?

Quando o aluno entra na Universidade é apresentado ao Portal. Digita seu nº. de matrícula, sua senha, de acordo com um procedimento e tem todos os links para as coisas que vai precisar. O treinamento é dado nas aulas semi-presenciais, vem da parte do professor. Como se cadastrar, quais são os procedimentos para entrar no ambiente e ter acesso aos textos, e tarefas.

Aí aparecem os entraves de acesso: os textos não abrem, imagens não abrem, tarefas que requerem *download* de um *treco* qualquer, e não baixa, não funciona, um link que está travando e aí tem a resolução técnica, que demora.

E tem o problema de acesso também, mas por ser uma Universidade particular, todo mundo teria que ter acesso a um computador em casa, além do recurso dos laboratórios da Universidade. Mas não é bem assim, por que não se pode contar com essa generalização.

Tem empecilhos individuais, como alguém que por qualquer motivo não teve acesso ao texto. Tem que recorrer ao colega, ou *caçar* o professor antes da aula para resolver o problema de acesso. Portanto não é bem assim, não dá para contar com acesso 100%. Os alunos ainda se sentem meio perdidos quando há problemas tecnológicos.

Tem problemas estruturais, de desenvolvimento e de acesso, de como todo mundo vai ter acesso a tudo... Implica numa dinâmica, como dar conta da demanda de alunos, por qualquer problema, como recorrer a alguma ajuda? E, ainda esses recursos estão muito precários. Por exemplo, se ele entrar no portal e abrir o link da aula semi-presencial, e funcionar, *tá lindo!* Mas, e quando essa tecnologia não responde? Tem um entrave. Tem que ser repensado como solucionar.

Os alunos têm alguma preferência por ambientes virtuais de aprendizado que gostariam de ver disponibilizada?

Eles solucionaram esse problema, porque, por exemplo, na Biologia, que está no Campus Planalto, lá só tinha o curso de Veterinária e depois de um tempo vieram os cursos da saúde e biológicas. Isso há 3 anos. Houve a necessidade de se criar novos laboratórios com mais computadores para dar conta de mais alunos.

A princípio podia-se ter acesso à sala de bate-papos, mas, foi cortado. Depois surgiu o Orkut, que também foi restringido porque houve um período em que as salas de informática estavam cheias e todo mundo brincando em sites de bate-papo. Tentaram fechar o laboratório para trabalhos da Universidade, para alunos e professores. Agora só se tem acesso a conteúdos que competem à pesquisa e à Universidade. Agora, o aluno poder ir para a Universidade para fazer seus trabalhos, e ter acesso a ambientes de pesquisa. Fechando esses ambientes e permitindo somente acesso à pesquisa e trabalhos escolares para quem não tem acesso doméstico, fica resolvido, estando fechado o ambiente e está criado um espaço de estudos.

ALUNO G

Qual a área de conhecimento, linha de pesquisa, programa acadêmico em estudo? (do entrevistado)

Mestranda em Ciência da comunicação, Comunicação e educação.

Existem cursos com apoio de ambientes virtuais implantados na Universidade/Faculdade?

Sim, o WEBCT está implantado na USP, com utilização, por exemplo, no LAE/FEA/USP, no LARC/POLI/USP, que eu tenha conhecimento.

Existe aderência à cultura da Instituição/ Instituto ou Departamento na utilização de tecnologias para desenvolvimento de um ambiente virtual para apoio às atividades educacionais?

Sim.

Existem carências de tecnologia observadas (hardware e software) na Instituição/ Instituto ou Departamento que impactem a implantação de cursos com apoio de COMUNIDADES VIRTUAIS DE APRENDIZADO?

Sim

Existem necessidades identificadas, pela Instituição/ Instituto ou Departamento, e pelos estudantes que se resolvem com a implantação de ambientes virtuais?

Não sei se existe. Não tenho a mínima idéia

Existem outros programas acadêmicos de outras unidades trabalhando no desenvolvimento soluções de ambientes virtuais para apoio a cursos presenciais que seja do seu conhecimento?

Sim

Os alunos têm alguma preferência para ambientes virtuais de aprendizado que gostariam de ver disponibilizados?

Não sei. Não tenho a mínima idéia sobre o envolvimento dos alunos.

Existem resistências institucionais para implantação de suporte de recursos tecnológicos para os cursos formais? Em caso positivo, quais?

Sim. Professores que encontram dificuldade em utilizar as TIC's e desenvolvem resistência quanto a isso, preferindo manter o *status quo*.

Qual a sua opinião sobre o estágio tecnológico dos estudantes participantes desta comunidade virtual ou blog?

Dos estudantes em geral eu não sei, mas posso dizer da minha atuação. Uso freqüentemente a Internet como ferramenta de trabalho. Tenho a prática diária e constante de utilizar e_mail. Minhas correspondências, e por vezes, entrevistas, são feitas por este canal. Nunca participei em nenhum momento do blog. Não só por ser dessa disciplina, mas não criei o hábito de utilizá-lo, como não senti necessidade de ter o blog como um caminho de interação. Sem contar que achei que poderia ter acontecido uma participação mais efetiva, de todos, no Fórum, fato este que não ocorreu e no final do curso o Fórum inexistiu.

ALUNO H

Qual a área de conhecimento, linha de pesquisa, programa acadêmico em estudo?

Minha área de conhecimento vem das exatas (engenheiro industrial elétrico opção eletrônica, de segurança do trabalho e matemático); a linha de pesquisa no mestrado foi em educação em engenharia (elétrica); programa acadêmico em estudo: os meios de comunicação e programas virtuais de aprendizagem e prática aplicados aos alunos.

Existem cursos com apoio de ambientes virtuais implantados na Universidade/Faculdade?

SIM. Na Universidade Anhembí tem. A UAM se preocupa em estudar, implantar e construir ambientes virtuais. Os professores participam do EAD e são estimulados a participar de ambientes virtuais. Existem disciplinas que são ministradas *online* (20% - "*friday free*"), e a tendência é aumentar para 40% ou mais. A UAM tem a Universidade Virtual e ela também organiza congressos de EAD.

Existe aderência à cultura da Instituição/ Instituto ou Departamento na utilização de tecnologias para desenvolvimento de um ambiente virtual para apoio às atividades educacionais?

SIM, TOTALMENTE. A instituição insiste que seus corpos docente e discente estejam atualizados com a tecnologia de ponta. De maneira geral o corpo docente utiliza o "BLACK BOARD". Exemplo específico: na engenharia de telecomunicações, utilizamos programas virtuais e rede de computadores PC para ministrar parte ou todo o conteúdo de algumas disciplinas, temos também "*main frames*". A Engenharia de Telecomunicações possui 3 laboratórios modernos.

Existem carências de tecnologia observadas (hardware e software) na Instituição/ Instituto ou Departamento que impactem a implantação de cursos com apoio de COMUNIDADES VIRTUAIS DE APRENDIZADO?

NÃO. A Instituição investe muito em construções (dependências, salas, laboratórios) tecnologia, parcerias, acordos nacionais e internacionais, professores, funcionários, biblioteca, comunidade, cultura. A UAM é uma Instituição empreendedora e inovadora.

Existem necessidades identificadas, pela Instituição/ Instituto ou Departamento, e pelos estudantes que se resolvem com a implantação de ambientes virtuais?

Não sei responder essa pergunta! Acredito que, quanto mais condições tecnológicas um estudante tem de aprender, melhor é.

Existem outros programas acadêmicos de outras unidades trabalhando no desenvolvimento soluções de ambientes virtuais para apoio a cursos presenciais que seja do seu conhecimento?

De novo, acredito que sim, pois a movimentação dos coordenadores, na sala das coordenações, dos professores, nos laboratórios é sempre muito intensa, o dia todo. A qualquer hora, se vê gente trabalhando com os microcomputadores PC. Quando um(a) professor(a) deixa de usar um desses aparelhos, tem logo um(a) outro(a) professor(a) para ocupar o lugar. Nota: chega a ter 13 ou mais aparelhos, na sala dos professores (existem várias salas) sem contar os dos laboratórios, as salas dos alunos então, são mais de cinquenta por sala. Importante: quando menos se espera, novos aparelhos substituem os semi-novos.

Os alunos têm alguma preferência para ambientes virtuais de aprendizado que gostariam de ver disponibilizados?

Não sei, teria que fazer uma pesquisa a respeito. Eu gostei muito do pátio paulista.

Existem resistências institucionais para implantação de suporte de recursos tecnológicos para os cursos formais? Em caso positivo, quais?

Numa instituição que eu trabalhava até 16/12/2005, muito se falava e pouco se fazia. Algumas instituições, só visam lucro e nada com a qualidade do ensino. Ainda bem que não são todas, algumas.

Qual a sua opinião sobre o estágio tecnológico dos estudantes participantes desta comunidade virtual ou blog?

Nesse novo mundo virtual, eu também sou um estudante, e não posso e não quero parar de aprender. Acredito que estamos no começo. A internet comercial é uma criança de 10(dez) anos, nasceu em 1995. Penso que estamos muito, mas muito mesmo no começo!

Obs.: Anita, não sou um puxa saco da UAM, mas é impressionante ver como a Instituição é INOVADORA e IMPREENDEDORA. A cada 2(duas) semanas tem sempre novidade.

ALUNO I

Qual a área de conhecimento, linha de pesquisa, programa acadêmico em estudo?

(sou aluno especial) A inter-relação comunicação e educação, dentro da linha mais ampla de Interfaces sociais da comunicação.

Existem cursos com apoio de ambientes virtuais implantados na Universidade /Faculdade/ Unidade que seja do seu conhecimento?

No Sebrae-SP temos um curso de empreendedorismo a distância que utiliza fóruns virtuais de discussão.

Existe aderência à cultura da Instituição / Instituto ou Departamento na utilização de tecnologias para desenvolvimento de um ambiente virtual para apoio às atividades educacionais?

Essa é uma preocupação recente no Sebrae-SP. Ainda não existe uma cultura sedimentada sobre isso, mas já começam a surgir aqui e ali, utilizando ambientes virtuais nos processos de gestão do conhecimento.

Existem carências de tecnologia observadas (hardware e software) na Instituição/Instituto ou Departamento que impactem a implantação de cursos com apoio de COMUNIDADES VIRTUAIS DE APRENDIZADO?

Sim, como os ambientes virtuais começam a ser utilizados nos processos de gestão do conhecimento, ainda usamos ferramentas que não são as mais adequadas. No dia 10 de janeiro será lançada uma nova intranet em que a área de TI está prometendo bons ambientes de fóruns virtuais (software produzido por uma empresa brasileira chamada RM Systems). Aqui no Sebrae enfrentamos ainda uma situação de guerra de poderes entre as áreas de Gestão do Conhecimento (fraca, sem apoio da Diretoria) e de TI (forte, pelo perfil do gestor que é bem relacionado com a Diretoria). Pelo que sei, a Gestão do Conhecimento não participou da escolha do software. As escolhas da área de TI não têm se mostrado as melhores.

Se existissem mais ambientes virtuais disponíveis na Instituição / Instituto ou Departamento o incentivo ao envolvimento em comunidades virtuais de aprendizado pelos estudantes seria maior?

Difícil dizer, mas acho que sim, pois sei que existem no Orkut e no Yahoo comunidades de funcionários do Sebrae-SP. Como eles não encontram ambiente favorável no portal do Sebrae-SP, eles utilizam caminhos paralelos.

Existem outros programas acadêmicos de outras unidades trabalhando no desenvolvimento soluções de ambientes virtuais para apoio a cursos presenciais que seja do seu conhecimento?

Não.

Os alunos têm alguma preferência para ambientes virtuais de aprendizado que gostariam de ver disponibilizada?

Não tenho essa informação.

Existem resistências institucionais para implantação de suporte de recursos tecnológicos para os cursos formais? Em caso positivo, quais?

Existem dúvidas, mas estamos avançando. Como disse lançamos em 2005 o primeiro curso a distância. Estamos aguardando os resultados, mas existe por parte da Direção a sincera vontade de pelo saber se esse tipo de metodologia pode ser aplicado pelo Sebrae-SP.

Qual a sua opinião sobre o estágio tecnológico dos estudantes participantes desta comunidade virtual ou *blog*?

Os participantes dos cursos de educação a distância do Sebrae-SP dominam o uso de ferramentas de internet

ALUNO J

Qual a área de conhecimento, linha de pesquisa, programa acadêmico em estudo?

O uso das comunidades virtuais nas universidades, curso de pedagogia, situação espontânea, envolvimento subjetivo. Qual a motivação que permeia o seu uso e enfatiza a sua utilidade acadêmica?

Existem cursos com apoio de ambientes virtuais implantados na Universidade/ Faculdade/ Unidade que seja do seu conhecimento?

Sim, tecnologia no Coped, como complemento da pedagogia, onde ministro aulas aos sábados.

Existe aderência à cultura da Instituição / Instituto ou Departamento na utilização de tecnologias para desenvolvimento de um ambiente virtual para apoio às atividades educacionais?

Sim, mas com início nesse ano (2005), lentamente.

Existem carências de tecnologia observadas (hardware e software) na Instituição/Instituto ou Departamento que impactem a implantação de cursos com apoio de COMUNIDADES VIRTUAIS DE APRENDIZADO?

Não.

Se existissem mais ambientes virtuais disponíveis na Instituição / Instituto ou Departamento o incentivo ao envolvimento em comunidades virtuais de aprendizado pelos estudantes seria maior?

Sim, com maior facilidade de seu uso em termos de horários e divulgação.

Existem outros programas acadêmicos de outras unidades trabalhando no desenvolvimento soluções de ambientes virtuais para apoio a cursos presenciais que seja do seu conhecimento?

EAD.

Os alunos têm alguma preferência para ambientes virtuais de aprendizado que gostariam de ver disponibilizada?

Pesquisa, internet geral, fácil acesso ao uso da máquina.

Existem resistências institucionais para implantação de suporte de recursos tecnológicos para os cursos formais? Em caso positivo, quais?

Estão cogitando, nada formalizado.

Qual, em sua opinião, é o estágio tecnológico dos estudantes participantes do programa?

Em formação.

ALUNO K

Qual a área de conhecimento, linha de pesquisa, programa acadêmico em estudo? (do entrevistado)

Educação – Programa de Pós-graduação – doutorado na Faculdade de Educação – USP. Linha: Didática, teorias de ensino e práticas escolares.

Existem cursos com apoio de ambientes virtuais implantados na Universidade/Faculdade?

Sim, existem disciplinas, como essa ministrada na ECA/CCA/USP, pela profa. Brasilina Passarelli.

Existe aderência à cultura da Instituição/ Instituto ou Departamento na utilização de tecnologias para desenvolvimento de um ambiente virtual para apoio às atividades educacionais?

Acredito que a cultura da Instituição esteja passando por um momento de adaptação e modificações para adequar o novo, às tecnologias no ensino.

Existem carências de tecnologia observadas (hardware e software) na Instituição/ Instituto ou Departamento que impactem a implantação de cursos com apoio de COMUNIDADES VIRTUAIS DE APRENDIZADO?

Do ponto de vista de sistema ideal, sempre existem carências de tecnologia. O que ocorre é que a tecnologia disponível não impede que as aulas com apoio de COMUNIDADES VIRTUAIS DE APRENDIZADO aconteçam. Sempre poderia ser melhor, mas tanto é possível que estamos finalizando a disciplina Construindo Comunidades Virtuais de Aprendizagem e de Prática e não somos a primeira turma.

Se existissem mais ambientes virtuais disponíveis na Instituição / Instituto ou Departamento o incentivo ao envolvimento em comunidades virtuais de aprendizado pelos estudantes seria maior?

O curso semi-presencial facilita a execução de tarefas e oferece flexibilidade aos alunos. No caso específico da disciplina cursada, senti a necessidade dos momentos presenciais para dar continuidade ao processo de construção do conhecimento.

Existem outros programas acadêmicos de outras unidades trabalhando no desenvolvimento soluções de ambientes virtuais para apoio a cursos presenciais que seja do seu conhecimento?

Desconheço.

Os alunos têm alguma preferência para ambientes virtuais de aprendizado que gostariam de ver disponibilizada?

Não sei responder, não pensei a respeito.

Existem resistências institucionais para implantação de suporte de recursos tecnológicos para os cursos formais? Em caso positivo, quais?

Não sei responder.

Qual a sua opinião sobre o estágio tecnológico dos estudantes participantes desta comunidade virtual ou blog?

A tecnologia é novidade para poucos. A grande maioria não se vê intimidada pelo uso de recursos diferenciados, ao contrário, se interessam e utilizam normalmente.

ALUNO L

Qual a área de conhecimento, linha de pesquisa, programa acadêmico em estudo?

Sou Pedagoga, especialista em informática aplicada à educação e interesse-me por pesquisar sobre a cibercultura na educação.

Existem cursos com apoio de ambientes virtuais implantados na Universidade/ Faculdade/ Unidade que seja do seu conhecimento?

Na UNIBAN, onde atuei em 2005 como docente não há ambientes virtuais e até mesmo um pouco de resistência e/ou falta de investimento no segmento.

Existe aderência à cultura da Instituição / Instituto ou Departamento na utilização de tecnologias para desenvolvimento de um ambiente virtual para apoio às atividades educacionais?

Não – sinto que ignoram os avanços e/ou adiam investimento no segmento.

Existem carências de tecnologia observadas (hardware e software) na Instituição/Instituto ou Departamento que impactem a implantação de cursos com apoio de COMUNIDADES VIRTUAIS DE APRENDIZADO?

Sim, considerando ainda a UNIBAN, por ser uma universidade de massa... no segmento tecnológico seria necessário um altíssimo investimento para atender a demanda de alunos. Acredito que optam por adiar o assunto – ou talvez já haja um planejamento para uma implantação efetiva (que seria ideal!) – desconheço detalhes.

Se existissem mais ambientes virtuais disponíveis na Instituição / Instituto ou Departamento o incentivo ao envolvimento em comunidades virtuais de aprendizado pelos estudantes seria maior?

Sim, a partir do momento que incorporamos a cultura de uma sociedade, o incentivo e naturalidade para acesso e uso da virtualidade será natural.

Existem outros programas acadêmicos de outras unidades trabalhando no desenvolvimento soluções de ambientes virtuais para apoio a cursos presenciais que seja do seu conhecimento?

No Mackenzie (Instituto) cheguei a fazer uso deste ambiente desde o ensino fundamental até a universidade – no fundamental “Club for you” (acho que é assim que escreve) – na universidade um outro ambiente virtual muito interessante e funcional (não consigo lembrar o nome! ... city)

Os alunos tem alguma preferência para ambientes virtuais de aprendizado que gostariam de ver disponibilizada?

Desconheço

Existem resistências institucionais para implantação de suporte de recursos tecnológicos para os cursos formais? Em caso positivo, quais?

Acredito que sim... e esta resposta está pautada no nosso texto coletivo... o medo do desconhecido de tratar com a tecnologia... é outro fator abordado no nosso trabalho.

Qual, em sua opinião, é o estágio tecnológico dos estudantes participantes do programa?

Usuários – com conhecimento trivial de dia-a-dia, nada avançado.